



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita do primeiro-ministro da Jamaica, Percival Patterson

Palácio Itamaraty, 01 de novembro de 2005

Excelentíssimo senhor Percival Patterson, primeiro-ministro da Jamaica,
Senhores ministros de Estado da Jamaica e do Brasil,
Demais integrantes das delegações da Jamaica e do Brasil,
Meus amigos e minhas amigas,

É com grande satisfação que dou as boas-vindas ao primeiro-ministro Patterson.

A primeira viagem ao Brasil de um Chefe de Governo da Jamaica, acompanhado de importante comitiva ministerial, vem coroar uma aproximação há muito esperada entre nossos países.

As respectivas visitas, este ano, dos ministros Amorim e Roger Clarke sinalizaram a determinação de dar sentido prático ao alto grau de afinidade entre nossos governos e nossos povos.

Compartilhamos os valores da democracia e da liberdade. Estamos engajados em projetos de desenvolvimento com inclusão social, defendemos um sistema internacional mais solidário, fundado na legitimidade e na justiça.

Nossas afinidades abrem oportunidades de cooperação e parceria de grande potencial. No campo dos combustíveis renováveis e da agricultura tropical, já estamos levando adiante projetos concretos.

Os biocombustíveis oferecem uma resposta estratégica para o desafio dos preços crescentes do petróleo, da poluição ambiental e do aquecimento global.



A Jamaica, país com forte tradição açucareira, reúne todas as condições para apostar na indústria do etanol e, assim, diversificar sua matriz energética.

Representantes jamaicanos visitarão proximamente usinas e instituições da cadeia produtiva e de distribuição de etanol. Terão, também, oportunidade para obter informações sobre regulamentação e financiamento da produção e exportação do produto.

Também estamos aprofundando nosso intercâmbio na pesquisa e no cultivo de frutas tropicais, em que somos ambos competitivos. Os contatos técnicos, que contam com a parceria da Embrapa, resultaram num acordo que acaba de ser assinado.

Estamos estudando esquemas para facilitar que a Jamaica adquira máquinas e equipamentos que tornarão ainda mais competitiva sua produção agrícola.

Queremos também ampliar a cooperação na área da saúde. Vamos aproveitar a experiência brasileira na prevenção e tratamento da Aids e a reconhecida competência jamaicana no manejo da anemia falciforme.

Há igualmente muito a fazer para dinamizar nossos vínculos econômicos e comerciais. O estabelecimento de uma conexão aérea direta e regular concretizará o grande potencial do turismo e dos negócios entre os dois países.

Meu caro primeiro-ministro Patterson,

No mês de fevereiro passado, no Suriname, tive a honra de ser o primeiro Presidente brasileiro a participar, como convidado, de uma reunião de cúpula da Comunidade do Caribe. Afirmei, naquela ocasião, a decisão do governo brasileiro de estabelecer uma sólida parceria com os países dessa região.

Não me canso de repetir que, unindo forças e compartilhando objetivos, conquistaremos o respeito político e o interesse econômico de nossos parceiros.

A presença da Guiana e do Suriname na Comunidade Sul-Americana de



Nações lançou uma ponte de diálogo e colaboração entre nossas duas regiões. Jamaica e Brasil têm uma responsabilidade compartilhada em fazer avançar a associação entre nossos blocos regionais. Por isso, estamos na dianteira dos esforços para concluir um acordo de livre comércio entre o Mercosul e a Caricom.

A determinação brasileira de renovar suas relações com o Caribe traduziu-se na pronta resposta à convocatória das Nações Unidas para comandarmos a missão de estabilização no Haiti. É nosso desejo que o Haiti seja exemplo de um novo paradigma da cooperação internacional para a solução de conflitos. Estamos convencidos de que a verdadeira estabilização do país requer um governo democrático e um ambiente de respeito aos direitos fundamentais do povo haitiano. É por isso que o Brasil apóia todos os esforços de normalização das relações entre a Caricom e o Haiti. Estou convencido de que será por meio da inserção – e não do isolamento – que contribuiremos para a reconciliação e reconstrução do Haiti.

Senhor Primeiro-Ministro,

As relações entre Jamaica e Brasil têm uma vocação universal. Estamos empenhados na conformação de uma ordem mundial mais representativa, onde os países em desenvolvimento conquistem um espaço maior e mais coeso.

Defendemos um multilateralismo mais robusto e solidário, capaz de responder às exigências de um mundo complexo, marcado por novos desafios à segurança coletiva e pela globalização desigual.

Uma atuação destacada no seio do G-77 atesta as credenciais internacionalistas da Jamaica. Sei que poderemos contar com o empenho e a experiência jamaicana na atualização do sistema das Nações Unidas.

Meu caro primeiro-ministro Patterson,

Brasileiros e jamaicanos temos muito em comum: a alegria de viver, a paixão pelo futebol, o gosto inato pela dança e pela música. A Jamaica, assim



como o Brasil, exportou ritmos e símbolos que se tornaram universais. O *reggae* foi a expressão maior de uma cultura que soube aliar a alegria da música e da dança a uma mensagem poderosa de transformação social.

No Brasil, o ritmo jamaicano encontrou solo fértil e conquistou nossos corações. Em Salvador da Bahia e em São Luis do Maranhão – a capital do *reggae* – tornou-se fenômeno de multidões.

É com esse espírito de alegria, proximidade e solidariedade que quero transmitir às autoridades e empresários jamaicanos e brasileiros minhas esperanças de que se engajem efetivamente para tornar as relações entre nossos países muito mais intensas e produtivas em prol do desenvolvimento de nossos povos.

Senhor Primeiro-Ministro, que esta seja uma visita de muito êxito e de muita alegria.

Muito obrigado.



**Intervenção do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
Segunda Sessão da IV Cúpula das Américas**

Mar del Plata – Argentina, 05 de novembro de 2005

Presidente Kirchner,
Presidentes e amigos.

Eu penso que o tema do emprego é um tema não só pertinente, como acho que o discurso do presidente Kirchner, ontem, deixou claro os avanços que aconteceram na Argentina e que certamente aconteceram em outros países da América Latina. Eu queria, nesta pequena exposição, dizer aos presidentes que nestes 35 anos, seja como dirigente sindical, ou como dirigente político, eu vivi três momentos importantes na América Latina. Primeiro, a década de 70, quando tínhamos regimes autoritários em vários países, mas que por conta do endividamento interno e externo dos países, tivemos uma política quase que de pleno emprego em muitos países da América Latina.

Depois, a década de 80, quando tivemos que começar a pagar a dívida, nós ficamos praticamente de 1980 a 2002, num processo de estagnação na grande maioria dos países da América Latina, sobretudo, no meu País. Durante os 22 anos em que estivemos estagnados, ou tivemos crescimento medíocre – e digo isso, porque era dirigente sindical em 80 e passava parte dos meus dias me levantando às 5 horas da manhã para ir na porta de fábrica, chorar junto com os trabalhadores o desemprego – e depois, quando entrou a década de 90, foi a época do desmonte dos Estados Nacionais. No Brasil, por exemplo, foram vendidas quase todas as empresas públicas que nós tínhamos.



Em outros países foi vendido zoológico, foram vendidos aeroportos, foram vendidas empresas de avião, ou seja, até parque de recreação infantil foi privatizado em nome de uma chamada modernidade que nos causou enormes transtornos e enormes prejuízos. A partir do século XXI e de 2002, sobretudo, se nós olharmos esta mesa aqui, vamos perceber a mudança substancial que houve na América Latina. Tem pessoas que estão aqui, eleitas Presidentes da República, que na teoria clássica jamais poderia ter sido eleito Presidente da República. E fomos eleitos porque conseguimos encontrar um discurso que despertou esperança em toda a gente de nossos países, mas, sobretudo na gente mais pobre de cada País. E aqui estamos, quase todos com dois ou três anos de mandato podendo explicitar o que fizemos, ou não fizemos, em nossos países. Por isso, comecei falando do discurso do presidente Kirchner, que traduziu, com muita fidelidade, aquilo que é o resultado prático da sua gestão à frente da Argentina.

No Brasil, e eu respeito profundamente as particularidades de cada País, nós tínhamos problemas enormes e imaginávamos que talvez fosse muito difícil de serem superadas. Um endividamento interno insuportável, o Estado brasileiro totalmente desmontado. E nos dedicamos, nesses 34 meses, sem ficar questionando o que tinha acontecido anteriormente, a produzir aquilo que nós entendíamos que era necessário produzir. Recuperamos as nossas relações externas, recuperamos a credibilidade dos investidores, recuperamos a credibilidade dos credores, recuperamos a credibilidade interna no País. E 36 meses depois, eu posso numa reunião em que estamos discutindo emprego e desenvolvimento, emprego e democracia dar um dado para vocês, que para mim é muito importante. Nos oito anos que antecederam o meu governo, a média positiva entre trabalhadores demitidos e trabalhadores contratados, tinha uma média de apenas 8 mil novos empregos por mês. E nestes 34 meses de governo, a média positiva é de 105 mil novos empregos por mês. Já chegamos a 3.600.000 (três milhões e seiscentos mil) novos empregos formais, dando ao



trabalhador a sua cidadania. Bem, nós conseguimos provar de que era possível você ter uma política de exportação fortalecendo o mercado interno. Isso parecia impossível no Brasil. Nós conseguimos provar que era possível crescer com inflação baixa. Isso também era impossível no Brasil. O resultado, é que nós estamos chegando aos três anos de governo com uma situação, senão a que eu desejava, senão a perfeita, mas a melhor dos últimos 20 anos na República Federativa do Brasil. Fizemos um processo de inclusão bancária. Mais de seis milhões de pessoas pobres, que nunca tinham passado na porta de um banco, hoje têm a sua conta bancária. Fizemos crédito consignado, com desconto em folha, por metade dos juros que tinham antes desta nova medida. E já emprestamos em dois anos mais de US\$ 10 bilhões aos trabalhadores e aposentados que tomam dinheiro emprestado e que descontam no dia do pagamento apenas o equivalente a 30% do seu salário. Já fizemos através do programa Fome Zero, atendendo oito milhões de famílias, e em dezembro chegaremos a 8 milhões e 700 mil famílias, garantindo a eles não apenas o direito à alimentação, mas a obrigatoriedade de colocar as crianças na escola e de colocar as crianças para tomar as vacinas e para a mãe gestante fazer os exames. E mais ainda, aprovamos o Estatuto do Idoso, que colocou as pessoas idosas, assim como os deficientes físicos, a receberem, em dois anos, mais de US\$ 2,5 bilhões pagando um salário mínimo. Sem que, em momento algum, abrissemos mão da seriedade da política fiscal, que era necessária. Porque, como fazia na minha casa, quando trabalhava, eu tenho que fazer no governo: só posso gastar aquilo que eu tenho ou aquilo eu vou receber. Não posso fazer dívidas para que novas gerações venham a pagar. Bem, isso colocado, eu quero dizer aos presidentes aqui: de que seja possível, se cada um de nós conhecer profundamente o que está acontecendo em cada país, voltarmos depois de uma reunião dessas, com novas idéias, com novas sugestões e quem sabe colocá-las em prática, no tempo que resta para que possamos governar. Este ano, estamos colocando na escola 980 mil



adolescentes entre 15 e 24 anos, que são a parte da população mais vulnerável, que tinham parado de estudar, estamos colocando, seja através de programas como “Escola de Fábrica”, seja através do programa “Pró Jovem” em convênio com as prefeituras, para voltar à escola, aprender o ensino fundamental e ao mesmo tempo aprender uma profissão, para que possam adentrar ao mercado de trabalho. Criamos um programa chamado PC Conectado, programa em que pretendemos vender um milhão de computadores à parte mais pobre da população, para pagar no máximo de US\$ 25 a US\$ 30 dólares por mês e o governo vai ajudar as famílias mais pobres, dando um desconto nos impostos pagos pelo computador. Estas experiências, e certamente cada País aqui tem uma experiência bem-sucedida, ou, mais do que uma experiência, ela combina com a necessidade que nós temos de acreditar que estamos num momento de oferecer a nossa sociedade um novo tipo de emprego, mais qualificado e um emprego mais exigido pelo mercado, que é o emprego do conhecimento. E isso só pode ser feito através de um sistema muito forte de investimento na área educacional. Este ano, em janeiro, nós colocamos mais 112 mil novos jovens na Universidade, num convênio que fizemos com a iniciativa privada, descontando o imposto e o equivalente ao imposto a ser transformado em bolsa de estudo para os pobres da periferia das escolas públicas e, desses, uma cota para os pobres negros. E conseguimos este ano, neste ano, neste programa, fazer com que 38 mil jovens, mulheres e homens, negros, pudessem entrar numa Universidade. Ora, estes programas, só podem ser feitos se todos nós tivermos consciência de que a macroeconomia é muito importante, o receituário das instituições financeiras são extremamente importantes, o superávit primário é muito importante, tudo é muito importante. Mas é muito mais importante nós termos em conta que: ou nós pagamos as dívidas que temos com a sociedade brasileira, com a sociedade sul-americana, com a sociedade da América Latina e do mundo inteiro, ou, nós iremos atravessar um século tão pobre como terminamos o



século passado. E aí, entram discussões importantes para gerar empregos nos nossos países. Eu diria discussões que são extremamente importantes.

Muitas vezes quando estamos na frente de países ricos, como Canadá e como os Estados Unidos, muitas vezes ficamos pensando que eles poderiam ajudar a resolver os nossos problemas. E os nossos problemas são nossos. Muitas vezes as elites que dirigiram os nossos países, antes de nós, se subordinaram de tal forma às doutrinas que pregavam facilidades e os anos 80 e 90, foram pródigos nisso. É só ver o que aconteceu em cada país na América Latina, que a gente percebe que não existe mágica, não existe facilidade e não existe ninguém disposto a ajudar outro país se nós mesmos não dermos os passos necessários para que alguém nos ajude. Ou seja, primeiro, nós temos que agir com seriedade, primeiro nós temos que fazer as coisas que precisam ser feitas a partir de nós.

Eu não sei se foi o Kirchner ou quem falou aqui, ontem, o capital estrangeiro é muito bem-vindo e todos nós queremos que ele venha para cada país. Entretanto, a base do desenvolvimento depende do nosso próprio esforço, depende da nossa própria capacidade de investimento. O empresário brasileiro, ou argentino, ou americano, ou venezuelano, ou da Costa Rica, ele só vai investir em outro país, da mesma forma que nós só depositamos o nosso dinheiro num banco, se tivermos garantia que o banco vai nos devolver, e ainda pagar uma taxa de juros. O empresário só vai investir, se ele tiver a garantia, e vai investir, se tem mercado, mão-de-obra qualificada, infraestrutura e se tem estabilidade, tanto institucional, quando econômica para ele investir. Então, nós temos uma tarefa para fazer e acho que estamos fazendo.

Quero dizer aos presidentes que eu me orgulho muito de ter vivido este momento na América Latina e na América do Sul. E que nós saímos de um Mercosul fracassado em 2002, para a construção não apenas do fortalecimento do Mercosul, mas da constituição da Comunidade Sul-Americana de Nações. Durante séculos, o Brasil ficou de costas para América do Sul, olhando para os



Estados Unidos e para a União Européia, achando que tudo que era bom para os Estados Unidos era bom para o Brasil, ou tudo que era bom para a Europa era bom para o Brasil.

Durante muito tempo – a Bolívia está aqui – a Bolívia achava que o Brasil era um país imperialista do continente e que, portanto, os empresários bolivianos tinham medo dos empresários brasileiros e não tinham medo dos empresários de outros países. Durante muito tempo a Argentina e Brasil desconfiavam um do outro e assim por diante. Nós estamos conseguindo um feito inusitado, apesar das nossas diferenças, nós, hoje, estamos convencidos que não existe saída individual para nenhum país, não existe saída individual. Ou nós encontramos soluções conjuntas para financiar a nossa infra-estrutura, ou nós encontramos soluções conjuntas para facilitar o nosso comércio, ou nós não teremos solução.

Por isso, eu acho que essa reunião é importante, e ninguém pode sair frustrado porque não saiu daqui com a solução dos seus problemas. Eu queria, Kirchner, pedir licença apenas para falar de um assunto que não estava na pauta, porque eu recebi a programação e a programação falava: emprego, emprego e emprego. Eu vim preparado para discutir emprego, mas cheguei aqui estava se discutindo outras coisas, e eu queria abordar, apenas para deixar registrado na reunião, a questão do livre comércio, a questão da Alca, eu vou dizer uma coisa a respeito disso. Vou ser rapidinho.

Primeiro, o debate sobre comércio não pode ser uma coisa ideologizada. Eu disputei as eleições de 2002 numa guerra de quem era a favor da Alca ou quem era contra a Alca, cada debate tinha que explicar. Ou seja, depois, ganhei as eleições, houve o Acordo de Miami, em 2003, que estabeleceu parâmetros para se discutir esse assunto. Segundo, para o Brasil não faz sentido falar em livre comércio enquanto persistem os gigantescos subsídios da agricultura que desnivelam o campo de jogo. Terceiro, daí a prioridade da OMC, onde se pode tratar efetivamente dessa questão.



Por outro lado, não há modelos únicos para relações comerciais. Na Alca se estava discutindo antes de Miami, em 2003, temas que iam muito além do comércio como regras para investimentos, compras governamentais etc., que limitavam a possibilidade de políticas industriais tecnológicas etc. Por isso, propusemos e obtivemos redefinições da base das negociações. Para o Mercosul e para o Brasil, eu acredito, (inaudível) nós temos negociado com outros países em desenvolvimento acordos em que tomamos plenamente em conta as assimetrias e sensibilidades dos países menos avançados. O mesmo princípio deve reger as negociações hemisféricas. Estamos dispostos a continuar essas discussões, mas não podemos fixar prazos artificiais que não serão cumpridos e que apenas causarão desgastes. Por isso, preferíamos avaliar a situação após Hong Kong, a luz do que ocorrer, sobretudo quando definirmos, claramente, a questão dos subsídios na reunião de Doha.

Obrigado, Presidente (Kirchner)!



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita oficial ao Brasil do Presidente dos Estados Unidos da América, George W. Bush

Granja do Torto, 06 de novembro de 2005

Excelentíssimo senhor George W. Bush, presidente dos Estados Unidos da América e sua senhora Laura Bush,

Minha querida esposa Marisa Letícia Lula da Silva,

Senhores e senhoras integrantes das delegações dos Estados Unidos e do Brasil,

Jornalistas brasileiros,

Jornalistas americanos e jornalistas de todos os países que estão presentes.

A presença do Presidente Bush entre nós expressa, em grau elevado, o aprofundamento do diálogo entre nossos Governos. Em dezembro de 2002, antes de minha posse, o Presidente Bush teve a gentileza de receber-me na Casa Branca. Em junho de 2003 estive de novo com ele em importante encontro de trabalho em Washington.

Foram muitas as reuniões que mantivemos em encontros internacionais nestes quase três anos de governo. Trocamos cartas e conversamos várias vezes por telefone.

A visita de hoje está sendo uma oportunidade privilegiada para discutirmos os muitos temas das nossas relações bilaterais, assim como as questões regionais e globais em que pudemos trabalhar juntos.

Quero expressar publicamente algumas considerações sobre as relações Estados Unidos – Brasil, no marco mais geral de nossa política externa. Tenho dito, com freqüência, que nossa política externa não é apenas



um meio de projeção do Brasil no mundo, mas também um elemento fundamental de nosso projeto nacional de desenvolvimento.

Nestes 34 meses de meu Governo busquei uma forte aproximação com nossos irmãos sul-americanos. Aprofundamos as relações bilaterais com todos os países da região, ampliamos e reforçamos o Mercosul, criamos a Comunidade Sul-americana de Nações, mantivemos um excelente relacionamento com os países do Caribe, da América Central e da América do Norte, impulsionamos uma política ativa em relação à África, continente em que estive várias vezes, visitando 14 países daquele continente.

Somos a segunda maior nação de população negra no mundo e temos para com o continente africano uma dívida histórica. O Brasil abriu-se igualmente para o mundo árabe e o principal resultado desta abertura foi a Cúpula América do Sul – Países Árabes.

Fortalecemos nossas relações com grandes países emergentes, como a China, a Índia, a Rússia, a Coreia e a África do Sul. Não hesitamos em abrir novas fronteiras. As conseqüências dessa abertura foram os incrementos sem precedentes de nosso comércio exterior, a atração de investimentos e a internacionalização de nossas empresas.

Mas esta busca de novos horizontes não comprometeu nosso relacionamento com grandes países desenvolvidos como: os da União Européia, Japão e, obviamente, Estados Unidos.

Quando de minha eleição para a presidência não faltaram alguns para prever a deterioração das relações entre Brasil e Estados Unidos. Equivocaram-se redondamente. Ao contrário, nossas relações atravessam hoje um de seus melhores momentos. As relações econômicas e comerciais se ampliaram em muito e nosso diálogo político ganhou qualidade superior.

Compreendemos, Estados Unidos e Brasil, nossa importância econômica e política e as responsabilidades que disso decorrem. Defendemos nossos interesses nacionais e valores políticos gerais. O respeito que temos



por nós mesmos, reforçou nosso respeito mútuo. Porque cada país preza sua soberania, soubemos respeitar a soberania de nossos países. As compreensíveis diferenças de pontos de vista sobre questões da agenda regional ou mundial foram tratadas com franqueza, sem sobressaltos ou confrontação.

Quero reconhecer que o Presidente Bush, sua Secretária de Estado e outros funcionários da administração norte-americana contribuíram para que este ambiente de cordial relacionamento se aprofundasse.

Senhor Presidente,

Nossos povos compartilham uma mesma visão sobre questões absolutamente fundamentais, como a defesa da democracia, a difusão da liberdade e o respeito aos direitos humanos.

Temos diálogos sobre temas cruciais para duas nações comprometidas com os desafios da paz e da globalização. Segurança internacional, assistência ao desenvolvimento, equilíbrio das regras comerciais e reforma do sistema multilateral, da ONU, em particular, têm estado no centro de nossas conversas.

Temos sabido valorizar as nossas afinidades. Somos duas grandes democracias multiétnicas e temos vocação para cooperar na promoção da plena cidadania e no combate a todas formas de discriminação.

A presença de numerosa comunidade brasileira nos Estados Unidos enriquece a tradição de convivência e admiração mútua entre nossas sociedades. Um bom diálogo entre nossas autoridades de imigração é fundamental para garantir tratamento justo e equilibrado àqueles que são a verdadeira ponte entre nossos países. Conversamos muito também sobre o que podemos fazer em prol do progresso e bem-estar de outros países.

Estamos empenhados em trabalhar em favor do desenvolvimento, em particular da África. No Haiti, onde o Brasil está à frente da Missão de Estabilização das Nações Unidas, temos colaborado em programas emergenciais nas áreas de saúde e saneamento e estamos empenhados no



pleno êxito das eleições nacionais que abrirão caminho para a normalização política e a retomada do desenvolvimento econômico e social do país. É fundamental, no entanto, que a prometida ajuda econômica a esse país chegue com rapidez. O Presidente Bush e eu temos a mesma visão otimista sobre nossas relações bilaterais.

Foram muitos os avanços desde nossa reunião de 2003. Os grupos de trabalho que criamos, sobre crescimento, agricultura e energia, trouxeram resultados significativos. Decidimos, agora, avançar em outros campos estratégicos. Vamos iniciar uma cooperação de alto nível em ciência e tecnologia e aprofundar nossas parcerias educacionais e em áreas como biodiversidade e agricultura. No campo da saúde, vamos abrir novas frentes de cooperação, no combate a moléstias como malária, tuberculose, AIDS e ameaças como a pandemia da gripe aviária.

Nossa parceria está fundada em bases econômicas muito sólidas. Os Estados Unidos são o primeiro parceiro individual do Brasil, o maior mercado para nossas exportações e a nossa principal fonte de investimentos diretos. Nosso intercâmbio tem crescido a taxa de sete por cento ao ano. Somente em 2004, recebemos quatro bilhões de dólares de investimentos norte-americanos. Temos tratado com tranquilidade e maturidade das questões pontuais que são parte de qualquer parceria dessa magnitude.

Estamos empenhados em eliminar, de forma negociada, entraves injustificados em nosso comércio bilateral. Estamos levando esse mesmo espírito de parceria para as discussões comerciais multilaterais. A conclusão exitosa da Rodada de Doha, até o fim de 2006, é prioridade tanto dos Estados Unidos quanto do Brasil. Coincidimos em que a redução e eventual eliminação dos subsídios agrícolas é a chave para o equilíbrio da Rodada.

Agradeço as palavras de apoio do Presidente Bush à determinação brasileira em contribuir para o desenvolvimento e estabilidade da nossa região. É por todas essas razões que vemos com entusiasmo a disposição norte-



americana de incluir o Brasil entre os países com os quais os Estados Unidos mantêm diálogo estratégico e privilegiado.

Presidente Bush,

O que fica para a História não são apenas nossas decisões de alcance imediato. O que importa são aquelas iniciativas que levam em conta as futuras gerações e a necessidade de enfrentarmos e resolver os grandes desafios de nosso tempo. A política externa brasileira transcende governos.

Ao mesmo tempo em que defende o interesse nacional persegue grandes valores democráticos na esfera internacional. Nesse marco, insisto, as relações Estados Unidos – Brasil são fundamentais e seu aperfeiçoamento é um legado que devemos deixar aos que virão depois.

Muito Obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da Linha de Transmissão
Londrina/Assis/Araraquara**

Assis-SP, 07 de novembro de 2005

Meu querido companheiro Silas Rondeau, ministro de Minas e Energia,
Meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,
Meu querido companheiro Eduardo Matarazzo Suplicy, senador da
República,

Senhor José Pedro Rodrigues de Oliveira, diretor-presidente de Furnas
Centrais Elétricas,

Senhor Milton Mendes, presidente da Eletrosul,

Senhoras e senhores prefeitos presentes aqui da região de Assis – tem
muitos prefeitos, eu vou economizar em citar o nome,

Meu caro Rogério Ribeiro de Abreu dos Santos, diretor da Abengoa do
Brasil S/A,

Senhor Luciano Junqueira, diretor-geral da Concessionária ATE
Transmissora de Energia S/A,

Vereadores,

Meus amigos e minhas amigas,

Primeiro, quero dizer para vocês porque que eu estou em Assis, nesta
tarde do dia 7 de novembro, um dia depois da vitória do Corinthians sobre o
Santos, por 7 a 1, o que deixou meu companheiro Suplicy meio nervoso. O
Palmeiras também não está bem das pernas, perdeu de 4 a 0.

Mas eu estou aqui pelo simbolismo deste ato de hoje. Eu estou aqui
porque muitas vezes vocês assistem pela televisão, ouvem no rádio ou lêem



nos jornais sobre políticos dizendo que vão trazer empresas de fora para investir no Brasil, outros dizem que vão trazer para investir na cidade, outros dizem que vão trazer para investir no estado.

Eu estou aqui porque quando nós fizemos os leilões para construir estas linhas de transmissão, primeiro, as empresas públicas não podiam participar, e nós garantimos que elas pudessem participar e ganharia quem oferecesse o melhor preço, sobretudo, para o consumidor brasileiro.

Segundo, porque quando nós quisermos convencer alguém a investir no Brasil... as pessoas exigem alguns quesitos para investir no Brasil ou em qualquer país do mundo. E a energia elétrica é condição *sine qua non*, é condição básica para que o empresário decida colocar dinheiro numa cidade ou numa região porque sem a luz elétrica ele não consegue mover as suas máquinas e, portanto, não tem a possibilidade de gerar riquezas e os empregos que, muitas vezes, são tão prometidos.

Então, uma empresa exige infra-estrutura, que significa energia, que significa rodovia. Ela exige que tenha mão-de-obra qualificada, porque senão ela também não vem, e ela exige que tenha mercado para os produtos que ela vai produzir, que as pessoas tenham poder de compra. É assim que as pessoas se movimentam, no mundo, para fazer investimentos.

Por isso eu estou aqui, porque esta linha que liga Londrina a Araraquara – como disse o nosso ministro Silas, Assis, que é uma cidade de aproximadamente 100 mil habitantes, gasta 16 megawatts – ou seja, na medida em que esta linha consegue transportar 1.800 megawatts, significa que esta linha traz, para esta região, mais de 100 vezes a potência energética que tem hoje a cidade de Assis.

Isso, por si só, é um grande chamariz para que empresas possam pensar, no dia de amanhã, em vir construir alguma fábrica na região porque percebem que não vai ter mais problemas de apagão neste país. E quando veio o apagão, em 2001, eu não sei como é que vocês se sentiram. Nós fomos



prejudicados duas vezes. Primeiro, fomos prejudicados porque ficamos sem energia e, depois, fomos prejudicados porque tivemos que pagar pela energia que não consumimos. Ou seja, nós tivemos que pagar o prejuízo que as empresas tiveram, mesmo não utilizando a energia.

E o que nós estamos garantindo é que o Brasil, na medida em que queira ser um país altamente desenvolvido, o Brasil tem que oferecer aos investidores, tanto internos quanto externos, energia farta, energia de sobra e, de preferência, energia barata.

Como o Brasil é muito grande, vocês compreenderam o que disse o ministro Silas, às vezes você tem excesso de produção de energia no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e, quem sabe, até no Paraná, mas não está chovendo em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, o que acontece? Tem excesso de produção de energia lá, tem falta de energia aqui. Como não tem linha de transmissão, você não consegue trazer a energia.

O que nós estamos fazendo é uma ligação da totalidade do território nacional para que, quando tiver energia sobrando na Amazônia, você possa transportá-la para o Centro-Oeste, quando tiver energia sobrando no Centro-Oeste, você possa transportá-la para São Paulo, você possa transportá-la para outro estado, sem que a gente possa correr o risco de ter mais apagões no nosso país.

Toda vez que sai uma notícia dizendo que vai ter apagão, quem estava pensando em fazer um investimento no Brasil começa a pensar: “Espera aí, por que eu vou investir naquele país, se nem energia elétrica eles me oferecem? Como é que eu vou tocar as minhas máquinas? À vela? Não dá. Então, vou procurar outro país”.

Então, o que nós estamos fazendo aqui são sinais de garantia para que quem queira fazer investimentos no Brasil não tenha preocupação, porque nós estamos fazendo isso na energia elétrica; estamos fazendo isso com os gasodutos que estamos construindo para, também, interligar o Sul, o Sudeste e



o Nordeste brasileiro. E estamos fazendo isso para que o Brasil seja um país mais uniforme, que não tenha um centro muito desenvolvido, como São Paulo, Rio de Janeiro ou Minas Gerais e tenha regiões altamente subdesenvolvidas, como partes do Norte e do Nordeste brasileiro.

Nós estamos tentando transformar o Brasil num país mais igual, num país mais justo, num país em que a gente vá garantindo as possibilidades para que todos os centros do Brasil possam se desenvolver.

E fico feliz quando o Ministro de Minas e Energia diz aqui o seguinte: com os próximos leilões que vamos fazer, dia 17 de dezembro – e eu quero que Eletrosul e Furnas entrem, outra vez, na concorrência e ofereçam os preços mais baratos do que eles, para poder ganhar a concorrência – quando nós fizermos os próximos leilões, nós vamos fazer contratos que vão terminar, mais ou menos, em 2007.

Qualquer que seja o governo eleito o ano que vem, ele vai chegar em 2007 e vai perceber que em cinco anos nós produzimos linhas de transmissão, ou seja, 21% de tudo o que foi produzido de linha de transmissão em 122 anos. Não é pouca coisa, é muita coisa.

E isso, certamente, causa uma certa ira naqueles que não querem que o Brasil se desenvolva, naqueles que querem que o Brasil continue pobre, naqueles que querem que, efetivamente, o Brasil continue sendo, por mais um século, um país em desenvolvimento ou um país emergente.

Eu, particularmente, estou convencido de que este século XXI tem que ser o século do Brasil. O século XIX foi da Europa, o século XX foi dos Estados Unidos, porque que o século XXI não pode ser do Brasil? Por que nós não saímos do rol dos países eternamente em vias de desenvolvimento e não nos transformamos num país definitivamente desenvolvido, para que a gente possa competir com os países da União Européia, para que a gente possa competir com os Estados Unidos, para que a gente possa competir com um país emergente, mas que está crescendo muito, como a China? Isso só vai



acontecer quando nós criarmos as bases que garantam ao Brasil dar o passo seguinte.

Porque, uma vez, neste país, e aqui em São Paulo vocês se lembram bem, quando houve a introdução da indústria automobilística no Brasil, na década de 50, ao invés de a gente manter a indústria automobilística, construir rodovias e manter as ferrovias, o que nós fizemos? Fizemos as rodovias e destruimos as ferrovias. Ou melhor, destruimos as ferrovias e construímos rodovias novas. Hoje, nós descobrimos que nós precisamos de rodovias e de ferrovias outra vez. E vamos ter que fazer.

Acabamos de fazer um contrato agora, senador Suplicy, e daqui a uns 15 dias vamos anunciar uma ferrovia chamada Transnordestina, ligando o Porto de Suape, em Pernambuco, ao Porto de Pecém, no Ceará, passando pelo Piauí. Um investimento de 4 bilhões e 200 milhões de reais, para que a gente possa dar chance àquela parte do Brasil de se desenvolver.

Como, da mesma forma, fizemos um convênio com a PDVSA, da Venezuela, e vamos fazer uma refinaria nova no estado de Pernambuco, e vamos fazer uma siderúrgica no estado do Ceará, em Fortaleza, para que a gente possa, definitivamente, colocar o Brasil no rol dos países altamente desenvolvidos e como um país competitivo, que possa vender os seus produtos no exterior, mas não apenas produtos *in natura*, produtos em grão ou minérios, que a gente possa colocar valor agregado nos produtos que estamos fabricando porque é isso que dá a dimensão de crescimento e de enriquecimento de um país.

Então, estou aqui por isso. Estou aqui porque esta linha de transmissão tem um simbolismo muito grande para nós, que fizemos o primeiro leilão; para as empresas privadas que entraram, dizendo que é possível baratear preços, ensinando as nossas empresas públicas que podem ser mais generosas e também baixarem preços e, também, para o povo da região, que vai ter um ganho na possibilidade de novos investimentos no nosso querido país.



Dito isso, eu queria dizer para vocês que o Brasil tem uma chance ímpar. E se nós jogarmos fora essa chance, nós seremos tão medíocres quanto tantos medíocres que jogaram chances fora, neste país.

Este país, durante praticamente 30 anos, foi o país que mais cresceu no mundo, de 1930 a 1980, ou melhor, durante 50 anos nós fomos uma das economias que mais cresceu no mundo, crescemos à média de 10% na década de 70, e eu vivi esse momento.

Entretanto, não basta um crescimento se não houver uma combinação entre o crescimento e a política de distribuição de renda, porque é a distribuição de renda que vai dar – e eu estou vendo, aqui, sindicalistas – que vai dar uniformidade de oportunidade para que a sociedade possa se desenvolver, para que as regiões possam se desenvolver e para que o Brasil possa colher, como fruto, a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

E nós estamos construindo isso, com paciência, é verdade, com muita delicadeza, sem inventar nenhuma mágica porque em política econômica não tem mágica. Eu estou vendo aqui pessoas, mais ou menos, da minha idade. Toda vez que neste país alguém inventou uma mágica dizendo: “o meu plano vai ser a salvação da lavoura”, seis meses depois o plano acabou e o povo pobre, sobretudo o povo trabalhador, ficou com o prejuízo. Nós não permitiremos que isso aconteça no Brasil.

Nós temos consciência do momento que vive o Brasil. Temos consciência da oportunidade que tem o Brasil, com relação ao mundo. Nós saímos de 60 bilhões de exportação para 114 bilhões agora, em setembro. Se Deus quiser no ano que vem chegaremos a 120.

Nós, que vivíamos todo ano pedindo dinheiro emprestado ao FMI para que a gente pudesse pagar as nossas contas no final do ano, temos agora um saldo, na nossa balança comercial, de 41 bilhões de dólares. O Brasil, que vivia mandando os seus ministros a Nova Iorque, para fazer acordo com o FMI, no ano passado nós mandamos o Palocci a Nova Iorque para dizer para o FMI:



“Nós não precisamos mais fazer acordo com o FMI”. Não precisamos fazer nenhuma passeata, não precisamos fazer nenhuma faixa, não precisamos fazer nenhuma baderna para dizer isso.

Eu, que passei muito tempo da minha vida gritando: “Fora FMI”, não precisei fazer nada. Apenas com a autoridade de Presidente da República: “Nós não queremos mais acordos, vamos andar com as nossas próprias pernas, somos donos do nosso nariz e o Brasil só vai gastar aquilo que pode gastar”.

Nós temos que fazer com o país aquilo que a gente faz na nossa casa, sobretudo as mulheres, que têm mais responsabilidade. Ou seja, ela pega o salário do marido, se ela não trabalhar, e ela sabe que não pode inventar despesa, que não pode comprar televisão nova, que não pode comprar geladeira nova, que não pode comprar bebida nova, por quê? Porque ela quer garantir o sustento da casa e a comida dos filhos. E aí é que um governante tem que agir, exatamente assim.

Por isso, nós estamos confiantes. Estamos confiantes que o Brasil não perderá esta oportunidade, que o Brasil, o ano que vem, vai ter um crescimento muito bom, que nós vamos gerar mais empregos. E eu canso de dizer todo dia, Milton – você que é advogado trabalhista de origem – tem gente que fica nervosa quando eu digo isso, Prefeito, mas de 1992 a 2002 foram gerados, neste país, medindo a diferença entre os trabalhadores contratados e os trabalhadores demitidos, o saldo positivo era mais ou menos uma média de 8 mil empregos por mês. Em 34 meses, nós estamos criando 105 mil empregos por mês, 12 vezes mais. Emprego de carteira profissional assinada. E vamos criar mais até dezembro, e vamos criar mais o ano que vem porque eu digo sempre que o emprego, nada mais do que o emprego, dá cidadania a um ser humano. Nada é mais honroso para um chefe de família do que chegar no final do mês e levar para casa o resultado do seu salário com o resultado do seu trabalho, e colocar comida na mesa para si e para a sua família.



E é este Brasil que nós queremos construir. E este Brasil que nós queremos construir só será possível, só será verdadeiro se a gente conseguir fazer o que eu vou dizer para vocês agora: encontram-se em implantação 46 novos empreendimentos de transmissão, que adicionarão ao sistema mais 5.158 quilômetros de novas linhas, com investimento de cerca de 4 bilhões e 340 milhões de reais, aumentando, assim, a rede básica em 6,3% até 2007.

Portanto, quando chegar 2007, José Pedro, certamente você vai estar vivo, nós vamos colher, com muito carinho, o Brasil que nós começamos a plantar em 2003.

Boa sorte, muito obrigado e meus parabéns ao povo de Assis.

Na vinda do aeroporto para cá, o motorista de um carro da nossa comitiva enfartou, bateu o carro, morreu o companheiro, o outro morreu também. Morreu o sargento do Exército Everaldo Bastos Rodrigues, e o outro segurança, Vlanderni do Nascimento, encontra-se em estado grave no hospital.

Então, depois de falar de tanta coisa boa, temos que constatar que nem tudo na vida acontece como a gente desejaria que acontecesse. E nossas homenagens aos companheiros.

Obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de premiação “As Empresas mais Admiradas no Brasil”**

São Paulo – SP, 07 de novembro de 2005

Meu querido deputado Aldo Rebelo, presidente da Câmara dos Deputados,

Ministros e Ministras presentes a esta festa da Carta Capital,

Meu querido companheiro Mino Carta, diretor de redação da revista Carta Capital,

Meus amigos empresários, senhor e companheiro Luiz Gonzaga Beluzzo, sócio da Editora Confiança,

Senhor Paulo Secches, presidente da InterScience.

Nossa querida ex-prefeita Marta Suplicy,

Senhor Guilherme Leal, presidente do Conselho Administrativo da Natura, em nome de quem eu quero estender meus cumprimentos a todos os premiados e aos não premiados, porque os que não ganharam este ano, certamente ganharão no ano que vem. Um pouco de generosidade do Colégio que vai escolher e um pouco de aprimoramento da nossa participação,

Meus amigos do Conselho Editorial da Carta Capital,

Jornalistas,

Meus amigos e minhas amigas,

Estamos aqui hoje para homenagear as empresas mais admiradas do Brasil, participar do lançamento da nova revista “Carta Capital na Escola” e da festa do 11º aniversário da Carta Capital.

É sem dúvida, motivo de muito orgulho para empresários, dirigentes e trabalhadores ver as suas empresas serem indicadas, por seus próprios pares, como as mais admiradas do Brasil.



Nós sabemos que a iniciativa da Carta Capital, em parceria com a InterScience, procura enxergar os méritos de uma empresa muito além dos números impessoais de faturamento, produção, rentabilidade e domínio de mercado.

Esta é uma premiação aos que se destacam também por outros, e bem mais altos valores, nem sempre contemplados nos manuais de desempenho empresarial.

É com especial satisfação que posso constatar, nesta 8ª edição do Prêmio, que o empresariado do nosso país está incorporando cada vez mais os princípios da ética e da cidadania como valores permanentes em suas atividades.

É gratificante, para quem governa com o objetivo de mudar o país para melhor, saber que o compromisso com a ética e a cidadania é ainda mais rigoroso em busca da retomada do crescimento, cujos resultados já são visíveis.

Este compromisso reconhece os direitos dos clientes e dos consumidores, respeita o meio ambiente e contribui para o bem-estar das comunidades e, acima de tudo, colabora para a superação dos nossos grandes desafios sociais.

É com esse conjunto de valores em mente que inauguramos um novo ciclo de crescimento no Brasil, um crescimento que, além de robustecer as estatísticas da produção e do comércio significa, sobretudo, a criação de mais e melhores empregos, maior distribuição de renda e a promoção da cidadania.

Os dirigentes e os trabalhadores das empresas mais admiradas do Brasil estão, todos, contribuindo para fazer avançar nossa cultura empresarial e as condições de vida do nosso país, num ambiente de plena liberdade e democracia.

Está de parabéns a revista Carta Capital pela inovação desta iniciativa e pela saudável ousadia de avaliar o desempenho empresarial por critérios que



transcendem a contabilidade financeira. Assim como as empresas premiadas este ano, Carta Capital é uma publicação admirável.

Em 11 anos de circulação, a revista firmou-se como referência de jornalismo, ao mesmo tempo independente e de caráter nítido, conseqüente e provocador, sóbrio e arrojado, e estes são apenas alguns dos valores que a fazem ser admirada.

Iniciativas como o lançamento da “Carta Capital na Escola” respondem aos enormes desafios que tanto o governo como a iniciativa privada têm que enfrentar na busca permanente do crescimento econômico e da distribuição de renda.

A nova revista, como vocês sabem, tem como principal objetivo oferecer aos professores do ensino médio o instrumento de apoio à sua atividade pedagógica e, ao mesmo tempo, contribuir para a continuada formação do corpo docente.

Minhas amigas e meus amigos,

Embora relativamente jovem no mercado brasileiro de publicações, Carta Capital já nasceu incorporando ao seu patrimônio experiência, talento, rigor e sensibilidade, acumulados ao longo da vida pelo nosso amigo jornalista Mino Carta, um ser humano tão generoso que empresta à revista o nome e a alma e que utilizou essas qualidades para reunir um respeitável conjunto de editores, repórteres e colaboradores.

A trajetória de Carta Capital e a evolução cidadã de nossas empresas, demonstrada na premiação deste ano, aumentam a nossa fé na capacidade do Brasil de continuar se transformando. Não é fácil guiar-se por esses valores numa realidade em que a competição, freqüentemente, é dura e agressiva. Este é um momento muito especial que o nosso país está vivendo.

O Brasil está se transformando num país cada vez mais produtivo e solidário, crescendo com distribuição de renda e garantindo a estabilidade. Tudo isso é fruto do esforço comum da sociedade, dos empresários, dos



trabalhadores e do governo para promover o desenvolvimento econômico com justiça social.

No mundo empresarial, assim como na atividade jornalística, muitas vezes é preciso ter coragem, além do discernimento, para optar entre o certo e o errado, entre a mera satisfação individual e o benefício compartilhado, a responsabilidade ou a ganância, a arrogância ou o equilíbrio. Felizmente, o Brasil tem nos dado exemplos, a cada dia, de que isso é possível. Exemplo que nos permite confiar cada vez mais no futuro que estamos, juntos, ajudando a construir.

Portanto, meus parabéns aos agraciados, meus parabéns à Carta Capital,

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de entrega do 2º Prêmio Gestor Eficiente da Merenda Escolar**

Brasília-DF, 09 de novembro de 2005

Minha querida companheira Marisa,
Meu caro ministro Fernando Haddad, Patrus Ananias,
Senhora Ana Cristina Kubitschek de Oliveira, neta do presidente
Juscelino Kubitschek,

Senadores Paulo Octávio e Aelton Freitas,
Deputados federais aqui presentes, Alex Canziani, Aracely de Paula e
Zenaldo Coutinho,

Meus queridos prefeitos premiados,
Senhores membros do Comitê Gestor de Fundadores da Ação Fome
Zero,

Meu caro companheiro Antoninho Trevisan,
José Carlos Costa Marques Bumlai,
Meu caro Gabriel Jorge Ferreira, membro do Comitê Gestor da ONG
Ação Fome Zero,

Senhor José Henrique Paim, presidente do Fundo Nacional de
Desenvolvimento da Educação,

Meu caro Chico Menezes, presidente do Consea,

Meus amigos, minhas amigas,

Prefeitos, prefeitas e pessoas interessadas na merenda escolar

Esta noite nós estamos vendo, aqui, muito mais do que a premiação de
prefeitos que souberam usar a criatividade, a honestidade e a eficiência na
aplicação dos recursos da merenda escolar.



Os projetos premiados demonstram que a efetiva parceria entre as prefeituras, os governos e o governo federal consegue ampliar, e muito, os efeitos benéficos dos programas sociais em todo o território nacional. E o fazem melhor ainda quando a sociedade civil participa desse processo fiscalizando e sugerindo novas formas de ação.

Vimos casos de gestores que não apenas cumpriram as suas obrigações legais na utilização dos recursos, mas fizeram dos programas sociais um forte indutor do desenvolvimento em suas regiões. É o que ocorre, por exemplo, quando prefeituras ou as próprias escolas optam por adquirir alimentos produzidos nas comunidades, por agricultores familiares.

Além de garantir a merenda na escola, uma ação desse tipo melhora as condições de trabalho e renda da comunidade, muitas vezes beneficiando os pais dos alunos, aquecendo a economia local. Vimos também casos em que novos prefeitos, não importando suas divergências com seus antecessores, mantiveram as ações de qualidade no que se refere à merenda escolar, mostrando assim que a continuidade de boas políticas supera qualquer diferença.

Meus amigos e minhas amigas,

Quando elaboramos o programa Fome Zero, em 2001, ainda no Instituto Cidadania, já identificávamos na merenda escolar um importante meio de atuação.

O Programa Nacional de Merenda Escolar beneficia hoje, como já disse o nosso ministro Fernando Haddad, mais de 36 milhões de crianças. Isso é um quinto da população do Brasil, ou mais do que a população de países como a Argentina e Canadá.

Além do seu tamanho, ele nos chamou a atenção por atingir um dos segmentos sociais mais frágeis do nosso país, no que se refere à segurança alimentar: as crianças de baixa renda. Se nesse período de vida as pessoas



não têm uma boa alimentação, podem carregar pelo resto da existência problemas decorrentes da subnutrição.

E a sociedade sabe que, muitas vezes, a merenda na escola é a principal, senão a única, refeição diária de muitas dessas crianças. E digo mais: além de combater a evasão escolar, a merenda auxilia o próprio aprendizado, pois uma criança com fome certamente não prestará a devida atenção, nem assimilará a lição ensinada pela professora ou pelo professor.

É importante lembrar o que Paulo Freire dizia: que ele descobriu que era inteligente quando começou a comer.

Outro aspecto que me agrada profundamente no Programa Nacional de Alimentação Escolar é a descentralização que todos nós estamos colocando em prática. Vocês sabem que cada prefeitura recebe verbas federais de acordo com o número de estudantes do seu município e sabem, também, que as decisões sobre como utilizar esses recursos são tomadas localmente, com a participação da sociedade civil nos conselhos da alimentação escolar.

Foi por essas razões que, no primeiro dia do governo, quando conclamamos o país a combater de fato, a fome, começamos logo a tomar medidas para reforçar o Programa da merenda escolar como uma das mais importantes ações nesse sentido.

Incluímos no Programa, por exemplo, as crianças das creches públicas e filantrópicas, que antes não eram beneficiadas. O aumento do valor, o Fernando Haddad já disse, e eu quero terminar dizendo o seguinte: é justamente a revitalização do Programa Nacional de Alimentação Escolar que possibilita a comemoração que estamos fazendo nos seus 50 anos de existência. Estamos investindo, neste ano, a quantia recorde de 1 bilhão e 265 milhões de reais em merenda escolar, quase 50% a mais do que nos últimos três anos.

Ao mesmo tempo, estreitamos as relações com a sociedade civil, capacitamos agentes que participam dos conselhos municipais de merenda



escolar e realizamos parcerias como esta, com a ONG Ação Fome Zero, para valorizar ainda mais a boa aplicação dos recursos do Programa.

É claro que estamos conscientes da necessidade de continuar aprimorando o controle social dos recursos, a utilização das verbas como indutor de desenvolvimento local e também a melhoria da composição nutricional dos cardápios.

Estamos, com certeza, caminhando nessa direção, quando premiamos municípios e gestores que apresentam ações exemplares e também quando buscamos dar mais eficácia ao Programa, modernizando seus instrumentos legais, como é o caso do trabalho que está sendo desenvolvido pelo Conselho Nacional de Segurança Alimentar do Ministério da Educação. Tenho certeza de que vamos dedicar cada vez mais atenção e recursos à alimentação escolar para que possamos beneficiar ainda mais as nossas crianças.

Eu quero dizer aos prefeitos da alegria imensa de vocês terem se inscrito para concorrer a esta premiação. Esta é uma premiação singela, com trabalho primoroso do nosso querido Ziraldo mas, certamente, o reconhecimento da sociedade brasileira e da sociedade dos municípios que vocês dirigem será infinita porque definitivamente, no Brasil, ao longo da sua história, gestores sérios que utilizam os recursos públicos para dar cumprimento à finalidade para a qual ele existe, não são sempre aqueles que aparecem nos jornais ou na imprensa.

Quando vocês aceitam participar, são premiados e saem da cidade de vocês com muitos afazeres – espero que em nenhuma tenha chuva e que esteja alagando, nesses dias – e vêm para cá, vocês estão também carregando de simbolismo a ação da ONG que estabeleceu o Prêmio.

Isso não é tão fácil de acontecer no Brasil. Quando nós instituímos a Controladoria Geral da República – muitos de vocês conhecem o ex-governador da Bahia, ex-ministro da Previdência, o nosso companheiro Waldir Pires – nós resolvemos fazer um sorteio igual ao da Loteria Federal, para



investigar se os recursos públicos que estão indo para as cidades estão sendo aplicados para cumprir a sua finalidade.

Não tem cor partidária, não tem cor religiosa, ou seja, são colocados os municípios em função da escolha da quantidade de habitantes, acho que ainda não chegamos às capitais e, ali, a Controladoria vai investigar cada centavo investido pelo governo federal na área da saúde, na área da educação.

O objetivo nem é punir, o objetivo nem é fazer carnaval com aquilo que encontramos. Encontramos muita coisa errada. Tem coisa errada que é feita por má-fé e tem coisa errada que é feita por equívoco, que é feita por desconhecimento. Então, ao invés de ficar fazendo carnaval com o nome do prefeito, é melhor prepará-lo para que ele faça correto da próxima vez. Produzimos cartilhas e já estamos funcionando há quase dois anos e meio, já investigamos mais de 800 prefeituras. E o resultado, quando é adverso ao prefeito, nós preferimos mandar para o Ministério Público, ao invés de ficar acusando os prefeitos.

Quando a gente resolve estabelecer, como fez a nossa ONG, um prêmio para aqueles que têm um cuidado, um carinho com a merenda escolar, e a gente resolve premiar esses prefeitos, em 300 e poucos, só, que se inscreveram, significa que nós precisamos trabalhar mais porque muitas vezes a pessoas não se inscrevem, também, com medo que alguma coisa ruim vá lhes acontecer ou que a sua ação não vá ser premiada.

Vocês perceberam que o que não falta nessa ONG é pluralismo político: aqui tem três prefeituras do PMDB, tem duas do PSDB, tem duas do PPS, tem duas do PL, tem duas do PFL, tem uma do PP e tem uma do PT. Isso demonstra claramente que o objetivo final de tudo isso é que, amanhã, o Brasil inteiro saiba, o Brasil inteiro tome conhecimento de que tem prefeitos, independentemente da filiação partidária, que podem ter todos os defeitos que um ser humano pode ter, e um político, mas de uma coisa nós temos certeza:



eles cuidam das crianças que estão na escola como se estivessem cuidando dos seus filhos. Essa é a coisa gratificante.

O prefeito Fogaça, que foi senador tanto tempo, brilhante senador, o nosso ex-governador Íris Rezende, que já foi senador, sabem que não tem... depois de tantos anos na política, é a primeira que o Fogaça assume um cargo de executivo. E sabe que o prazer de ser executivo é a gente, um dia, passar na rua da cidade em que a gente morou e falar: esse paralelepípedo, fui eu que coloquei. E muito mais orgulho é a gente poder receber o Prêmio e dizer: eu estou cuidando bem dos filhos da minha cidade.

Meus parabéns. Que Deus abençoe todos vocês e que o ano que vem vocês possam ser bipremiados, já que no futebol os gaúchos vão perder para o Corinthians. Um abraço.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura do Decreto de Desapropriação do Terreno, entrega do Termo de Compromisso de Doação e anúncio da liberação de recursos para a construção do campus da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e de Mucuri, em Teófilo Otoni

Teófilo Otoni-MG, 10 de novembro de 2005

Meus queridos e queridas companheiras e companheiros do Vale do Mucuri,

Prefeitos da região do Vale do Mucuri que estão aí no meio do povo que, depois, se puderem passar aqui para trás, pelo menos para dar um abraço em cada prefeito que está aqui na região,

Meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

Meu querido companheiro Patrus Ananias, ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Meu querido companheiro Hélio Costa, ministro das Comunicações,

Meu querido Walfrido dos Mares Guia, ministro do Turismo,

Meu querido companheiro Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral,

Meu companheiro ex-ministro e presidente do PT, Nilmário Miranda,

Meu querido dom Diego Antônio, bispo de Teófilo Otoni,

Deputados federais Ademir Camilo, Carlos Mota, Ivo José, João Magno, Leonardo Monteiro, Paulo Delgado, Reginaldo Lopes,

Senhora Mireile São Geraldo dos Santos Souza, reitora da Universidade dos Vales do Jequitinhonha e de Mucuri,

Minha querida companheira prefeita de Teófilo Otoni, Maria José,

Meu querido padre Geovani,



E, se eu pudesse, eu não sei se está aí presente, mas eu, nesses vinte anos, adquiri um respeito muito grande por uma figura também muito importante nesta região, que era o nosso dom Quirino, que foi...

Vereador Norton Neiva Diamantino, presidente da Câmara Municipal de Teófilo Otoni,

Deputados estaduais Adelmo Carreiro Leão, André Quintão, Carlos Gomes, Roberto Carvalho, Wellington Prado, Jésus Lima, Elisa Costa,

Senhor Ailton João dos Santos, vice-prefeito de Teófilo Otoni,

Meus amigos e minhas amigas,

Não se preocupem, porque eu não vou ler discurso.

Eu quero cumprimentar homens e mulheres desta região,

Quero cumprimentar os trabalhadores,

Quero cumprimentar os jornalistas,

Quero cumprimentar os empresários,

Quero cumprimentar os companheiros do Movimento Sem-Terra, que eu estou vendo as bandeiras,

Quero cumprimentar os estudantes,

Quero cumprimentar o povo que está na outra banda do rio, que eu não sei se estão nos ouvindo,

E quero dizer para vocês que é uma alegria imensa estar aqui, em Teófilo Otoni. Eu vim aqui, pela primeira vez, em 1980, para fundar o Partido dos Trabalhadores. Vim aqui, eu e um companheiro chamado Apolo, médico. Saímos de Belo Horizonte numa Brasília, percorremos toda esta região. E, aqui, eu conheci a nossa querida Maria José e dormi na casa dela.

De lá para cá, eu tenho feito o que posso, visitando o Vale do Mucuri e o Vale do Jequitinhonha porque são duas regiões, no estado de Minas Gerais, com que eu me identifico como nordestino, como brasileiro, e respeito esta região porque apesar de o povo ser pobre, eu acho que poucos povos do



mundo têm a capacidade de produzir cultura como tem o povo desta região do nosso país e do estado de Minas Gerais.

E esta universidade é apenas o começo. Ela é o começo porque nós sabemos que, sem educação de qualidade, nenhum país do mundo consegue se desenvolver a ponto de se transformar em uma Nação forte economicamente, culturalmente e socialmente.

Lógico que não é apenas esta. Como disse o nosso ministro Fernando Haddad, nós decidimos que vamos, no Brasil, fazer 36 extensões universitárias. Vamos tirar um braço das universidades federais que, normalmente estão nas grandes cidades, para interiorizar, para levar para regiões mais pobres do Brasil um braço de universidade, porque atrás da universidade vem um professor, atrás do professor vem o conhecimento, atrás de tudo isso vem a indústria, atrás de tudo isso vem o desenvolvimento, e a cidade passa a ser vista como um pólo de atração para que empresários possam, aqui, fazer investimentos. Eu duvido que um empresário queira fazer um investimento em uma cidade que não tenha escola técnica, em uma cidade que não tenha universidade. Ele vai preferir fazer o investimento em uma cidade que tenha mão-de-obra altamente qualificada, porque ele sabe que ali as chances de a sua empresa crescer são muito maiores.

E nós tomamos a decisão de fazer, no Brasil, quatro universidades novas, transformar cinco faculdades em universidades, fazer 36 extensões e construir 32 novas escolas técnicas, para que o Brasil possa ser dotado como um país completo. Nós não podemos ter o faxineiro e o engenheiro; no meio dos dois tem que ter um profissional que o ensino médio pode formar, e o Brasil precisa como nenhum outro país do mundo precisa.

Mais importante ainda, nós estamos com uma preocupação, sobretudo com a juventude brasileira de 15 a 24 anos, jovens que, por muitas razões, não concluíram o ensino fundamental ou que, muitas vezes, concluíram o ensino fundamental, fizeram até a 8ª série e não tiveram condições de fazer o 2º grau.



Nós, através de vários programas – programa Escola de Fábrica, programa ProJovem, programa Soldado Cidadão – estamos tentando trazer esse jovem para as escolas, e começamos pelas capitais onde a concentração de problemas está mais aguda. Nós, então, trouxemos. Ao todo, nos programas envolvendo a juventude, quase 980 mil jovens serão beneficiados pelos vários programas, para que a gente possa não apenas motivar o jovem a voltar a estudar, mas dar a ele uma profissão, para que ele possa ter mais chances no mercado de trabalho, seja na sua terra natal, seja em outro lugar qualquer que ele queira ir.

Nós sabemos que esta cidade aqui e o Vale do Mucuri e o Vale do Jequitinhonha e suas várias cidades não são cidades que nasceram para ser pobres. Essas cidades já produziram muita riqueza. Acontece que muitas das riquezas produzidas nesta região vão embora sem pagar um único tostão de imposto e, se não tiver o imposto, não tem dinheiro para a prefeitura fazer as obras necessárias que precisam ser feitas.

Então eu acho, companheira Maria José, sem assumir aqui nenhum compromisso de que vou resolver amanhã ou depois de amanhã, mas quero lhe dizer que vou tratar com carinho, como se estivesse tratando de um filho, desta ZPE que a senhora me falou aqui. Vou tratar com muito carinho. Talvez eu comece a tratar hoje mesmo, mas vou tratar.

A Prefeita também me falou de uma praça esportiva, uma praça coberta que já tem um projeto com o Ministro dos Esportes. A Prefeita falou, também, da escola municipal. Seria bom que o nosso governador Aécio estivesse aqui para a gente combinar junto o dinheiro para a gente gastar na escola. Mas eu, quando chegar a Brasília, vou telefonar para o Governador, que me telefonou dizendo que não podia vir porque tinha chegado de uma viagem à Inglaterra. Eu vou telefonar e vou dizer para ele dos compromissos que eu assumi aqui, para que ele compartilhe comigo – ou seja, e a Prefeita também compartilha um pouco – para que a gente possa resolver parte desses problemas.



Minas Gerais tem um poder de fogo muito grande hoje. Vejam, eu não sei se, em algum momento da história mineira, sem que o presidente seja nascido em Minas Gerais, que Minas Gerais tivesse seis ministros e, além de seis ministros, ainda o nosso querido José Alencar como vice-presidente da República. Então, o hospital geral, a nossa querida Prefeita e mais os prefeitos da região podem até convidar o nosso ministro Saraiva Felipe, que também é de Minas Gerais, para que ele possa fazer uma visita na região. Eu vou dizer para ele da reivindicação e vou pedir para que ele venha aqui a uma reunião com os prefeitos, para ver se nós temos condições de assumir esse compromisso e construir esse hospital, porque eu conheço a realidade de uma cidade de porte médio que recebe gente das outras cidades, termina por não atender condignamente o pessoal da própria cidade, mas também não pode deixar um doente que vier de fora desamparado. Afinal de contas, nós temos que tratar todo mundo em igualdade de condições, com a mesma atenção.

Queria dizer... eu fiquei feliz porque, normalmente, o povo pede para os políticos pararem de falar e quando eu estou vendo... Mas veja, uma coisa muito importante, gente, que nós estamos fazendo no Brasil, e não é fácil, porque todos vocês têm experiência de vida e todo mundo sabe que as coisas demoram a acontecer, é que eu acho que não houve nenhum momento da história do Brasil em que um governo se preocupasse com o povo pobre como nós temos nos preocupado. E por uma razão muito simples: o pobre é o mais frágil, ele tem a primeira necessidade, muitas vezes é a necessidade de comer, muitas vezes é a necessidade de um remédio, e somente o ministério do companheiro Patrus, o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome passa por ano, para Minas Gerais, um bilhão e 700 milhões de reais para cuidar do Bolsa Família, para cuidar do Bolsa Escola, para cuidar dos idosos, dos deficientes e, até o final do ano que vem, nós iremos atender a todas as famílias pobres deste país.

Obviamente que isso incomoda algumas pessoas. Vocês, que



acompanham o noticiário, percebem que tem muita gente incomodada. E incomoda porque, neste país, cuidar de pobre era uma tarefa muito difícil. Era melhor esquecer os pobres e fazer as coisas apenas para aqueles que já tinham alguma coisa. Eu não tenho nada contra quem já tem, pelo contrário, eu quero que tenha mais. Agora, o que eu quero é dar a oportunidade para aqueles que não têm nada terem alguma coisa neste país.

Eu, por exemplo, quando viajo para um estado, eu vejo a Universidade Federal Agrícola, em Recife. Ora, por que ela não tem um braço numa cidade do sertão? Por que as universidades não podem se espriar por todo o território nacional? É preciso que a gente mude a cabeça das pessoas, para que entendam que o dinheiro que a gente põe na saúde não pode ser tratado como: “Esse governo está gastando muito”. Não, educação, saúde, significa investimento.

Quando a gente constrói uma universidade, ela pode custar algum dinheiro no começo, mas quando o aluno entra na universidade, em pouco tempo o curso que ele faz dá para ele uma condição de cidadania, e o retorno de tudo o que o Estado investiu vem nos próprios impostos que ele paga, em função do seu salário.

É por isso que nós não temos que ter preocupação ao investir em saúde e educação. Na saúde também. Quando a pessoa está perfeitamente bem de saúde, ela produz muito mais no trabalho, ela é muito mais alegre, ela está sempre sorrindo, ela não tem problemas. Quando ela está doente, ela não produz, está mal-humorada. Então, nós precisamos cuidar desses dois itens com carinho excepcional.

E aí, meus companheiros, é uma mudança cultural. Vocês, muitas vezes, eu sei que ficam preocupados quando vêem, na televisão, político xingando político. Eu quero dizer para vocês que isso faz parte da cultura política do Brasil. A única coisa que vocês têm que ter certeza é que vocês elegeram para a Presidência da República não um Presidente, mas um



companheiro que conhece a vida de vocês. E sei a vida de cada um de vocês. Conheço o sacrifício que as mulheres fazem para criarem os seus filhos. Sei qual é o sacrifício de uma mãe precisando colocar comida na mesa sem ter a comida para colocar. Sei o sacrifício de uma mãe ao mandar o filho para a escola e saber que o filho vai para a escola sem ter tomado o café da manhã. Muitas vezes, ir para a escola sem ter um chinelo para colocar nos pés. Eu sei o que é o sacrifício de um chefe de família desempregado, procurando emprego, neste país.

E é por isso que, em apenas três anos de governo, que vamos completar dia 1º de janeiro – isso é importante, dom Diogo, todo mundo saber: durante oito anos do governo passado foram criados, em média, 8 mil empregos por mês, 8 mil entre os demitidos e os admitidos, aqueles que foram mandados embora e os que foram contratados, a diferença era de 8 mil positivos. A diferença no nosso governo, em 34 meses, é de criação de 105 mil empregos por mês com carteira assinada. A agricultura familiar, na história toda do Brasil, nós tínhamos apenas 900 mil contratos no Pronaf e 90% deles na região Sul do país: Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná. Não chegava quase nem a São Paulo porque não tinha cultura. Em apenas 36 meses, nós pulamos de 900 mil contratos para um milhão e 600 mil contratos, atingindo todos os estados da Federação, fazendo com que o pequeno agricultor possa, através do suor e do seu sangue, do calo da sua mão, levar para casa o que dar de comer para a sua família, sem precisar ficar peregrinando.

Só aqui na cidade de Teófilo Otoni são oito mil famílias que recebem o programa Bolsa Família e é pouco ainda, porque eu sei que aqui tem gente mais necessitada e o companheiro Patrus, certamente, – está aqui o número que ele me deu: oito mil e 101 pessoas foi o número que Vossa Excelência me deu – aqui nesta cidade tem 395 produtores de quem nós compramos leite e atendemos, com esse leite, 18 mil e 500 pessoas. Por conta desse leite, nós



passamos aqui, por ano, querida Prefeita – e é importante lembrar – praticamente 23 milhões de reais nesses programas. É pouco e podem ficar certos de que, no ano que vem, terá mais leite, terá mais Bolsa Família, terá mais algumas coisas que precisamos.

Eu queria terminar dizendo para vocês uma coisa que vocês precisam ter clareza e nunca perder de vista: o Brasil entrou em um momento importante da sua história. Nós estamos com a economia crescendo, nós estamos gerando empregos, nós estamos cuidando dos pobres, estamos melhorando a questão da educação. Nós poderemos, daqui a três anos, ter 760 mil novos universitários neste país, fora o crescimento normal das universidades federais brasileiras. E tudo isso pela criatividade de colocar um ProUni, que colocou 112 mil novos alunos na universidade, apenas este ano. E, se Deus quiser, poderemos chegar a outros 100 mil no próximo ano. O Enem já foi feito, agora vamos ver quem passou para a gente fazer a seleção.

Outra coisa que vocês precisam lembrar, de forma muito forte. Esta mulher tem apenas alguns meses no governo. As eleições foram – não, é a Maria José mesmo – ela tem poucos meses, ela tomou posse no dia 1º de janeiro deste ano. Eu queria que vocês, primeiro, ajudassem, compreendessem as dificuldades para, depois, a gente cobrar, porque muitas vezes a gente vai com sede ao pote, muitas vezes a gente quer as coisas muito rápido. É preciso saber como ela pegou a prefeitura, é preciso saber qual era a dívida da prefeitura, é preciso saber qual é o dinheiro da prefeitura. Então, é preciso ajudar a construir a base para que esta cidade possa, definitivamente, ser a cidade com que todos vocês sonham, uma cidade com as ruas limpas, uma cidade que não tem enchente, uma cidade que gere empregos, uma cidade que tenha escola de qualidade para as nossas crianças estudarem, uma cidade que possa ser motivo de orgulho.

Então, eu queria dizer para vocês que o momento, agora, é de ajudar, é de todo mundo dar a mão e falar o seguinte: o que a nossa cidade precisa?



Nós precisamos acabar com uma mania, no Brasil. No Brasil, quando uma prefeita é eleita, um governador é eleito, ou um presidente é eleito, aqueles que perderam, ao invés de ficar torcendo para que ele faça bem, ficam torcendo para que ele dê um azar e não faça nada, que é para justificar a volta deles.

Então, é preciso que a gente ponha na cabeça que a responsabilidade não é dela, não é minha, é nossa. Lógico que cada um tem mais responsabilidade. Eu, por exemplo, fico olhando o que nós fizemos de política social. Eu, por exemplo, fico olhando o que nós vamos fazer na educação, neste país, na hora que o Congresso Nacional aprovar o Fundeb.

E, aí, o pessoal vai dizer: “Puxa vida! Mas passou tanto professor pela Presidência da República, era necessário um metalúrgico para fazer o que nós deveríamos fazer?” Possivelmente, todos eles eram muito mais cultos do que eu. Possivelmente, todos eles leram muito mais livros do que eu. Possivelmente, todos eles eram até mais inteligentes. O que eles não tinham? Era uma ligação sentimental e de coração com os problemas do povo. É uma coisa chamada “liga”, é uma coisa chamada “sangue”. Porque eu sei o que significa uma escola para uma criança, eu sei o que significa. Eu sei o que significa uma mãe ter um filho trabalhando, mesmo que para ganhar um pouquinho, mas só pelo fato de ele não estar na rua, para a mãe, já é uma tranqüilidade excepcional.

Portanto, meus companheiros de Teófilo Otoni, o que nós viemos fazer aqui hoje foi apenas dizer o seguinte: finalmente, Teófilo Otoni está tendo o que merece. Isso é apenas o começo de uma série de boas novas que irão acontecer nesta cidade, nesta região e, também, no Vale do Jequitinhonha, porque, no Brasil, os ricos já conquistaram o seu espaço. Agora é a hora dos pobres conquistarem o seu espaço, definitivamente.

Maria José, meus parabéns. Estou levando a sua pauta de reivindicações para Brasília. Reitora, eu espero que a gente possa ter os melhores cursos aqui. Eu sei que tem reivindicação aqui para outros cursos,



porque a Maria José não perde tempo. Eu sei que ela já está querendo um curso de agronomia, eu sei que ela já está querendo um curso de engenharia. Eu sei que a Reitora, com muita verdade, disse que não tem recursos para tantos professores, mas o nosso Ministro da Educação, com o coração grande como ele tem, ele vai ter que olhar na cara da vocês para assumir um compromisso de fé com vocês. E não basta dizer não, é preciso sair daqui, meu caro Fernando Haddad, com a vocação de dizer: não é por mais um curso ou dois cursos que a gente não vai fazer esse povo ser muito mais feliz do que ele já está hoje.

Muito obrigado, que Deus abençoe todos vocês, e até outro dia.

Olhe, só quero pedir desculpas a vocês. Eu fui alertado agora que tem um problema de teto para levantar vôo daqui, porque o tempo está ficando nublado, senão eu não consigo levantar vôo. Então, não se preocupem se eu sair um pouco rápido daqui, gente.

Um beijo para todos vocês.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na 3ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação

Brasília-DF, 16 de novembro de 2005

Meu caro Sérgio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia,

Meu caro Luiz Furlan, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio,

Meu caro Ciro Gomes, ministro da Integração Nacional,

Meu caro ex-ministro e deputado Eduardo Campos, nosso deputado federal,

Deputados Gonzaga Patriota, Damião Feliciano, Julio Semeghini e Salvador Zimbaldi,

Senhoras e senhores reitores aqui presentes,

Meu caro Carlos Aragão, secretário-executivo da 3ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação,

Senhoras e senhores participantes da 3ª Conferência Nacional de Tecnologia e Inovação,

Jornalistas,

Amigos e amigas,

O Brasil entrou num novo ciclo de desenvolvimento, com inclusão social, que precisa cada vez mais de conhecimento e inovação tecnológica.

Hoje, mais do que em qualquer outra época, nenhum país do mundo consegue avançar sem valorizar e investir seriamente em Ciência e Tecnologia.

Nós sabemos que o principal objetivo desta 3ª edição da Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação é demonstrar como os



conhecimentos que produzimos no Brasil, nessas áreas, podem promover o desenvolvimento de forma soberana e sustentável.

E esta Conferência acontece exatamente um ano após o lançamento da nossa Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior e da vigência da Lei de Inovação, instrumentos fundamentais para a pesquisa científica no Brasil.

A comunidade de cientistas brasileiros – cerca de 50 mil pesquisadores – já é responsável por 1,7% da produção acadêmica mundial em revistas especializadas. Somente em 2004, 14.920 artigos foram publicados por brasileiros e brasileiras, um aumento de 15% em relação ao ano anterior. Já ocupamos, hoje, o 17º lugar na lista dos países que mais produzem conhecimento científico e tecnológico.

Para consolidar e melhorar ainda mais essa posição, estamos investindo 597 milhões de reais em bolsas de formação e de pesquisa em 2005, o que representa um incremento de 54,6% em relação ao ano de 2002. Cinqüenta e duas mil bolsas estão sendo concedidas, sendo 7.200 de doutorado, 7.700 de mestrado e 21.500 de iniciação científica. Isso significa um crescimento de mais de 11% sobre 2003. Nas bolsas de doutorado o aumento foi de 26,3% e entre as bolsas de mestrado de 37,5%.

Este ano, o Brasil estará formando 9.500 doutores, número que aumentará para 10.600 em 2006. Teremos, assim, superado a meta de formação de 10 mil doutores por ano, ao final do nosso governo.

E onde estará o mercado de trabalho para esses profissionais? Ele está sendo ampliado com os incentivos para a contratação de mestres e doutores por empresas privadas, assegurados na Lei de Inovação, e pelo crescimento de vagas na área acadêmica.

Vocês sabem que, até 2006, nós criaremos 36 novos pólos universitários, quatro universidades federais novas, cinco que foram transformadas em universidades e 27 extensões de universidades federais pelo



interior do país. Já inauguramos e já fomos anunciar a de Garanhuns, a de Caruaru, esta semana fui anunciar a de Teófilo Otoni, no Vale do Mucuri. E nós pretendemos, ainda este ano, fazer uma semana de inauguração e o lançamento de pedras fundamentais das novas extensões das universidades federais, para que elas possam ocupar de forma mais justa o território nacional, dar possibilidade à gente mais pobre, do interior, de não ter que mudar de estado e de cidade para ter acesso à universidade. E eu estou certo de que a disposição do Ministério da Educação é de, até o meio do próximo ano, a gente ter concluído, sobretudo, as que vão ser universidades, a Tecnológica do ABC, a do Paraná, a do Recôncavo Baiano e a de Dourados, que são pólos extremamente importantes para o surgimento de novas universidades no Brasil.

Os recursos empenhados pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico passaram de 343 milhões de reais em 2002 para 581 milhões em 2003. Em 2004, continuaram a crescer para 601 milhões de reais e deverão atingir 800 milhões de reais até o final deste ano. O Sérgio Resende vai ter que ficar anotando aí para saber se esses números, que ele mesmo me passou, vão acontecer até lá. Eu acho bom vocês anotarem também, porque citar números aqui é mais fácil do que concluí-los depois.

A regulamentação da Lei deste Fundo também reduzirá a 40% a reserva de contingência da dotação orçamentária, que cairá progressivamente até zero no ano de 2009. Essa decisão permitirá a liberação – outro número importante – de 1 bilhão e 200 milhões de reais para o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, já no próximo ano.

Com a nova Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior, metade dos recursos de financiamento do Ministério de Ciência e Tecnologia foram reservados para apoiar projetos. São esses projetos que contribuem para a inovação tecnológica nas empresas e a articulação entre universidades, institutos de pesquisa e empresas de base tecnológica. Para tanto, já foram



investidos, em 2004, 243 milhões de reais, e chegaremos, em 2005, a 350 milhões de reais.

Meus amigos e minhas amigas,

Nos últimos três anos, como todos sabem, o Congresso Nacional aprovou o novo marco regulatório para o desenvolvimento da Ciência, da Tecnologia e da Inovação no nosso país: a Lei de Inovação, a Lei de Biossegurança e a nova Lei de Informática.

Hoje, no Brasil, 73% dos cientistas estão atuando nas instituições públicas de pesquisa e 11% nas empresas privadas. Estamos, portanto, empenhados em ampliar as oportunidades também no setor privado brasileiro.

A Lei de Inovação, por exemplo, isenta parcialmente as empresas do Imposto de Renda sobre a contratação de mestres e doutores envolvidos em atividades de pesquisa, desenvolvimento e inovação.

A Lei de Biossegurança, já aprovada e em fase final de regulamentação – quando o Fábio fala em final de regulamentação é porque tem divergência entre as partes e muita gente não compreende que o exercício da democracia é você permitir que no debate entre as partes a gente encontre um denominador comum. Já tinha sido feito um acordo, depois teve um pequeno problema, uma das partes interessadas estava viajando, mas eu pretendo, na semana que vem, anunciar definitivamente a regulamentação da Lei de Biossegurança, porque já estamos atrasados na regulamentação dessa Lei. Ela possibilita, por exemplo, que sejam intensificados os estudos com as células-tronco embrionárias.

Também já foi aprovada a nova Lei de Informática, que prorroga até 2019 os incentivos fiscais já existentes para este setor. Aqui, nosso objetivo é manter a capacidade de investimento em pesquisa e desenvolvimento das empresas de informática em pelo menos 5% do seu faturamento.

Além do novo marco regulatório, são muitos os avanços em Ciência e Tecnologia, nos últimos três anos. Quero mencionar alguns exemplos: O



Programa Nacional de Atividades Nucleares teve seu orçamento ampliado em 63%, de 71 milhões, em 2003, para 116 milhões, em 2005.

Nesse mesmo período, a Comissão Nacional de Energia Nuclear concluiu a construção do Centro Regional de Ciências Nucleares no Recife, primeira unidade de pesquisa do Ministério da Ciência e Tecnologia a funcionar fora da região Sudeste, o que não é pouca coisa no Brasil, acontecer alguma coisa fora da região Sudeste.

Encerramos, também, as negociações com a Agência Internacional de Energia Atômica e, hoje, as Indústrias Nucleares Brasileiras em Resende, no Rio de Janeiro, já fabricam o urânio enriquecido, material combustível para as usinas nucleares Angra 1 e Angra 2.

Desde o início do nosso governo temos aumentado os investimentos do Programa Nacional de Atividades Espaciais. Após um período de penúria, entre 1989 e 2002, os investimentos a partir de 2003 têm buscado atingir a meta de 100 milhões de dólares anuais ou cerca de 225 milhões de reais, alcançada neste ano de 2005.

Outra prioridade do nosso governo tem sido a Amazônia pois, hoje, cerca de 1.700 doutores trabalham na região. Ações conjuntas estão sendo realizadas pelos Ministérios do Meio Ambiente, da Ciência e Tecnologia e da Integração Nacional.

Com a recente aprovação da Medida Provisória 255, que incorporou a chamada “Medida Provisória do Bem”, novos instrumentos de financiamento estarão disponíveis, como incentivos fiscais e subvenção direta às atividades de pesquisa e desenvolvimento de empresas inovadoras.

Meus amigos e minhas amigas,

Outra prioridade de nosso governo tem sido a tecnologia para a inclusão social. Faço questão de mencionar aqui dois exemplos que me dão muito orgulho. Primeiro, o Programa de Extensão Tecnológica. Criado em 2004 para colaborar com as comunidades de baixa renda na produção e transmissão do



conhecimento, já apóia 349 projetos, com investimento total de 32 milhões e 500 mil reais. Os projetos mais importantes envolvem tecnologias para a agricultura familiar, cooperativas de processamento de recicláveis, produção de alimentos para famílias pobres e pequenos criatórios.

O segundo exemplo é a 1ª Olimpíada Brasileira das Escolas Públicas, que está sendo concluída. Esta iniciativa, amplamente vitoriosa, contou com a inscrição de mais de 11 milhões e meio de crianças e com a participação de 10 milhões e 500 mil crianças, que fizeram os testes representando todos os estados da Federação. Eu queria fazer um parêntese para contar uma pequena história. O ministro, na época o Eduardo Campos, ao participar junto comigo de uma homenagem aos alunos de escolas privadas que tinham participado da Olimpíada, eu sugeri que nós tentássemos fazer uma Olimpíada na escola pública. No começo, parecia uma coisa impossível porque também se criou na nossa consciência que o pessoal de escola pública é desmotivado, que aprende menos.

Nós agora, logo, logo, vamos apresentar um resultado que vai deixar muita gente de cabelo em pé ou seja, depois da criação do ProUni, o que nós temos ouvido de muitos reitores de universidades é que os alunos do ProUni, que conseguiram chegar à universidade, têm tido um aproveitamento melhor do que outros que pareciam ser melhores, antes dos mais pobres terem oportunidade.

Quando surgiu a idéia de se criar a Olimpíada da Matemática da escola pública, no começo parecia impossível, apesar do entusiasmo do nosso Ministro da Educação, do Ministro da Ciência e Tecnologia, sempre aparecem aqueles que falam: “a escola pública não tem motivação, as crianças não vão querer participar.” Conclusão: Nós abrimos as inscrições e 11 milhões e meio de crianças se inscreveram. Dessas, 10 milhões e meio participaram e nós agora já estamos fazendo... o resultado aí vai ser um número muito importante, as notas 20, 19 e 18, que são as notas que fazem passar para a segunda fase



já estão concluídas, ou seja, nós vamos conseguir medir a qualidade da escola, nós vamos conseguir medir, em parte, a qualidade dos professores porque nós vamos ter todas as escolas brasileiras participando e vamos saber quais os alunos.

O desejo, na verdade, é que no ano que vem a gente comece a pensar na Olimpíada de Português. Quem sabe a gente vá criando olimpíada por matéria, para motivar, e assim nós vamos checando se o professor que está dando a aula tem condições de dar aula ou se ele está bem, porque tem uma coisa em Educação que vocês sabem mais do que eu: se um professor entra numa sala de aula, dá uma aula e o aluno não aprende, o aluno precisa de reforço; se dá a segunda aula e o aluno continua não aprendendo, o aluno ainda precisava continuar no reforço; mas, se der a terceira e o aluno não aprendeu, quem precisa de um reforço é o professor. E isso nós precisamos checar com outra coisa que estamos fazendo agora.

Vocês estão lembrados de que para fazer exame no ensino fundamental, fazia-se por amostragem, porque no Brasil é sempre assim: os professores têm condições péssimas de trabalho e ao invés de melhorar, diminui o tempo de aposentadoria; os alunos têm repetência e, ao invés de melhorar, faz-se o ensino continuado porque não precisa de prova, e a gente não sabe se a criança vai bem.

Nós, este ano agora, no dia 16 de novembro, vamos fazer prova para mais de cinco milhões de crianças da quarta série e da oitava série para a gente testar, não apenas o grau de conhecimento do aluno, mas o comportamento do professor e testar o próprio comportamento. Nós vamos chegar à conclusão de que numa mesma cidade nós vamos ter uma escola com bom nível e uma escola com péssimo nível. Ainda temos que ver porque isso está acontecendo. E quem sabe a gente, definitivamente, comece a mudar a qualidade do ensino fundamental que, sem mudanças, tudo o mais será muito mais difícil.



Por isso, eu quero pedir aos deputados que não meçam esforços para que a gente possa aprovar o Fundeb este ano porque, se aprovarmos este ano, ele entra em vigor no ano que vem. Se não aprovarmos este ano, ele só vai entrar em vigor em 2007 e todo mundo aqui sabe o que significa um ano de atraso na escola para a nossa garotada. Portanto, é fundamental que seja aprovado o Fundeb.

As discussões político-eleitorais, vamos deixar para um pouco mais tarde. Eu sei que tem gente com muita sede para discutir isso agora, tem muita gente só pensando nisso. Mas vamos fazer as coisas de que o Brasil não pode mais prescindir. Tem coisas que o Brasil pode prescindir. Na educação, o Brasil não pode prescindir e não pode perder mais tempo. Não pode ficar apenas pela vontade do Ministério da Educação, pela vontade do governo ou dos deputados que, dentro do Congresso Nacional, estão na Comissão de Educação. É preciso passar essa vontade, esse desejo para os 513 deputados para ver se nós votamos este ano, porque os deputados sabem que no final do ano fica mais difícil juntar gente. Depois, chega o começo do ano, fica mais difícil juntar gente. Depois, chega próximo do processo eleitoral, aí fica quase impossível juntar gente. E eu temo que a gente tenha um ano jogado fora, se nós não aprovarmos o Fundeb.

Voltando à Olimpíada, participaram da Olimpíada 31.028 escolas, em 5.197 municípios, representando 57% das escolas públicas e 93% dos municípios brasileiros. Trata-se de uma das maiores mobilizações em certame estudantil, de teste de conhecimento, em todo o mundo. Da Olimpíada da Matemática nos Estados Unidos, por exemplo, participaram este ano cerca de 100 milhões de estudantes.

Minhas amigas e meus amigos,

Tenho afirmado que, ao contrário de tempos passados, quando o poder de um país decorria quase exclusivamente de seu poderio militar, de suas riquezas naturais ou de sua extensão territorial, hoje os mais poderosos são,



sobretudo, aqueles que detêm conhecimento técnico-científico.

São, precisamente, esses países os mais capazes de decidir sobre o seu próprio destino, de soberanamente defender seus interesses nas mesas de negociação internacionais e de melhor buscar a justiça social. É o que estamos empenhados em fazer pelo Brasil.

Por isso, eu quero desejar a todos vocês que tenham a mais extraordinária e a mais vigorosa Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação e que saiam dessa Conferência, como resultado, propostas. Que saiam coisas que vocês possam cobrar, através do Ministro da Ciência e Tecnologia, coisas para o governo brasileiro fazer. Vocês sabem, eu quero retratar aqui, com muita fidelidade, que se não houver pressão, todo governo tende a achar que é o melhor do mundo. Então, a pressão, por mais que possa incomodar, é a base fundamental para você, primeiro, se lembrar que está vivendo num país de regime democrático; segundo, que a sociedade livremente organizada não é obrigada a se contentar com as coisas que o governo acha que já fez.

A obrigação da sociedade organizada é, cada vez mais, cobrar, mesmo quando o governo possa dizer que não tem dinheiro para atender. Mas eu acho que o papel de vocês é cobrar, cobrar e cobrar, porque eu acho que se o Brasil não der um salto de qualidade no seu processo educacional, do ensino fundamental ao investimento em Ciência, Pesquisa e Tecnologia, nós demoraremos mais para atingir o grau de competitividade internacional, o grau de importância mundial que nós achamos que o Brasil deveria ter.

O Brasil, estando bem, vocês sabem que a gente pode ajudar outros países mais pobres que nós. Vocês estão vendo a negociação que está acontecendo na OMC, vocês estão vendo o preâmbulo da rodada de Doha, vocês estão percebendo que, por mais democráticos que sejam os países europeus, na hora de discutir subsídio agrícola... a França tem muita dificuldade de tomar uma decisão favorável, mesmo a flexibilização dos



Estados Unidos, a França não acompanha porque, na verdade, o problema não é mais econômico, o problema é político. É que os agricultores franceses têm muito peso na época da eleição e, aí, muita gente tem medo de mexer com isso na época de eleição. Nós achamos que, sem isso, nós vamos continuar sem permitir que os países mais pobres possam dar um salto de qualidade num comércio mundial mais igual, mais justo, o que permita que os países, sobretudo, os africanos, consigam sair do estado de pobreza a que foram submetidos nesses últimos 400 anos.

Eu fui à ilha de Gorée, este ano, e lá é que eu me dei conta do porquê da África estar mais atrasada que o restante do mundo. Eu me dei conta porque ao visitar a ilha Gorée tive a dimensão do que era a partida sem retorno e tive a nítida visão, ficando num lugar aonde os barcos negreiros buscavam os homens livres para transformá-los em escravos, de que nenhum continente poderia ser avançado se durante 300 anos tiramos dele o que tinha de melhor do seu povo para torná-lo escravo.

Eu queria que vocês tivessem consciência de que o Brasil precisa de muito mais cientistas, precisa de muito mais técnicas, mas precisa também de cobrança. Não se incomodem que eu não sou daqueles que ficam irritados com cobrança porque na minha vida inteira eu cobre, portanto, eu posso até não gostar, mas jamais demonstrarei que não estou gostando.

Por último, eu quero terminar aqui, obviamente que vai falar o Ciro Gomes e outros ministros, depois, mas eu quero dizer para vocês prestarem atenção no momento político que o Brasil está vivendo. Leiam com muito cuidado todos os jornais, assistam com muito cuidado todos os programas porque eu acho que nós precisamos refletir sobre o que está acontecendo no Brasil e refletir muito porque vocês não são só cientistas, vocês são seres humanos, são seres políticos e falam com outras pessoas, e se não houver compreensão do que está acontecendo no Brasil, neste momento, nós poderemos permitir que o Brasil jogue fora essa oportunidade.



Eu digo todo dia que não há momento da história do Brasil – e tenho analisado desde o governo Juscelino – em que tenhamos tido uma combinação de fatores tão positivos neste país. Talvez nem tanto quanto cada um de nós gostaríamos que tivesse, mas, se nós analisarmos a combinação dos fatores positivos no país, do crescimento econômico, do crescimento do emprego, do crescimento da massa salarial, da queda da inflação, com o crescimento do poder de compra do salário mínimo, do crescimento do superávit de conta corrente, do crescimento das exportações, do crescimento da nossa balança comercial, nós vamos chegar à conclusão de que nós estamos com a base sólida para este país deixar de ser eternamente um país emergente e se transformar num país definitivamente grande e desenvolvido. Vai depender da sociedade brasileira saber definir corretamente o que nós queremos.

Por isso que queria pedir para vocês: atenção, se vocês lêem dois jornais por dia, leiam quatro. Nem sempre terão tudo que vocês gostariam que tivesse, ou notícias boas ou notícias ruins, mas haverá um momento em que o povo brasileiro terá que definir, afinal de contas, ano eleitoral sempre é um ano muito delicado no Brasil, porque o Brasil sempre foi pensado de quatro em quatro anos, o Brasil nunca foi pensado para 20 anos ou para 30 anos. E o país que é pensado apenas de quatro em quatro anos, a Nação fica tão medíocre quanto os dirigentes que a dirigiram.

Boa sorte e muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de entrega do Selo Combustível Social**

Palácio do Planalto, 17 de novembro de 2005

Meu caro Miguel Rossetto, ministro do Desenvolvimento Agrário,
Embaixadores acreditados junto ao meu governo,
Marisa,
Ministra Dilma Rousseff,
Ministro Hélio Costa,
Governador Marcelo Miranda,
Nosso querido prefeito de Palmas, Raul Filho,
Deputada Terezinha Fernandes,
Deputados Beto Albuquerque, Fernando Ferro e Orlando Desconsi,
Empresários,
Trabalhadores,
Meus amigos e minhas amigas.

O problema é que meu discurso já foi feito pelo Miguel Rossetto e eu agora vou ter que falar de improviso aqui Miguel, o Jório falou, o Embaixador também falou parte do que eu queria falar, só o Manoel que não falou porque eu não ia cobrar de mim mesmo, como ele resolveu cobrar.

Possivelmente tem muita gente no Brasil que ainda não adquiriu a dimensão do que significa este projeto do biodiesel. Tem muita gente que, possivelmente, ainda não parou para pensar que nós estamos consolidando no Brasil uma alternativa energética que, quem sabe daqui a 20 ou 30 anos, o mundo inteiro irá se dar conta dos passos que o Brasil está dando nesses últimos dois anos.

É importante lembrar que esta criança é muito nova, ela tem menos de



dois anos. Entre pensar e fazer, estruturar, chamar os especialistas, formatar a idéia, definir o projeto, definir a política, fazer o projeto de lei e depois outro projeto de lei desregulamentando, tirando tributos para que a gente possa priorizar algumas regiões do país, tudo isso faz menos de dois anos.

Eu não vou fazer um desafio para o Rossetto porque indiretamente eu iria desafiar a Dilma, mas posso dizer para vocês que nós estamos sendo pessimistas entre o B-2 e o B-5 ou, possivelmente, não estejamos sendo pessimistas, possivelmente estejamos sendo mais realistas do que o rei.

Eu acho que a exigência do mundo, hoje, por opções de combustíveis vai exigir que nós ultrapassemos algumas etapas que estão previstas no projeto bem montado e bem coordenado pela companheira Dilma e, hoje, sob a coordenação do nosso companheiro Silas e do nosso companheiro Miguel Rossetto.

Eu tenho conversado com muitos presidentes da República e tive o prazer de almoçar com o presidente Bush na Granja do Torto, há 15 dias, e grande parte do assunto da nossa discussão era a produção de uma matriz energética renovável, menos poluente, mais geradora de empregos e que não tivesse um fim, já imaginado por todos nós.

Dizia ele que tentar produzir biodiesel nas condições em que eles, Estados Unidos e outros países estão produzindo, ficaria muito mais barato se resolvessem estabelecer parcerias com empresas brasileiras. E nós então começamos a produzir a partir de uma coisa que Deus legou a este país: terra, sol e água, a competência dos agricultores brasileiros produzirem, a competência dos empresários brasileiros de não perder a oportunidade e enxergar um momento histórico, de entrar em uma coisa nova. E, se eu pudesse pedir ao companheiro Stuckert, que é fotógrafo, que viesse aqui na frente tirar uma fotografia do Plenário, porque normalmente só se tira da nossa cara, aqui, é importante tirar das pessoas. E por que eu quero essa foto, Stuckert? Porque nós vamos voltar a conversar nos próximos anos e nós



vamos perceber o momento histórico que estamos construindo hoje no Brasil.

Além de consolidar uma nova política energética neste país, criar uma alternativa, nós estamos dizendo, aqui: primeiro, estamos dando oportunidade, em parceria com empresários e com os trabalhadores, de que todos poderão produzir biodiesel em qualquer lugar do Brasil. Mas aqueles que tiverem mais sensibilidade, que quiserem contribuir para diminuir o sofrimento de milhões de brasileiros mais pobres deste país, que quiserem ajudar a desenvolver as regiões mais pobres do Brasil, esses terão algum privilégio, esses terão benefícios especiais para que sejam motivados a ir fazer investimentos onde ninguém nunca quis fazer, a não ser a indústria do carro-pipa, a não ser a indústria da seca.

Então, o que nós estamos fazendo, aqui, é dizendo à sociedade brasileira e ao mundo: é um projeto de produção de biodiesel, mas é um projeto, sobretudo, que tem uma visão social consolidada desde o nascimento até o envio dos projetos ao Congresso Nacional e até as parcerias consolidadas com o selo social que foi entregue aos empresários aqui presentes.

Eu me lembro, companheiro Manoel, que o álcool não foi uma política... as pessoas não plantaram cana para produzir álcool. As pessoas plantaram cana para produzir açúcar no Brasil. Depois, em função da oscilação do mercado, produziu-se tanta cana que era preciso encontrar uma solução e, graças a Deus, alguém pensou na produção de álcool. E você sabe que era um setor que estava falido, era um setor totalmente desacreditado há poucos anos, era um setor que já era tido como impossível de ser recuperado para transformar o etanol em combustível e, em apenas três anos, com muita conversa e com muitos acordos, este ano 65% dos carros comprados no mercado interno foram flex-fuel. Foram carros tocados a gasolina, tocados a álcool, não apenas a mistura de 25%, mas um carro que pode ter o tanque 100% de gasolina e 100% de álcool a qualquer momento. E aí se estabeleceu



uma relação de confiança entre o governo e os empresários, empresários e governo, para que, no momento em que definíssemos a necessidade de a indústria brasileira voltar a utilizar o álcool como combustível e não ficar dependendo de políticas de favores do governo – aumenta de 24 para 25, baixa de 25 para 20 a adesão de combustível, do álcool na gasolina – nós resolvemos dizer: este país, definitivamente, vai utilizar o álcool como um combustível alternativo para o nosso país.

E hoje nós temos uma política consolidada e não queremos que ela fique apenas no Brasil. Nós queremos que ela se espraie pela América do Sul, nós queremos que ela se espraie pela América Latina e nós queremos que ela se espraie pela África. Porque na verdade, como esses países não detêm grandes tecnologias e não detêm dinheiro, nós precisamos dar para esses países as chances de sobreviverem fornecendo matérias-primas onde os países ricos não têm poder de competitividade conosco.

Ora por causa das intempéries, ora porque fica muito mais caro produzir as coisas que nós produzimos muito mais barato, aqui no Brasil, nós precisamos, Manoel, estabelecer uma relação em que não cometamos os mesmos erros que cometemos com os trabalhadores da cana-de-açúcar. Ou seja, nós estamos tentando nesses últimos tempos, e o Miguel Rossetto tem tido uma participação muito forte nisso, de tentar convencer, e aqui a demonstração de que as coisas já estão acordadas, é de que só tem sentido este projeto se a gente não repetir – nem para os empresários, nem para os trabalhadores – os erros que nós cometemos em outros projetos no Brasil.

Portanto, nós vamos tentar, e quero te dizer que enquanto eu for Presidente, você me terá como parceiro, para que a gente sempre tente, numa mesa de negociação, de forma muito ajuizada e equilibrada, encontrar as soluções que possam permitir aos empresários produzir, que possam ganhar o seu dinheiro, que os trabalhadores possam trabalhar e possam viver condignamente, sem o banco cobrar uma taxa que você apresentou aqui,



agora.

Eu estou convencido de que o dia de hoje marca definitivamente a consolidação do Programa do Biodiesel no Brasil e estou convencido de que todos nós, estou vendo aqui todo mundo mais novo do que eu, mesmo os que parecem mais velhos que eu, de que todos nós viveremos pelo menos dez anos mais, para que a gente assista o significado e a importância que o biodiesel vai ganhar no mundo. E ganhando importância no mundo, nós vamos perceber que poucos ou nenhum país tem as condições de produção que o Brasil tem para atender uma demanda, não apenas interna, mas uma demanda internacional.

Nós precisamos, companheiro Miguel Rossetto, fazer com que os acordos entre trabalhadores e empresários sejam uma coisa tão consolidada que a gente não tenha que estar correndo atrás de prejuízos daqui a três ou quatro anos. E temos que fazer também os empresários entenderem que os acordos que estamos fazendo não vão fazer com que nenhum empresário, amanhã, fique na rua da amargura porque o governo não assumiu o compromisso de criar as condições para que os produtos tenham mercado e para que a gente garanta, através dos instrumentos do Estado, da BR sobretudo, que essa mercadoria seja comprada definitivamente.

O leilão vai acontecer e nós vamos consolidar definitivamente. E quero dizer em alto e bom som: se alguém, em algum momento, imaginou que o Programa do Biodiesel era apenas um sonho, era apenas uma peça, era apenas uma coisa de campanha eleitoral ou mais um projeto do governo, eu quero dizer que não é um sonho, não é mais um projeto, é “o projeto” e um grande projeto porque ele será, definitivamente, a forma pela qual o Brasil estará totalmente independente nessa questão de energia.

Eu não poderia deixar de parabenizar a Dilma Rousseff porque eu me lembro como se fosse hoje: a primeira pessoa que falou comigo do biodiesel foi o Roberto Rodrigues. Entrou na minha sala e falou: Presidente, eu fui num



encontro e, olha, tem uma coisa revolucionária que é o biodiesel. Nós montamos uma reunião com vários ministros e colocamos a companheira Dilma como coordenadora do Programa. Mais de 80 pessoas participaram da elaboração do projeto. Quando o projeto estava pronto, fizemos um projeto-de-lei, mandamos para o Congresso, tivemos o apoio dos deputados, das deputadas, dos senadores, das senadoras, e esse projeto, hoje, está se consolidando definitivamente. Certamente a história irá explicar melhor este momento que estamos vivendo hoje, e um país como o Brasil, que não tem apenas a mamona, que não tem apenas a palma, que não tem apenas a soja, que não tem apenas o caroço de algodão, que não tem apenas a semente de girassol, e que tem tantas outras coisas, que a gente ainda está pesquisando, e se Deus quiser, a Embrapa, as empresas, a própria Petrobrás, com os seus centros de pesquisa, vão fazer com que o Brasil tenha uma quantidade tão grande de alternativas para adequá-las a cada região do país, que o Brasil será o mais importante produtor de biodiesel do planeta Terra.

Muito obrigado, boa sorte e, companheira Dilma, meus parabéns; Miguel Rossetto, meus parabéns.



Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega de certificado para os primeiros participantes do programa Escolas-Irmãs

Palácio do Planalto, 18 de novembro de 2005

Nós poderíamos fazer o seguinte: depois a gente poderia tirar fotografia conjunta aqui com as pessoas que receberam diploma, e aproveitar o discurso do nosso menino, do Diogo, e aproveitar e falar para vocês.

Vocês estão acompanhando, nós estamos com um projeto no Congresso Nacional e estamos torcendo e pedindo o empenho dos parlamentares para que seja aprovado o Fundeb este ano, porque se for aprovado, nós vamos ter a possibilidade de tornar mais equânime a qualidade da educação no Brasil, sobretudo porque serão 4 bilhões e 300 milhões de reais a mais, sobretudo para ajudar as regiões mais empobrecidas do nosso país.

Esse projeto está lá e agora tem uma pequena divergência: está de quatro anos para a frente e as pessoas querem que se coloque de zero a quatro, também, para ajudar as creches. Eu penso que essa emenda deverá ser feita no Congresso Nacional.

Nós estamos com o nosso Ministro da Educação, eu fui a Teófilo Otoni, em Minas Gerais, com eles, no lançamento da extensão da Universidade Federal para Teófilo Otoni e dedicamos uma hora de conversa entre o Ministro da Educação, o ministro Walfrido, do Turismo, que também é diretor de escola premiado aqui, para que a gente pense uma mudança muito grande na educação brasileira.

Nós estamos, agora, colhendo alguns resultados importantes. Vocês



estão lembrados que a Olimpíada da Matemática era feita apenas com algumas escolas particulares do Brasil e que, no ano passado, nós resolvemos nos desafiar e fazer a Olimpíada da Matemática nas escolas públicas. Tivemos uma extraordinária surpresa porque tinha muita gente cética em relação à participação dos alunos das escolas públicas e, pasmem, se inscreveram 11 milhões e meio de crianças e participaram do concurso 10 milhões e meio de crianças.

O segundo país do mundo são os Estados Unidos, que participaram com 6 milhões de crianças. Nós, agora, queremos ver se estendemos para fazer a Olimpíada de Português, e depois tentamos criar outras olimpíadas em cada matéria, para que possamos motivar os nossos estudantes a aprender um pouco mais, a se dedicarem um pouco mais.

A segunda coisa importante é que no dia 16, agora, do dia 16 ao dia 30, nós estamos fazendo uma outra coisa muito importante na escola pública brasileira, porque antes se fazia uma avaliação por amostragem, 200 mil crianças prestavam exame na 4ª e na 8ª séries para que a gente pudesse ter o mapa geral da qualidade da educação no Brasil. Nós tomamos a decisão e, agora, no dia 16, começa a prova para 5 milhões de crianças que estão na 4ª e na 8ª séries, para a gente medir a qualidade das escolas. Tem quase 5 mil e 200 escolas inscritas, são 5 milhões de crianças, portanto é uma amostragem total das crianças que estão na 4ª e na 8ª séries. Nós queremos medir não apenas o grau de aprendizado das nossas crianças, mas nós queremos medir também a qualidade do ensino que elas estão recebendo porque nós vamos perceber que, numa mesma cidade, nós temos uma escola em que os alunos estão bem preparados e em outra escola nós temos alunos que não estão preparados. Se isso acontecer, tem alguma coisa ou com o aluno ou com o professor, e nós vamos ter um quadro fiel da política da educação.

Mas não é apenas isso, nós estamos muito preocupados com a idéia do ensino continuado, ou seja, de a criança não ter momentos em que faça um



teste para a gente saber se ela está aprendendo. Entra um professor na sala de aula, dá aula durante 300 dias por ano para aquela criança e não tem um momento de a gente avaliar se a criança está aprendendo de verdade? Valeu a pena eu dar aula? Porque se um professor entra na sala de aula e dá uma aula de 45 minutos ou de uma hora e não tem um momento em que ele pergunta para o aluno: “escuta aqui, você entendeu o que eu falei?” Precisa ter um momento para que essa criança possa dizer: “Olha, eu não entendi, eu queria um reforço”.

E ao invés de a gente ter um substituto nas escolas, às vezes fica, por um mês, o substituto indo todos os dias à escola e, se não faltar professor, ele não tem atividade. Nós precisamos tornar a figura do substituto uma figura útil quando estiver na escola. Vamos selecionar as matérias nas quais os alunos estão fracos, e ele vai dar reforço para aquelas crianças poderem evoluir, porque senão a escola pública brasileira não vai dar um salto de qualidade.

Vocês perceberam que nós mudamos na política de alfabetização. Vocês perceberam que nós, sem nenhum questionamento, mas antes você tinha uma disputa de quem alfabetizava mais rapidamente. “Ah, eu alfabetizo em 120 dias, eu alfabetizo em dois meses, eu alfabetizo em 30 dias, eu alfabetizo em uma hora”. Ora, nós não achamos que desenhar o nome seja alfabetizar. Isso vale para o cidadão votar, que nem precisa mais porque o analfabeto pode votar.

Nós estamos com o nosso Programa de Alfabetização, agora, e eu tive uma alegria imensa de ir ao Rio de Janeiro, recentemente, entregar simbolicamente o diploma para cinco pessoas, de 40 mil que estavam se formando. Nós estendemos o prazo da alfabetização para oito meses porque nós não queremos apenas alfabetizar, nós queremos que, depois de alfabetizada, a pessoa crie as condições para entrar no ensino fundamental. E foi fantástico ver uma senhora chamada Maria das Dores, de 92 anos de idade, alfabetizada no ano passado, depois ela fez a quarta série em um ano e meio,



agora vai fazer até a oitava, que ainda sonha em fazer faculdade. Ainda sonha, com 94 anos de idade. É uma coisa extraordinária.

Uma outra coisa que nós entendemos que precisamos fazer na educação brasileira é melhorar significativamente o ensino fundamental, porque é por ali que passa tudo, ali é a base para que a criança possa chegar. Vocês estão acompanhando o sucesso do ProUni. Nós, na discussão que fizemos com os dois ministros, estamos pensando em ver como a gente cria outras condições para colocar mais pessoas na universidade brasileira.

Nós estamos fazendo quatro universidades federais novas, estamos transformando cinco faculdades em universidades, estamos fazendo 32 extensões, tirando as universidades federais da capital e levando braços delas para o interior. Vamos chegar ao Vale do Jequitinhonha, já chegamos ao Vale do Mucuri, já chegamos ao sertão nordestino, e vamos criar 32 escolas técnicas.

Eu estou dizendo isso a vocês porque, no padrão atual, nós vamos demorar muito para resolver o problema da educação. Então nós temos que pensar como, de forma rápida, bastante ligeira, a gente pode fazer movimentos que possam significar o que vocês estão fazendo hoje aqui.

Vejam uma coisa, é a minha Assessoria Especial que está fazendo o Programa e eu não tinha noção da grandeza do Programa, embora tenhamos ainda poucas escolas. Esse negócio de a gente dizer: “o coração não sente o que os olhos não vêem” é verdade porque, às vezes, um único exemplo pode dar a dimensão para nós da grandiosidade da idéia. E fazer com que uma criança de classe média – que não tem culpa nenhuma de ser de classe média e não é pecado ser de classe média, nós queremos é que todos sejam de classe média, – uma criança de classe média que não tem problema financeiro, que não tem problema de educação, que não tem problema na alimentação, tenha acesso a uma escola de crianças que estão mais necessitadas, possivelmente, seja de uma importância na cabeça dessa pessoa igual ao



intercâmbio internacional que ela faz para outro país por seis meses. E, ao mesmo tempo, uma criança de uma escola mais pobre visitar uma escola de gente mais rica, possivelmente a gente esteja dando a contribuição para acabar com os preconceitos, para acabar com as distâncias, para acabar com as diferenças entre os seres humanos. Acabar, não, porque nós não queremos acabar com as diferenças; é tão bom “mulher” e “homem”, é tão bom “corintiano” e “palmeirense”, “vascaíno” e “flamengo”, é tão bom que tenha essa coisa mas para a gente crescer com o coração mais aberto, para a gente ter na cabeça pensamentos mais justos, e para a gente perceber que parte dos problemas no Brasil serão resolvidos na hora em que aqueles que podem um pouco mais estenderem a mão para aqueles que podem menos.

Meus parabéns, Silvino. Meus parabéns a todos vocês.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de sanção do Projeto de Lei de Conversão da MP 255**

Palácio do Planalto, 21 de novembro de 2005

Meu caro companheiro Antônio Palocci, ministro da Fazenda,
Meu caro Paulo Bernardo, ministro do Planejamento,
Minha cara companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil da
Presidência da República,
Patrus Ananias, do Desenvolvimento Social,
Meu caro José Antônio Correia Coimbra, ministro interino de Minas e
Energia,
Sérgio Rezende, de Ciência e Tecnologia,
Ciro Gomes, ministro da Integração,
Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da
República,
Waldir Pires, ministro do Controle e da Transparência,
Jaques Wagner, ministro-chefe da Secretaria de Relações Institucionais
da Presidência da República,
José Fritsch, secretário especial de Aqüicultura e Pesca,
Meus caros líderes Fernando Bezerra, líder do governo no Congresso;
Aloizio Mercadante, líder do governo no Senado,
Meus caros senadores Serys, João Ribeiro,
Meu caro Arlindo Chinaglia, líder do governo na Câmara dos Deputados,
Deputado Armando Monteiro, presidente da Confederação Nacional da
Indústria,



Deputados Carlos Mota, Miguel de Souza, Jamil Murad, Orlando Desconsi,

Meu caro Murilo Portugal,

Meu caro Jorge Rachid, secretário da Receita Federal,

Empresários aqui presentes,

Empresárias,

Amigos e amigas,

Esta Lei que estou sancionando hoje vai dar um impulso ainda maior ao processo de transformação econômica que vem ocorrendo há três anos no nosso país.

O Brasil, segundo a Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento, a UNCTAD, já ocupa a quinta posição mundial entre os países mais atrativos para investimentos estrangeiros diretos, no curto e no médio prazo. Uma situação muito diferente da que ocorreu nos anos 90. Os fluxos de investimentos diretos que estamos recebendo não chegam mais aqui exclusivamente para comprar empresas públicas que gerações de brasileiros levaram décadas para construir. Eles vêm agora para criar empreendimentos novos, para instalar fábricas de celulose, estaleiros, siderúrgicas, entre tantas outras atividades produtivas do nosso país.

O Brasil está vivendo um momento único de nossa história. Fizemos o país voltar a crescer como não ocorria há mais de uma década. E, o que é mais importante, crescer com inflação baixa e sob controle, com geração de empregos e progressiva inclusão social.

Não só criamos ambientes regulatórios favoráveis para diversos setores econômicos como também concentramos esforços para revitalizar áreas em que há muito o Brasil havia perdido o seu dinamismo, como é o caso, por exemplo, da indústria naval brasileira. E fortalecemos os bancos públicos, que



estão recuperando o papel criativo que já tiveram ao financiar o nosso desenvolvimento.

Hoje estamos dando um grande salto à frente, com medida de desoneração tributária e fomento ao setor produtivo e, também, com um programa de inclusão digital e regimes especiais de incentivo às exportações.

Estamos removendo os entraves que colocavam nosso país em desvantagem na disputa pelos investimentos produtivos externos e favorecendo, também, a ampliação dos investimentos internos.

Muitos benefícios criados pela Lei que sancionamos hoje já foram citados aqui. Mas faço questão de destacar alguns deles pelos quais temos particular entusiasmo.

Desoneramos do PIS e do COFINS a conta de bem de capital por empresas de vários de setores que exportam pelo menos 80% de sua produção. Além de atrair o capital produtivo estrangeiro e incentivar o capital nacional a investir no país, este novo regime tributário possibilitará o aumento de nossas exportações, que já vêm batendo recorde sucessivo nos últimos anos. Com esta medida, o Brasil se torna ainda mais atrativo para os bilhões de dólares que estão disponíveis para investimento industrial no mundo. Nós queremos e vamos atraí-los para investir no Brasil.

Esta Lei estimula, igualmente, o investimento em empresas exportadoras de serviços de tecnologias da informação. Com ela, nossos softwares poderão disputar, com preços competitivos, sua inserção em um mercado que movimentará 900 bilhões de dólares em todo o mundo, até o ano de 2008.

O Ministério do Desenvolvimento estima que a medida poderá elevar para 2 bilhões de dólares, em 2007, a entrada de divisas ligadas ao setor, um aumento de 20 vezes em relação ao que nós tínhamos há 3 anos atrás.

Ao mesmo tempo, criamos incentivos fiscais para a inovação tecnológica nas empresas, benefícios que se somam a medidas criadas pela Lei de



Inovação, que entrou em vigência no ano passado. Também desburocratizamos o processo para a concessão desses incentivos, que passará a ser automática. Nesse sentido, uma das grandes novidades da Lei que sancionamos hoje é que o governo federal ampliará a subvenção e a inovação, especialmente nas micro, pequenas e médias empresas. Assim, elas poderão contratar mais mestres e doutores para trabalharem com a pesquisa e o desenvolvimento.

Meus amigos e minhas amigas,

Outra medida que me toca especialmente é o Programa Computador para Todos, que estimula a venda de computadores a preços populares, criando um novo marco para inclusão digital em nosso país. Ele começou a vigorar por meio de Medida Provisória ainda em julho passado. Desde então, varejistas e fabricantes já falam em aumento de 40 a 60% nas vendas desses equipamentos. Além dos incentivos fiscais, o Programa também disponibilizará 550 milhões de reais em recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador – O FAT – para financiar a compra de computadores a juros mais baixos para a população de renda mais baixa.

O Computador para Todos estimula a produção industrial e combate à pirataria mas, sobretudo, possibilita que as classes populares tenham acesso às novas tecnologias. Um computador pode significar para uma família a possibilidade de acesso a um conhecimento, o estabelecimento de novas redes de relacionamento e a abertura de novas chances no mercado de trabalho. Significa, também, maior cidadania, o acesso às informações e serviços que a Administração Pública já oferece pela Internet, inclusive a possibilidade de interagir com os governos e se fazerem ouvir, fiscalizando melhor as suas ações.

Outro dispositivo dessa Lei, que já surtiu efeitos em nossa economia desde a edição da Medida Provisória, é o que se refere ao mercado imobiliário. Desoneramos projetos na área da construção civil e criamos a isenção do



Imposto sobre o Lucro Imobiliário, em caso de venda de casa própria para aquisição de nova moradia.

Quero destacar também que essa nova Lei permite a renegociação da dívida previdenciária dos municípios. Hoje, muitos municípios brasileiros perderam o direito de receber transferência voluntária de recursos na União, devido aos seus débitos. Estamos, portanto, dando a esses municípios a possibilidade de voltarem a investir, gerando empregos e renda em suas localidades, mas sem deixar de lado, em momento algum, os princípios da responsabilidade fiscal.

Meus amigos e minhas amigas,

Os excelentes resultados que obtivemos até agora na economia e nas políticas sociais dão ao Brasil uma base sólida para continuar avançando. Uma das características inovadoras da nossa política econômica é de ampliar de forma excepcional nossas exportações, ao mesmo tempo em que dinamizamos o mercado interno. No passado recente – vocês se lembram – a expansão das exportações se dava sempre em detrimento do mercado interno e vice-versa. Nós provamos, na prática, que as duas coisas podiam andar juntas de forma integrada. E é por tudo isso que conseguimos elevar o Brasil a esse novo ciclo de desenvolvimento sustentado, deixando para trás o longo período de estagnação que herdamos. Repito, continuarei fazendo na economia, como em todas as áreas de governo, aquilo que é melhor para o país. Não mudarei em nada a minha conduta por razões eleitorais. Estamos governando para a atual e para as próximas gerações. Não cortejei, nem cortejarei o êxito fácil, estou trabalhando para as conquistas duradouras para o país e para o nosso povo. Que outros se deixam levar por meras motivações eleitorais, eu não farei. Meu compromisso é com o Brasil.

Meus amigos e minhas amigas,

Eu queria aproveitar esta oportunidade, primeiro para dizer que o nosso companheiro Furlan não está presente nesta reunião porque está em uma



missão com empresários na Argélia. Segundo, eu, sempre que posso, tenho que fazer os reparos necessários, e essas são as oportunidades que eu tenho.

Na última quinta-feira eu participei de um evento em que fomos entregar os selos sociais a algumas empresas que conquistaram esse selo social por contratarem serviços da agricultura familiar para a produção de biodiesel. E, para minha surpresa, no outro dia, a manchete de alguns jornais era de que eu tinha citado a ministra Dilma duas vezes e não tinha citado, nenhuma vez, o ministro Palocci. Eu confesso a vocês que fiquei estarecido porque, se no lugar da Dilma estivesse o Aloizio Mercadante, o Fernando Bezerra, o Patrus ou o Waldir, quem fosse responsável pelo Programa, certamente eu teria elogiado e não a Dilma. Mas como uma boa celeuma não é bom apenas na política e no futebol, ela vale também para a prática da governabilidade.

E eu quero aproveitar para dizer a todos vocês que esta Medida 255, que foi transformada em lei e que foi sancionada agora, não seria possível de acontecer se não fosse o trabalho do companheiro Palocci e dos seus assessores, sobretudo da Receita Federal. E vocês sabem que essa disputa é uma disputa muitas vezes difícil porque, na cabeça de cada deputado tem um artigo que é o mais importante, na cabeça de cada senador tem um artigo que é mais importante. Mas também na cabeça das pessoas do governo, sempre tem um artigo que é mais importante, ou seja, é um jogo de ver quem tem mais habilidade, quem tem mais força para tentar ganhar mais ou perder menos.

O dado concreto que temos tido como experiência no Brasil é que toda vez que houve esse embate, o Brasil terminou ganhando. Toda vez que houve esse embate saudável, democrático, de disputa de interesses, entre os interesses e a visão do Executivo e do Legislativo, no fundo, no fundo, por menos que gostemos, quem ganha é a sociedade brasileira porque o resultado do debate sempre será melhor do que a posição unilateral, seja do Executivo ou seja do Legislativo.



E, pasmem mais ainda, essa disputa não se deu apenas agora. Essa disputa tem se dado em quase todas as votações importantes do Congresso Nacional, e todos os ministros em suas áreas, têm feito a tarefa que lhes é determinada, de tentar negociar aquilo que interessa à sua pasta. E nós temos, no Ministério da Fazenda, praticamente o interesse de todas as coisas que são votadas no Congresso Nacional e, por isso, temos uma equipe de muita competência, reconhecida pelos parlamentares, que o pessoal da Receita e da Fazenda, quando chegam ao Congresso Nacional, chegam com conhecimento de causa, chegam com conhecimento da matéria que está sendo discutida, e chegam para defender os interesses, não do ministro Palocci ou do secretário do ministro Palocci ou da Receita Federal, chegam para defender os interesses daquilo que eles entendem que interessa ao nosso país.

E de vez em quando, também, e no Brasil não é novidade – o dia em que o Brasil tiver uma composição de governo em que não exista disputa entre ministros e que não exista área desenvolvimentista e área monetarista, isso, pelo menos do ponto de vista da grande teoria da política econômica... Nós vimos no governo passado, vimos no governo retrasado e nós vimos sempre que há uma disputa. E quando há essa disputa, muita gente fica incomodada, sobretudo aqueles que gostam de ver o circo pegar fogo, gostam de alimentar uma disputa que, na minha opinião, não existe.

No meu governo, e eu quero deixar isso muito claro, há espaço, há espaço como nunca houve na República brasileira para que os ministros possam ter pensamentos diferenciados, possam exercer a vontade de fazer o debate. Mas existe um momento em que esse debate será transformado em políticas públicas de governo. E quando isso é transformado em políticas públicas de governo, acabou o debate. É o cumprimento daquilo que foi transformado em política pública de governo.

E a economia é sempre uma paixão. Eu digo todo santo dia: de economia, futebol e saúde todo mundo entende um pouco. Eu não posso falar



muito de futebol porque estão dizendo que o Corinthians ontem, o juiz não se comportou direito contra o Internacional. Mas o Brasil é assim: a economia gera paixão. Às vezes até eu que não entendo muito, adoro fazer debate de economia. Saúde é outra paixão. Você não pode dizer que está com dor de cabeça ou que está com uma febre, que alguém aparece te dizendo “tomei tal remédio e fiquei bom. Tome o mesmo”.

E eu quero dizer a vocês o seguinte. Neste governo não tem política econômica do ministro Palocci. Neste governo tem política econômica do governo, que envolve toda a complexidade do que significa o governo. Se ela for bem, todo mundo ganha com a política econômica. Se ela for mal, todo mundo perde com a política econômica. Isso é da história.

E já que nós estamos em um evento que tem muitos empresários aqui, muita gente, muitas vezes uns mais críticos, outros menos críticos, eu gostaria de chamar a atenção de vocês para algumas coisas. Primeiro, todos nós temos que ter responsabilidade para não permitir que a política eleitoral, que é uma coisa grande, mas menor do que os interesses nacionais, possa motivar qualquer desejo ou qualquer ímpeto do governo de fazer medidas que, teoricamente, parecem menos impopulares mas que, se o resultado não for bom, a médio prazo quem paga é a sociedade brasileira, como já estamos cansados de ver.

Eu vou repetir uma coisa que eu tenho dito: todos vocês que estão nesta mesa já foram dormir, um dia, com o noticiário na televisão de que tinha aparecido, neste país, um ministro da Fazenda que tinha feito um plano e que ia salvar a Humanidade. E também todos vocês acordaram alguns dias depois e perceberam que o tal do milagre tinha causado prejuízo a alguém e, sobretudo, esse prejuízo tinha resultado em cima da parte mais pobre da população.

Eu faço parte de um partido político que, às vezes, tem vergonha de assumir determinadas posturas. Eu, às vezes, venho de um movimento social



que às vezes tem vergonha. Às vezes, muitos partidos aliados têm vergonha. Não é fácil. Todo mundo gostaria que a economia estivesse crescendo 10%, 15%, 20%; que a inflação fosse zero, que o superávit fosse zero, ou seja, todo mundo gostaria de estar fazendo duas estradas por minuto ou por segundo, eu também gostaria. Agora, quando se pega um país do tamanho do Brasil, com as experiências históricas bem-sucedidas que o Brasil já teve, mas também com as experiências históricas frustradas que o Brasil já teve, e pega-se um país na situação em que nós pegamos, e colocamos este país em alto mar, com tranqüilidade, dizendo a todos os passageiros: olhem, não vai ter tsunami aqui. Isso aqui tem comando, tem mestre, tem contra-mestre, tem toda a tripulação de que o navio precisa para andar com tranqüilidade.

Se alguém está preocupado com as eleições do ano que vem, eu quero dizer a vocês que eu não estou. Não estou preocupado, até porque muita mentira tem perna curta e o povo brasileiro é mais sábio e mais inteligente do que aqueles, que pensam pequeno, podem compreender.

Por isso, não foi pouca coisa o que nós conseguimos até agora. É importante lembrar que nós tomamos posse, neste país, e tivemos que tomar medidas amargas contra as pessoas que me elegeram. A reforma da Previdência Social, eu mexi diretamente com a minha base eleitoral, com companheiros que foram para a rua gritar o meu nome. E fiz isso com a consciência tranqüila, de que um Presidente da República, depois de eleito, não pode pensar apenas nos seus eleitores ou nos futuros eleitores. Ele tem que pensar que Nação ele quer construir. Ele tem que pensar se os seus netos, bisnetos, tataranetos e os netos de milhões de brasileiros vão herdar um país mais sólido do aquele que nós pegamos. E todos vocês entendem, quando eu falo país sólido, do que eu estou falando.

Atravessamos 2003, não foi fácil. Eu diria que, do ponto de vista da economia, nós cortamos mais do que cortamos na carne. Alguns acham que nós cortamos demais. Mas a verdade é que o resultado da política que nós



fizemos, ao contrário daqueles que imaginavam que o nosso governo ia ser um desastre, o governo se transformou num sucesso. O resultado veio com o melhor crescimento econômico dos últimos 10 anos.

Alguém poderia falar: pode crescer um pouco mais. É sempre bom a gente querer mais. Alguém poderia falar: mas o juro poderia cair mais rápido. Ele sempre pode cair mais rápido. O dado concreto é que poderemos ter tomado uma dose a mais, uma dose a menos, mas o resultado das coisas que aconteceram neste país estão deixando aqueles que defendem a teoria do “quanto pior, melhor” mais preocupados pelos acertos do que pelos erros.

Aliás, já teve gente que escreveu, neste país, que a política econômica ia dar certo, independentemente do governo. A política econômica ia dar certo pelos olhos de 180 milhões de brasileiros ou pelo que foi feito no passado. Se isso é verdade para alguns, para mim política econômica é muito menos mágica e muito mais seriedade; é muito menos mágica e muito mais participação da sociedade.

E aqui tem empresários que sabem que em nenhum momento da história deste país, mesmo quando os partidos deles estiveram governando o Brasil, eles tiveram a possibilidade de participar de decisões, como têm participado neste governo.

Não foram poucas as reuniões que nós fizemos, com todos os segmentos da sociedade, dos Sem-Terra ao maior latifundiário deste país, do microempresário ao maior empresário deste país, com todos, nós nunca fizemos diferenciação. E, aqui, eu estou olhando na fisionomia e na cara, tem muita gente que já participou disso e sabe do que estou falando.

E por que fizemos isso? Fizemos isso porque, no nosso entendimento, a única coisa que tem prazo é o mandato do Presidente da República e a passagem do governo pelo país. A única coisa que nós sabemos é que o Presidente da República toma posse dia 1º de janeiro e deixa o mandato dia 1º de janeiro, quatro anos depois.



Então, nós sabemos que muito mais sólidos para o país são os fundamentos da economia do que apenas o temporão de um mandato presidencial, como muitas vezes já foi colocado em prática, neste país.

E quero dizer para vocês que todos nós queremos que a economia cresça mais. Quem não quer? Todo mundo quer. Entretanto, eu queria chamar todos vocês a uma pequena reflexão: que país e que governo cresceria no ano de 2005 subordinado à crise do denunciamento que nós estamos vivendo neste país? Quem suportaria, qual o interesse de um empresário alemão, inglês ou francês, sueco ou finlandês, venezuelano ou argentino, iria querer investir no Brasil se ele acessasse a Internet e visse a quantidade de matérias negativas contra o país, como ele vê? Entretanto, mesmo com a profundidade da crise, mesmo com o denunciamento, até agora não provaram. O dado concreto é que a economia brasileira continua funcionando, os empregos continuam aparecendo, o PIB vai crescer. Poderiam dizer: ele poderia crescer um pouco mais. Poderia. Mas, de qualquer forma, diferentemente de muitos outros países, continua crescendo. E vamos crescer mais o ano que vem e, se Deus quiser, vamos crescer mais o ano que vem. Isso não depende de magia, isso depende do nosso comportamento, depende da nossa crença, depende do nosso otimismo, depende da credibilidade que a gente der ao projeto que nós estamos construindo. E eu, particularmente, estou convencido de que o Brasil entrou numa rota de desenvolvimento, de que se nós não permitirmos que pequenez eleitoral tire a nossa seriedade e se comece a fazer o que já foi feito historicamente neste país; se nós não permitirmos que a pequenez eleitoral tome conta do nosso comportamento, certamente nós estaremos deixando para quem vier depois de nós, para os nossos filhos e nossos netos, um Brasil que, definitivamente, será considerado um país sério, um país em desenvolvimento e não um eterno país emergente, como nós somos chamados há pelo menos três décadas.

Eu estou dizendo tudo isso para dizer a vocês que feliz o governo, feliz o



presidente da República que tem o Ministério que eu tenho, companheiros, na sua grande maioria, de longa data, de longa trajetória, experimentados nas derrotas. Esses são os melhores, porque depois da vitória – não é Ciro? – fica tudo mais fácil, mas na derrota é que é muito difícil.

Então, eu quero dizer para vocês que a economia brasileira vai continuar com a seriedade que ela veio até agora. Quero dizer para vocês que o ministro Palocci é o meu ministro da Fazenda, escolhido por mim. Quero dizer para vocês que da mesma forma que o Palocci é o meu ministro da Fazenda, a Dilma é minha ministra da Casa Civil; o Nelson é o meu ministro da Previdência, e são pessoas que foram escolhidas para fazer o que estão fazendo.

Portanto, eu queria dizer essas palavras para dizer o seguinte: se alguém ainda quiser continuar especulando sobre economia, por favor, se dirija à Bolsa de São Paulo e deixe o governo fazer as coisas que vêm fazendo.

Muito obrigado e boa sorte a todos vocês.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura do I Congresso Nacional de Agricultura Familiar (Fetraf)

Luziânia-GO, 22 de novembro de 2005

Quando o Gilberto Carvalho foi dizer para mim que eu tinha que vir no Congresso da Fetraf, eu, como sei que esse movimento começou no Sul do país e, portanto, proporcionalmente deve ter muito gaúcho, eu, como corintiano fiquei: “Será que é bom um corintiano ir?” Porque os críticos, o Calixto sabe que os críticos do Corinthians são muitos, estão dizendo que houve favorecimento.

Bom, eu quero começar cumprimentando cada companheiro e cada companheira que participa deste 1º Congresso, organizado pela Fetraf, que não é mais Fetraf porque está se transformando numa entidade nacional. Quero dizer para vocês que é uma alegria saber que vocês estão mais organizados hoje do que estavam ontem e, certamente, estarão amanhã mais organizados do que estão hoje. Tudo isso é um processo, leva tempo, leva a decepções, sofrimento. Mas não desistam, porque é o que vale a pena.

*Fiquei deveras preocupado, porque depois da mística, depois do confronto entre o bem e o mal, aqui, neste palco, as duas traidoras foram sentar juntas ali e ficaram tagarelando, ou seja, era uma briga apenas para inglês ver, porque no fundo, no fundo, estavam as duas, ali, dizendo que nos tinham enganado. Mas, meus parabéns pela mística.

* Refere-se a peça de teatro apresentada no evento.



Quero cumprimentar os dirigentes, representantes de países estrangeiros aqui presentes. É sempre importante que haja essa interação entre os trabalhadores, o povo e os dirigentes brasileiros com os nossos irmãos do Planeta, sejam da América do Sul, América Latina, África, Europa, Ásia, Estados Unidos, Canadá. É importante que haja essa interação, sobretudo porque estamos entrando numa reta final da Rodada de Doha, onde os acordos comerciais serão levados muito em conta. E eu acho que é preciso que haja um mínimo de compreensão dos trabalhadores do mundo inteiro, que é preciso construir uma proposta porque, na verdade, ninguém quer prejudicar ninguém.

A única coisa que precisa haver compreensão é que se os países ricos não diminuam os subsídios que colocam nos seus países, continente como a África terá muito mais dificuldade de se desenvolver. Então, é preciso que haja a compreensão de que a disputa tem que ser mais igual, mais justa, para que aqueles que estão mais atrasados, do ponto de vista científico-tecnológico, possam ganhar uma certa dimensão. E a agricultura é, para muitos países, a única possibilidade que eles têm de ter acesso aos mercados internacionais.

A terceira coisa, Tortelli – eu não li a minha nominata, aqui, entrei direto – meu querido Tortelli, é que tem que aproveitar o momento em que tem representantes estrangeiros aqui e discutir um pouco o nosso programa de biodiesel, porque eu acho que para não deixar que o nosso planeta seja deteriorado pelo nosso capeta*, nós precisamos criar urgentemente alternativas energéticas renováveis. E o Programa de Biodiesel é o grande projeto de produção de uma matriz energética alternativa, sobretudo, para beneficiar a agricultura familiar. E é importante que eles voltem para os seus países conhecendo o projeto que nós temos no Brasil.

A terceira coisa que eu queria dizer – cumprimentando agora, educadamente, os nossos companheiros da mesa, eu não cumprimentei

* Personagem de uma peça apresentada no evento.



nenhum, parabenizando os dirigentes por este primeiro Congresso que vocês estão realizando, cumprimentando esta quantidade enorme de mulheres que está presente neste Congresso – eu queria dizer para vocês que estou aqui com orgulho, com a certeza de que estamos cumprindo o nosso dever, com a certeza de que estamos cumprindo os compromissos que assumimos com os trabalhadores e com a agricultura familiar em nosso país.

O Rossetto citou alguns números e o Tortelli, como sempre, apresentou uma reivindicação. O Tortelli esqueceu de citar o nome do Chico de Menezes, ele chegou aí com remorso, viu Chico? Eu disse que ia citar, mas o Rossetto citou antes do Chico Menezes, então... Chico de Menezes é um companheiro que tem dado uma contribuição enorme.

Olhem, eu gostaria que vocês, ao retornarem, não sei se a Fetraf tem isso, mas se não tiver, da minha parte eu vou deixar... Antes de ler o meu pronunciamento ou de falar aqui os meus improvisos, eu queria que vocês guardassem alguns números que são importantes para a gente medir a diferença do que aconteceu no Brasil em 35 meses, completados dia... vão completar ainda no dia 1º de dezembro, 35 meses. E sobretudo para a delegação estrangeira que está aqui saber o que está acontecendo na agricultura familiar no Brasil.

Quando nós tomamos posse, nós já estávamos no meio do Plano Safra 2002/2003, porque ele começa em junho e vai até julho do outro ano. Quando nós tomamos posse, em 2003, nós tínhamos 904 mil contratos do Pronaf. Agora, quando terminou a safra 2004/2005, nós já tínhamos um milhão, 639 mil e 515 contratos. O que é mais importante é o que disse o Rossetto: é que nós pulamos de uma quantia emprestada de R\$ 2 bilhões para R\$ 6 bilhões. E quando nós lançamos o Plano Safra, que começou em junho e vai até o ano que vem, e colocamos R\$ 9 bilhões, teve um companheiro que perguntou para mim “bom, mas nós estávamos reivindicando 18”. Eu disse para ele: é melhor colocar 9 e depois a gente ter que chegar um pouco mais, do que a gente



colocar 18 e não emprestar, e receber pela cara uma manchete dizendo que o governo não conseguiu emprestar o dinheiro.

Além dessa quantia de contrato, há duas coisas que eu acho extremamente importantes, e esse é o dado, meu companheiro Tortelli, que vocês devem utilizar, sobretudo no trabalho de vocês pelo Norte e pelo Nordeste brasileiro. Quando nós tomamos posse, no Plano Safra 2002/2003, tinha, na região Sul do país – vejam que interessante – de 932 mil contratos quase 500 mil eram no Sul do país. Cinquenta por cento, praticamente, eram no Sul. Se você pega o Sul e o Sudeste, você vai chegar à conclusão de que quase 60% de todo o dinheiro do Pronaf ia para as regiões Centro-Sul e Sudeste.

Pois bem, qual foi a novidade que aconteceu no Plano Safra 2003-2004 e 2004-2005? O que aconteceu, de verdade, é que o Sudeste cresceu proporcionalmente menos, porque já tinha muita gente. Nós saímos de 435 mil, no plano... Veja, tinha caído, viu, Tortelli?

No Plano Safra 2001-2002, vocês fizeram, no Sul do país, 487 mil contratos. No Plano Safra seguinte, 2003 a 2002, vocês fizeram 435 mil contratos, 50 mil menos do que 2001-2002; em 2003-2004, vocês já pularam para 500 mil. E, agora, até outubro, vocês já chegaram a 678 mil contratos na região Sul do país. Ou seja, é muita gente.

E por que isso no Sul? Porque é onde tinha mais experiência organizativa. E o que nós fizemos, que eu acho que foi extremamente importante? Na região Sudeste também cresceu. Saímos de 118 mil contratos para 236 mil contratos, um crescimento também bom.

Na região Centro-Oeste cresceu menos. Saímos de 30 mil contratos para 57 mil contratos, até outubro. Na região Nordeste, nós saímos de 285 mil contratos – esse é um dado extremamente importante – saímos de 285 mil contratos para 568 mil contratos, na região Nordeste do Brasil. E na região



Norte do país, nós saímos de 35 mil contratos para 98 mil contratos, praticamente três vezes mais.

Qual é o dado positivo disso? É que nesses últimos dois anos nós conseguimos nacionalizar o dinheiro do Pronaf. Nós conseguimos fazer com que um trabalhador do Acre, ou da Paraíba, ou de Rondônia, tivesse a mesma possibilidade de ter acesso aos recursos do Pronaf que tinha antes um trabalhador organizado na Fetraf, no Rio Grande do Sul, organizado numa cooperativa, no Rio Grande do Sul.

E a tendência natural é que a gente vá crescer um pouquinho mais e que possamos, ao terminar esse Plano Safra, que vai terminar em julho do ano que vem, que a gente tenha praticamente igualado as regiões Norte e Nordeste, sempre levando em conta a proporcionalidade, ao pessoal dos centros mais desenvolvidos do país.

E isso traz, por detrás, uma outra novidade que, na minha opinião, ainda não está pegando no breu, que é o empréstimo para a mulher trabalhadora. Isso é importante porque, de vez em quando, a gente lança um Programa e a gente acha que ele vai acontecer no dia seguinte. E por que não foram muito mais mulheres ao banco, pegar o dinheiro para cuidar da sua produção? Ela não foi porque não tinha cultura para isso. Muitas vezes o marido, também, não estava acostumado a entender que a mulher tem que ter um pouco de liberdade para fazer as coisas por conta própria. Às vezes o marido ia, pegava todo o dinheiro, não sobrava nada para a mulher.

Então, eu acho que quando a gente lança um programa, muitas vezes ele demora a acontecer porque tem um processo de maturação. Mas se der certo o programa que nós lançamos, em que a mulher possa ter o seu crédito e um filho possa ter também o seu crédito, nós estaremos fazendo mais que uma revolução na agricultura familiar. Por que muita gente deixava o campo para ir para a cidade? Primeiro porque não tinha financiamento; segundo, porque se



plantasse, quando colhia não tinha preço; terceiro, ele não tinha energia elétrica, na maioria das casas.

E, desde que nós lançamos o Programa Luz para Todos, já atendemos 1 milhão e 800 mil pessoas. É uma coisa extraordinária, porque quem foi comigo a Vitória da Conquista, inaugurar o Programa Luz para Todos, o que percebeu? Uma senhora disse assim para mim: “Presidente, hoje é o dia mais feliz da minha vida”. Eu falei: “Por quê?”. “Porque agora eu vou comprar um liquidificador”. E eu falei: “Para que a senhora vai comprar?” “Porque agora eu vou ganhar dinheiro. Eu vou pegar as frutas, vou colocar as polpas delas no liquidificador, vou fazer suco, vou fazer sorvete e vou vender e vou ganhar dinheiro”. Vocês percebem que, no nosso meio, as pessoas não têm sonhos inalcançáveis, as pessoas pensam do tamanho do mundo em que elas vivem, e as pessoas querem construir.

E o Programa Luz para Todos é um Programa que conta com 85% de dinheiro do governo federal, é um programa que gera emprego lá no campo, porque a gente compra as coisas no estado em que estão sendo produzidas. E, se Deus quiser, nós tínhamos assumido o compromisso de atingir, em 2008, os 12 milhões de brasileiros que ainda não tinham energia, e eu penso que a gente pode alcançar antes. Por quê? Porque quando nós lançamos o Programa, até ele conseguir pegar força, leva tempo. As empresas não estavam preparadas, era necessário qualificar a mão-de-obra, era necessário... Só para vocês terem idéia, as empresas estavam praticamente paralisadas. Quando lançamos o Programa, tivemos que comprar das empresas milhares de postes, milhares e milhares de metros de cabos, de fios. Vocês sabem o que aconteceu? As empresas aumentaram o preço em quase 300%, ou seja, estavam quase quebrando porque não conseguiam produzir. Quando nós criamos o Programa, ao invés de vender mais barato, aumentaram o preço. Aí toca a chamar os empresários, a ministra Dilma se reunir com eles, agora o ministro Silas, para que a gente consiga fazer um preço equilibrado porque sai,



em média, cada ligação dessas, por três mil e 200 reais. E nós a fazemos de graça para levar luz elétrica aos agricultores brasileiros, porque damos importância ao significado de um bico de luz. Ora, quem nasce no centro da cidade não tem a menor noção do que significa uma noite ou uma vida com um candeeiro. Não sabe, não tem a menor noção.

Então, quando chega um bico de luz, tem gente que não gosta que faça esses programas, tem gente que acha que a gente deveria estar fazendo outras coisas para quem já tem. Mas quem já viveu na base do candeeiro, não é candeeiro moderno, como a gente vê na televisão, é uma latinha com um pavio, e ali a mulher dava à luz, ali a mulher fazia comida, ali a mulher... tudo com aquilo. Imagina trocar um botão ou colocar um botão em uma camisa no escuro, com uma luzinha de candeeiro.

Então, vejam, quando decidimos fazer esse Programa, nós queremos ver se, até 2008, não haverá um brasileiro que não tenha luz na sua casa. E quando chega a luz, chega o desenvolvimento, porque chega junto o eletrodoméstico, chega junto a máquina de fazer farinha, chega junto para moer o milho. Eu acho que é um Programa que não estava na pauta de reivindicações do Movimento, precisa colocar aí, porque normalmente não estava na pauta do Movimento. Mas para nós é uma coisa sagrada e, sobretudo, eu que vivi até os sete anos de idade na base do candeeiro, tenho noção do que é isso. Eu vim para cá em 1952, mas em 1979 chegou o primeiro bico de luz na vila em que eu nasci. E a pessoa fica meio “areada”. Os sulistas não sabem o que é ficar areado. Areado é quando você acende uma luz muito forte que você não sabe o que fazer, você nem enxerga, de tanta claridade.

Este Programa, certamente é um programa que terá um valor extraordinário para a agricultura familiar. E por que é que a gente resolveu apostar nisso? Eu vou dar um outro dado para vocês prestarem atenção, sobretudo aqui, as delegações estrangeiras e os deputados. Eu vou dar um dado aqui. Eu vou dar a questão de dinheiro por região. Vou sempre pegar



como parâmetro o Plano Safra 2002/2003 que começou no governo anterior e terminou no meu governo, em junho. No Sul, em 2003, vocês tiveram o financiamento de um bilhão e 206 milhões. Vai corrigindo aí, Graziano, para ver se é esse número mesmo. Então, prestem atenção, a região Sul do país – depois você me dá essas plaquinhas para eu levar para ver se mando lhe atender logo com essas reivindicações aí. Mas, no Sul do país, nós tínhamos um bilhão e 206 milhões – Fritsch, presta atenção aqui – na safra 2002/2003 foram emprestados um bilhão e 206 milhões. Na safra 2004 (falha no áudio)... que está longe de terminar, nós já emprestamos 2 bilhões e 887 milhões de reais. Saímos de 1 bilhão e 200 milhões para 2 bilhões e 887 milhões. Na região Sudeste, que tinha muito pouquinho, apenas 390 milhões, até a safra de 2004/2005, já foi 1 bilhão e 47 milhões. Saímos de 390 milhões para 1 bilhão e 47 milhões. Na região Centro-Oeste, menor, nós saímos de 187 milhões para 381 milhões. Na região Nordeste, nós saímos de 393 milhões na safra 2002/2003 para 1 bilhão e 266 milhões na safra 2004/2005. Teve um crescimento de 288%. E na região Norte do Brasil, nós saímos de 201 milhões para 592 milhões, um crescimento de 491%.

Essa é a revolução que não tem a palavra de revolução, tem a palavra de justiça social, com milhares, milhões de seres humanos que vivem às custas do seu trabalho no campo. E quando as pessoas têm financiamento, luz e escola, dificilmente as pessoas deixarão o campo para ir morar em uma periferia de um grande centro urbano em condições subumanas. E nisso nós estamos com um pequeno avanço aqui, que é o seguinte: nós estamos em um processo de construção de 500 escolas rurais. Trezentas escolas rurais, 100 delas serão em assentamentos, 50 serão em quilombolas e 100 serão em terras indígenas, em acampamentos indígenas. E tem o problema da água também, porque nós nem falamos a palavra transposição. Nem falamos, porque eu não quero crer que alguém que conhece o que é a seca vai negar um pouco de água para atender a parte mais seca do território nacional. Não



acredito.

Tem muita disputa eleitoral, o nosso projeto está bem pensado, nós colocamos em primeiro lugar a revitalização dos afluentes e do rio São Francisco, recuperar aquilo que hoje, os que são contra, dizendo que nós temos que preservar as margens das florestas, queimaram para fazer carvão durante um século, e nós vamos recuperar. Alguns que estão falando contra, jogam centenas de toneladas de esgoto todos os dias nos afluentes. Nós é que vamos revitalizar o rio São Francisco. Se eu pudesse, para não incomodar ninguém, eu ia, na hora em que a água vai cair dentro do mar assim, antes de chegar no mar, eu ia puxá-la de volta para levar para o semi-árido. Como fica muito caro, eu tenho certeza que o povo baiano, o povo sergipano, o povo alagoano não negarão um copo d'água para o seu irmão do Nordeste. Alguns políticos, possivelmente neguem. Porque tem gente que não quer acabar com a miséria neste país, porque a miséria é a fonte da sua manutenção em cargos políticos.

E nós precisamos... porque o projeto é um projeto que vai, sobretudo, manter os açudes perenes. Os açudes vão ficar perenes, porque na hora em que um açude estiver vazio, a água vai para aquele açude, e a gente vai poder fazer, meus queridos companheiros, Avelino Ganzer, nós estamos desapropriando dois quilômetros e meio de cada lado do canal para que a gente faça experiências de assentamentos bem-sucedidos. Sempre com a maior tranquilidade, sem pressa. E nós vamos fazer tantos debates quantos forem necessários. Pode demorar um pouco mais, não tem problema. Mas nós teremos toda a paciência do mundo, toda, e vamos fazer.

Eu que nunca prometi... quem me conhece sabe que eu nunca prometi fazer transposição, mas é uma necessidade. É uma necessidade levar um pouco d'água para a região em que menos chove no nosso país. Obviamente que nós estamos vivendo momentos de incerteza nas intempéries, ou seja, este ano nós nos deparamos com uma seca no Rio Grande do Sul. Agora, no



estado do Amazonas, onde habitualmente chovia 12 mil milímetros por ano, tivemos uma seca. No Pará, tivemos seca.

Bom, ao invés de a gente ficar culpando alguém, eu não quero culpar ninguém. Eu não quero culpar alguém que desmatou, também não quero que ninguém culpe o governo. Eu quero que a gente olhe para o céu, mesmo quem não acredita em Deus, saiba que alguém mais poderoso do que nós deve estar zangado com o que nós estamos fazendo no Planeta, nesse momento histórico da sua vida. Há muitas incompreensões.

Então, hoje, nós estamos tomando consciência de que preservar o meio ambiente, cuidar da natureza, passa a ser uma vantagem comparativa nos nossos negócios internacionais. As pessoas vão ter que aprender isso. Plantar um pé de soja a mais ou criar uma cabeça de gado a mais, não precisa desmatar, a tecnologia já permite que não se precise. Então, nós vamos ter que cuidar com mais carinho, cada projeto nosso tem que ter um carinho especial.

Uma outra coisa importante: a questão das agroindústrias familiares. Quero, aqui, dizer para vocês o seguinte: vocês precisam começar a elaborar projetos. Não adianta ter muito dinheiro no BNDES para a agroindústria se não tem projeto. É o bom projeto que faz aparecer o dinheiro, não é o dinheiro que faz aparecer o projeto.

Então, Tortelli, o BNDES tem dinheiro. Vamos aproveitar e fazer muitas e boas experiências para a construção da agroindústria familiar. Obviamente que vamos fazer projetos que tenham solidez, projetos que tenham mais possibilidade de ter sucesso, porque se fizermos três ou quatro projetos fracassados, desanima todo mundo.

Vamos, então, escolher as melhores condições e fazer esse projeto, porque o dinheiro está no BNDES, está até mofando. Se não aparecerem os projetos, meu caro, o Guido Mantega vai emprestar para outra coisa.



Então era importante, viu, Tortelli, que vocês criassem, a CUT, João Felício, dentro da CUT, que vocês criassem, quem sabe, uma comissão especial para que vocês produzissem alguns bons projetos de experiência da agricultura familiar. Vocês podem fazer isso, o BNDES certamente dará a assessoria que for necessária e vocês têm que aproveitar porque o mandato termina no dia 31 de dezembro do ano que vem. Aproveita, porque senão, depois, vocês não vão nem conseguir falar “bom dia” para o presidente do BNDES.

Eu acho que o momento, para a agricultura familiar, vocês vão discutir aqui, certamente falta muita coisa, gente. Certamente vai faltar, sempre que a gente for analisar, Calixto, vai faltar muita coisa. Agora, nós temos que sempre partir de um parâmetro: o que a gente tinha, o que a gente tem e o que a gente precisa. Para que a gente não faça nem juízo de valores excessivamente otimista e nem juízo de valores excessivamente pessimista. Que a gente faça a avaliação justa do que já aconteceu neste país, na agricultura familiar.

Eu posso dizer aqui, olhando na cara de vocês, e dizer olhando na cara do Tortelli, na cara dos dirigentes, que eu duvido que em algum momento da história do Brasil a agricultura familiar tenha sido tratada com o respeito e com os olhos que nós temos olhado para a agricultura familiar.

E pensamos isso não é porque somos apenas amigos, não. Pensamos isso porque isso norteia um modelo de desenvolvimento que leva em conta a manutenção do homem na sua terra natal. De o homem extrair da sua terra... Vejam que houve uma evolução, aqui, nessa frase, porque antes a gente falava: nós precisamos fixar o homem no campo. E, aí, nós aprendemos que quem gosta de ser fixado é estaca, o homem gosta de trabalhar no campo, mas ele pode querer morar na cidade. Afinal de contas, quem é que não gosta de uma cidade, de um cinema, de uma praça, não é isso?

Então, o que nós queremos é dar as condições para que a juventude não saia, aos 17 anos, para ir perambular pelo mundo, a não ser que vá por



prazer. Mas que tenha condições de trabalhar no campo, que tenha condições de trabalhar ajudando a mãe, o pai. Para isso é que nós estamos criando essas linhas de financiamento, para isso é que nós estamos apostando muito na assistência técnica. E muitos de vocês, daqui a algum tempo, serão técnicos agrícolas e poderão estar ajudando em outras partes do Brasil.

Estamos cumprindo uma coisa que eu disse ao companheiro Miguel Rossetto. Quando eu chamei o Rossetto para ser ministro eu disse: “Rossetto, olhe, se você enveredar pelo caminho de ficar medindo apenas quantas pessoas você assentou, você já está derrotado. Você precisa, ao mesmo tempo em que você tem que assentar, o que você precisa lembrar é que nós temos milhões de pequenos agricultores que não tem empréstimo, que não tem assistência técnica, que não tem garantia de preço”.

Eu vi a alegria, quando eu fui a Rondônia e que a gente foi comprar o feijão do povo de Rondônia, que estava a 20 e poucos reais o saco e que nós levamos para 50 e poucos reais e, aí, o mercado foi obrigado a pagar o preço justo.

Então, eu acho que essa assistência técnica e essa melhoria de quem já tem a terra é um passo gigantesco porque, senão, ficam os piores do mundo. Você faz uma luta imensa, assenta um companheiro, mas depois você não dá financiamento, esse companheiro volta para a cidade. Aí, você pega e assenta um outro companheiro, aí uma família inteira, que está morando num lugar qualquer, porque não tem financiamento, porque não tem assistência técnica, porque não tem garantia de preço, porque não tem luz elétrica, faz que nem minha mãe fez: pega um pau-de-arara e vai para a cidade. O que nós queremos é dar condições, a todos que já tinham terra, de produzir. Para isso, estamos com um trabalho imenso com o Ministério do Desenvolvimento Social, na construção de cisternas, que é um trabalho que pode render frutos em curto prazo.

Por isso estamos com um trabalho de compra, a compra do leite. Esses



dias não sei quem foi que cometeu um desatino, Dulci, que reduziu... a gente estava comprando até 100 litros de leite, não sei quem foi que reduziu. Deu uma chiadeira imensa na Paraíba e em outras cidades do Nordeste. Nós voltamos imediatamente a comprar os 100 litros. Eu não sei quem foi. Porque de vez em quando aparece um engenhoso que dá uma idéia dessas, “corta”, achando que quem produz 100 litros já é rico, já é latifundiário. Vamos comprar e vamos aumentar, sabe por quê? Porque é um programa excepcional não apenas pela quantidade de produtores que você atende, mas pela quantidade de pessoas para quem você distribui o leite.

Eu vou dar um dado aqui, se é que está aqui na minha notinha, que meus assessores... Caiu a minha notinha... tão bem que meus assessores escreveram aqui. Mas eu vou dar aqui o exemplo do leite. O leite, nós colocamos 230 milhões de reais, atendemos 1.151 municípios. As famílias atendidas com esta distribuição do leite, foram 647 mil famílias, e os produtores que nos venderam foram de 15 mil produtores. Tudo isso pode melhorar. Nós queremos, vocês querem, nós precisamos, vocês precisam, e esta parceria de comprar o leite dos pequenos produtores a um preço melhor do que eles vendem para as multinacionais – a um preço melhor, é importante lembrar isso – e distribuir para famílias carentes, é a melhor coisa que pode acontecer.

Da mesma forma que a questão da compra de alimentos. Na compra direta e antecipada, eu acho que nós poderemos melhorar muito. Nós compramos quase 28 mil toneladas de alimentos, dos quais 11 mil toneladas foram da agricultura familiar. Poderia aumentar, não é, Rossetto? Mais da agricultura familiar, mais.

Bem, por fim, companheiros – eu já me alonguei demais – eu queria dizer para vocês que a tendência é melhorar. Eu fiquei muito feliz quando fui a Erechim, no Rio Grande do Sul, quando nós... teve a seca no Rio Grande do Sul, em uma semana nós conseguimos colocar no estado 408 milhões de reais para resolver o problema da seca. Agora, com o seguro agrícola, se Deus



quiser, daqui a alguns anos não vai ter mais problema. Não vai ter mais problema porque, bateu uma crise em um estado ou em uma região, a gente vai poder, imediatamente, com o seguro, cobrir. Uma coisa que eu fico feliz é que acabou a história... vocês nunca mais viram na imprensa nacional, a figura daquelas frentes de trabalho. Tem uma seca, os trabalhadores tiram uma pedra de um canto, colocam em outro canto. No ano seguinte, ele tira do outro canto e bota no mesmo canto que estava. Agora, não. Agora o Bolsa Família está ajudando muitas famílias. Esses dias eu fiquei... esses dias, lá em casa, vendo televisão, quando eu vi aquelas mulheres do Rio Grande do Norte devolvendo o cartão porque já tinham resolvido o seu problema – e uma contou uma história, que comprou, com o primeiro dinheiro que ela recebeu, comprou pintinhos, aí com o segundo, também comprou pintinhos, e daqui a pouco ela tinha uma galinhada, e daqui a pouco ela estava sendo vendedora de ovos e de frango caipira, e por isso ela não precisava mais do cartão, foi devolver. Recebi 290 cartões de volta, em uma demonstração de que vale a pena acreditar na seriedade do povo deste país. Vale a pena.

No mais... você devolveu, mas você está reivindicando para mim aí, vale uns 500 cartões, rapaz.

Olha, gente, nós vamos continuar avançado, fiquem certos. Fiquem certos, não tenham vergonha, não tenham medo, não tenham preocupação de fazer as reivindicações que têm que fazer, de fazer as críticas que têm que fazer, vocês sabem que nós nunca vamos nos incomodar com isso.

Até porque eu sei que a maior conquista da minha passagem pela Presidência da República – a maior – é quando terminar o meu mandato poder encontrar com vocês onde eu sempre encontrei e a gente se tratar como companheiro, como sempre nos tratamos.

Muito obrigado. Boa sorte à nova entidade sindical. E que Deus abençoe vocês.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura do 25º Encontro Nacional do Comércio Exterior (Endex)

Rio de Janeiro-RJ, 23 de novembro de 2005

Meu caro Luiz Furlan, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,

Meu caro Luiz Marinho, ministro do Trabalho e Emprego,

Meu caro Márcio Fortes, ministro das Cidades,

Senhores secretários estaduais,

Deputado Júlio Lopes,

Senhor Benedito Fonseca Moreira, presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil,

Senhoras e senhores representantes das empresas agraciadas com o Prêmio Destaque de Comércio Exterior,

Empresários,

Empresárias,

Meus amigos, minhas amigas,

Jornalistas aqui presentes,

Eu tenho sempre um discurso, Furlan, por escrito, mas o problema é que os números que eu vou citar, aqui, acho que todos vocês têm na cabeça. O Benedito já citou alguns, amanhã o discurso do Furlan deverá estar recheado de números. Eu queria falar um pouco de outras coisas com vocês. Faz de conta que eu li o discurso.

O Furlan disse uma coisa, aqui, que precisa ser encarada como uma



coisa muito séria: política de comércio exterior, para o Brasil, deixou de ser um campeonato de surf para ser uma política pública do governo brasileiro.

Acabou o tempo em que as exportações eram coisas ocasionais. Acabou aquele momento em que o governo decidia incentivar a exportação e resolvia matar o mercado interno, ou quando resolvia fortalecer o mercado interno, matava as exportações. Acabou.

A política de comércio exterior do Brasil é uma política perene, e ela precisa crescer cada vez mais. E vai crescer cada vez mais quando, cada vez mais, governo, empresários e sociedade brasileira assumirem a responsabilidade de fazer as coisas com muita competência.

Os nossos empresários, de vez em quando, fazem críticas. E eu queria registrar aqui, para vocês, que aproveitem o meu governo para fazer crítica. Aproveitem porque, certamente, com uma boa crítica vocês serão convidados para uma boa reunião e, quem sabe, a gente tenha uma boa solução. Duro é quando vocês não criticam, quando não tem a reunião, quando não tem a solução e quando diminuem as exportações.

Nós temos uma legislação muitas vezes superada. Eu me lembro que na primeira vez em que fomos discutir política cambial, que introduzimos algumas mudanças na nossa política de comércio exterior, nós tínhamos lei de 1940, lei de 1950, lei de 1937.

E obviamente que você tem instituições do Estado brasileiro, como a Secretaria da Receita ou outros departamentos do governo que, como já estão habituados a trabalhar com aquela legislação, é mais fácil ficar do jeito que está. Todo mundo tem medo do novo.

Por isso que quando nós falamos em reforma e começamos a fazer reforma, aparece muita gente contra. Gente que até você pensava que era favorável, mas que é contra, o cara tem medo. As pessoas pensam: “mas eu já estou há 40 anos assim, eu já estou há 50 anos assim, para que mudar?”

E nós precisamos adequar o Brasil ao século XXI. Precisamos dar ao



Brasil as mesmas condições que os nossos competidores têm. E precisamos dar ao Brasil uma legislação tão moderna quanto moderna é a nossa cabeça, quando pensamos em exportação.

Por isso, Furlan, não tenha nenhuma preocupação de instituir quantos grupos de trabalho forem necessários para que a gente possa ver o que está atrapalhando, o que está dificultando, para a gente, dentro das nossas possibilidades, dentro da capacidade que teremos de convencer o Congresso Nacional, fazer as mudanças que nós precisamos fazer.

Afinal de contas, nós tomamos uma decisão de afirmar, de forma muito categórica, que nossa política de comércio exterior é prioridade, e não é incompatível com o crescimento interno, e não é incompatível com as brigas que fazemos com a OMC, porque no Brasil tem um tipo de gente que leu algum manual, em algum momento da história, e ele acha que aquele manual é irreversível, que aquilo não muda nunca, que não pode mudar. Por exemplo, quando nós tomamos posse tinha uma briga ideológica sobre a questão da Alca. Então, a Alca, que era uma coisa eminentemente comercial, virou um debate ideológico. Quem era contra era de esquerda, quem era favorável, era de direita. Um debate maluco. Se o Brasil não fizer a Alca o mais rápido possível, o Brasil vai criar problema com os Estados Unidos. Então, é preciso fazer a Alca.

O que aconteceu, na verdade? Faz dois anos que nós não falamos em Alca e não aconteceu nada no mundo. Pelo contrário, os Estados Unidos, que eram o maior interessado, hoje estão mais com a nossa posição do que já esteve em qualquer outro momento. Por quê? Porque como os Estados Unidos têm uma estratégia de comércio exterior muito antiga e muito forte, eles só fazem aquilo que eles entendem que pode ajudar o seu comércio exterior.

Então, para evitar esse debate ideológico alucinado que estava no Brasil, quando os Estados Unidos nos procuram e dizem o seguinte: “olhem, todos os temas sensíveis nós vamos para a OMC, o que não for sensível, nós



negociamos”. O que é que eles nos permitiram? Dizer para eles o mesmo: “olhem, então, os temas sensíveis do Brasil nós vamos para a OMC e negociamos o restante”. Nem os Estados Unidos se expressaram mais, nem nós fizemos mais discurso ideológico e, no momento certo, nós vamos sentar e vamos estabelecer as nossas negociações, sempre levando em conta que, antes de atender os interesses de outros países, nós temos que defender os nossos interesses comerciais, a sobrevivência das nossas empresas, a sobrevivência dos nossos empregos e a sobrevivência do crescimento em nosso país.

A partir daí, nós então negociaremos como gente adulta. E uma negociação é simples: senta-se à mesa, coloca-se a oferta do lado, regateia-se daqui ou dali, e você sai com uma boa vantagem ou sai com empate. Derrotado, eu penso que dificilmente nós sairemos enquanto o Furlan estiver no Ministério do Comércio Exterior.

E essa política tem dado certo porque todos os investimentos que nós fizemos nas nossas relações internacionais – eu, até hoje, não recebi nenhum título de doutor *honoris causa*, eu quero ver se vou receber quando eu deixar de ser presidente para ver se eles são mantidos, porque me oferecer título quando eu sou presidente, é fácil. Quero saber quando eu não for mais nada, se vão manter os títulos.

Bom, nós temos viajado, a verdade é esta, como mascate mesmo, sem ter vergonha de vender os nossos produtos, sem ter vergonha de dizer o que nós produzimos, sem ter vergonha de fazer as pesquisas que já fizemos. Nós já fizemos pesquisas até para saber o que o mundo pensa do Brasil. E a imagem que o mundo tem do Brasil, é uma imagem de um país alegre, de um país colorido, de uma coisa leve. Nós é que somos pesados, porque muitas vezes vendemos muito pessimismo. Eu, de vez em quando, vejo cada artigo escrito por especialistas contra a nossa política externa que eu não consigo acreditar que estou vivendo no mesmo planeta que o cidadão que escreveu



aquilo. Porque o que as pessoas estão percebendo é que o mundo globalizado permitiu que o Brasil deixasse de ser colônia, permitiu que o Brasil pudesse viajar o mundo tentando se oferecer enquanto qualidade de mão-de-obra e de produto, para vender para o mundo. E o resultado tem sido extraordinário.

Eu não acho que deveria ser muito mais do que já está, porque também é preciso que a gente vá crescendo de acordo com a nossa capacidade de ir atendendo tanto às nossas necessidades internas quanto às nossas necessidades externas porque senão a gente desbalanceia e, muitas vezes, vamos vender coisas que faltam para nós ou vamos consumir o que nós temos que vender. Vamos equilibrar isso. Não precisamos ir com muita sede ao pote. Quantos de vocês, aqui, imaginavam que nós chegaríamos, com 34 meses de governo, a 115 bilhões de dólares de exportação? Os mais especialistas aqui? Ninguém acreditava, essa era a verdade.

E hoje, que engraçado, nós estamos crescendo as exportações e estamos crescendo as importações. Porque, Furlan, é preciso dizer que em 2003, 2002, a gente teve um superávit comercial de 13 bilhões, porque a gente diminuiu as importações em 11 bilhões. No fundo, no fundo, se não tivessem diminuído as importações, nós estaríamos com 2 bilhões de superávit. Então nós estamos, agora, aumentando as importações que já estão em quase 74 bilhões, saímos de 47. E o que nós estamos importando? Bens de capitais. O que significa isso? Que as nossas empresas estão apostando que o amanhã será muito melhor do que o hoje. Estão apostando nisso. E por isso estou otimista, Furlan, que logo, logo, estaremos falando de 150 bilhões em exportação.

E por quê estaremos falando isso? Porque eu vou contar alguns exemplos para vocês de coisas importantes. Nós nos abrimos para o mundo, eu visitei mais países, em 35 meses, do que muitos presidentes visitaram em três ou quatro décadas, fui criticado por isso. Estamos exportando nossa inteligência, nossa engenharia. No Brasil há quem diga que quando nós



estamos financiando uma rodovia no Peru, nós deveríamos financiar aqui. Não, nós estamos exportando serviço. Quando a Odebrecht fica construindo o metrô de Caracas, nós estamos exportando serviços, a nossa engenharia, peças produzidas no Brasil. E vamos continuar fazendo isso, porque eu acho que a América do Sul é um mercado extraordinário para o Brasil e que a gente não pode abdicá-lo porque ele é mais pobre, em função de tentar conquistar definitivamente a Europa. Quanto mais rico o país, mais limitações nós temos para crescer nossas exportações. Nós temos o mundo a nossa espera.

Dois exemplos que vou contar para vocês – Furlan estava presente. Primeiro o ministro do Japão, Koizumi, eu estava meio cismado porque há 28 anos o Brasil tentava vender manga para o Japão e o Japão tinha uma cisma de dizer que tinha a Mosca da Fruta. Koizumi sentou na minha mesa e começamos a discutir a questão da manga. E vai daqui, o Furlan ficou meio nervoso, tal, eu mandei buscar um prato de manga. Traz, aqui, um prato de manga para o nosso Primeiro-Ministro comer a manga brasileira para saber. Eu não sei se coincidência ou não, isso foi no final do ano, em janeiro já exportamos a primeira carga de manga para o Japão, saída de Petrolina, lá em Pernambuco.

Um outro exemplo foi a Nigéria. Nós tínhamos um problema com a Nigéria, eu estive lá, depois o Presidente ... veio para cá, 7 de setembro, e tinha um problema de uma dívida da Nigéria com o Brasil, uma dívida de 20 anos. Uma dívida que era de 30 milhões de dólares, mas que com juros e outros tais já estava em cento e poucos milhões de dólares e que ficava difícil fazer qualquer negócio com a Nigéria se a Nigéria não pagasse aquela dívida, e o pessoal da Nigéria nem queria discutir aquele negócio. Acontece que, nós sentamos à mesa com o presidente Obasanjo, eu falei: Presidente, nós temos um problema a resolver. O Brasil importa quase 3 bilhões e meio de dólares do seu país e exportamos menos que 500 milhões de dólares, é preciso que haja um equilíbrio nessa balança comercial, porque se não nós vamos ter que



procurar comprar petróleo de outros países ao invés de comprar só da Nigéria. E também é preciso o senhor acertar uma dividazinha que tem conosco, porque se não acertar fica difícil criar novas linhas de financiamento. Ele, na hora, mandou chamar a ministra da economia dele, que era contra. Na mesa, a gente almoçando, e ele deu ordem: eu quero acertar a dívida do Brasil. Aí o Furlan deu uma idéia engenhosa, que era a de transformar a dívida num crédito. Na hora ele concordou. Sabe onde nós assinamos o acordo? No desfile de 7 de Setembro, no palanque, ninguém nem percebeu. Chegou alguém lá, por de trás de mim com um papel, eu e ele assinamos, o Furlan, e estava resolvido o problema com a Nigéria. E o Brasil não vai vender para a Nigéria se o Brasil não for lá. Tem mais é que ir lá, porque se não eles vão comprar da França, se não eles vão comprar num outro país qualquer.

Cada vez que o Furlan fala: Presidente, eu preciso do “sucato” para levarmos os empresários... – eu espero que vocês não entrem com um processo para receber pela poluição sonora, porque os decibéis são acima de 80. Mas o dado concreto é que eu quero fazer um reconhecimento aqui: “essa história é que durante a campanha eu dizia, na verdade, eu quero criar uma secretaria especial de comércio exterior fora do Ministério do Desenvolvimento, que eu quero um mascate.” A minha tese era essa, eu queria um mascate, eu queria alguém que saísse pelo mundo com um pacote de Brasil embaixo do braço, vendendo. Bom, acontece que, quando eu fui convidar o Furlan, eu falei: “achei. Achei o ministro do Desenvolvimento, da Indústria, do Comércio e o mascate juntos”. Então, não precisa criar duas coisas.

E eu quero fazer justiça aqui. O trabalho do Furlan, o trabalho do Roberto Rodrigues, o trabalho do Celso Amorim, o ministro de Relações Exteriores, e o trabalho dos companheiros do Furlan, dos companheiros do Banco do Brasil, do BNDES, da APEX, todo mundo que trabalha, tem sido extraordinário. Por quê? Porque eles viraram, na verdade, profissionais do comércio exterior. Eles passaram a entender que isso é bom para o Brasil, que



não pode ser uma coisa eventual, que não poder ser uma coisa temporã: “ah, o dia que me der na veneta vou tentar vender, o dia em que não me der, eu não vou”. Não, é tornar isso uma política definitiva do Brasil. O Brasil é competitivo, o Brasil pode competir com todos os países.

Veja, o nosso representante de Itajaí, que já tinha feito uma reclamação para o Furlan ali na ponta, que precisa resolver o negócio do Porto de Itajaí. Já recebi a notícia aqui. É o Ministério das Cidades que é o responsável por consertar o Porto de Itajaí, já está começando a consertar o Porto de Itajaí, então ele não vai ter problema logo, logo. Não vai ter problema.

Do aeroporto do Rio Grande do Sul, o avião nunca consegue sair lotado, porque tem um espaço pequeno, ou seja, tinha um problema lá, de duas ocupações de terra – você que é gaúcho, Marco Aurélio – aquilo estava uma eternidade. Pois bem, o Márcio foi lá, agora, resolveu, nós vamos desapropriar a área, vamos aumentar o aeroporto de mil metros e vamos fazer casa para as pessoas em outro lugar.

Ou seja, não tem problema que não tenha solução se você estiver disposto a resolvê-lo, se você acordar todo santo dia com um pouco de otimismo, porque tem gente que acorda e vai dormir azedo, desacreditando.

Eu, muitas vezes, fui até grosseiro com os empresários, quando eu dizia: “vamos parar de chorar e vamos botar a mala embaixo do braço e viajar o mundo. Vamos parar de reclamar”. O Furlan sabe das críticas que eu faço. Tem determinados líderes empresariais que vivem por conta da reunião do Copom, se não existisse Copom não existiria a entidade. Sabem, são trinta anos de mesmo discurso.

O dado concreto é que eu estou ouvindo, desde há um ano e meio: “Ah, não vai conseguir exportar porque o câmbio está ruim. Não vai conseguir exportar”. E todo dia o Furlan me passa a notícia: “melhorou, melhorou, crescemos, melhorou, crescemos, melhorou, crescemos”.

Obviamente que nós temos muito para fazer. E eu acho que nós vamos



ter boas e belas surpresas com a nossa política externa. Primeiro porque nós partimos do pressuposto de que a América do Sul é um mercado muito, muito próximo e muito necessitado do Brasil. O Brasil pode.

Eu, quando vou em algum país e vejo um carro japonês na América do Sul, com a gente produzindo a quantidade de carro que produzimos ali, que dá para levar pelo Correio. Agora, para facilitar, nós estamos abrindo algumas estradas. Se Deus quiser, nós vamos terminar este ano financiando pelo menos uma obra de interligação em cada país, porque na hora em que a gente puder transitar livremente, os nossos produtos vão poder transitar.

Eu fiquei abismado porque eu inaugurei a primeira ponte entre Brasil e Bolívia, lá em Brasiléia, no Acre. É uma ponte em que só passa um carrinho, mas é melhor, porque antes não passava nada.

Agora estamos inaugurando, no dia 20 agora, a ponte Brasil-Peru, em Assis Brasil, e Iñapari. E nós, fazendo isso, estamos criando as condições para que os nossos mascates transitem com mais facilidade. E, às vezes, sabe quem é contra? Às vezes você tem departamentos da Receita Federal que são contra porque custa caro manter um posto lá. Mas não é a Receita que tem que decidir que vai montar um posto lá, é decisão de política de governo, monta-se um posto lá, coloca-se um funcionário. E eu acho que isso está virando profissional no Brasil.

Vou dar um outro exemplo para vocês: o presidente Putin veio ao Brasil, nós estávamos com um caso de febre aftosa no estado do Amazonas, e já saem logo os pessimistas: “acabou, morreu, não vai vender mais carne. O mundo acabou, não sei das quantas e tal”. Eu peguei o presidente Putin, levei na minha sala, num mapa do Brasil enorme, para mostrar para ele a distância entre o estado e a localidade que tinha um foco de febre aftosa e o local exportador de gado. Eu falei: “Isso aqui dá seis vezes da Rússia à Alemanha. Portanto, não tenha medo, Presidente, compre a nossa carne”. É difícil, porque tem regras internacionais. Difícil, mas o Marcos sabe que, devagarinho, nós



vamos botando a nossa carne lá, vão comendo, vão gostando e vão comprando. Mas nós temos que fazer um esforço: aumentar a qualidade dos nossos frigoríficos, melhorar a qualidade do nosso rebanho. Nós agora, Furlan, queremos introduzir a rastreabilidade do boi para quando ele chegar no frigorífico, a gente saber quantos bois foram mortos, porque está cheio de boi de duas cabeças neste país, de oito patas. Porque as pessoas não percebem que, nos dias de hoje, ser sério é uma vantagem comparativa para o Brasil. Porque, qualquer dia, a OMC coloca obstáculos e aí nós vamos perder muito mais.

Eu me lembro de uma vez em que o Furlan entrou na minha sala, nervoso, e falou assim: “Presidente, olha o tanto, tanto que eu exporto frango, Presidente. Nunca, nunca eu vi uma sacanagem. Agora, Presidente, eu peguei uma pessoa que estava exportando frango com água dentro, e congela, fica mais pesado”. Será que esse malandro acha que vai ganhar uns dólares a mais, mas sabe o prejuízo que pode criar para a imagem do país, a política de exportação do país, ele tem noção disso? Então, com essas pessoas, nós temos que ser duros. Nós temos que ser duros com os maus para garantir que aqueles que são bons, sérios, possam ganhar mercado no mundo e possam vender cada vez mais. É assim que um país ganha notoriedade.

O Furlan sabe, nós estamos já há algum tempo tentando introduzir o etanol em vários países, mas, sobretudo no Japão. Já fizemos muitas reuniões, não é, Furlan? Já criamos até um comitê e já fizemos o que vocês possam imaginar. Pois bem, qual é o problema dos japoneses? É que para eles transformarem o álcool em uma parte da matriz energética e colocarem um posto de gasolina para adicionar 3% no carro, eles querem o compromisso de que não vai faltar álcool. Eles querem o compromisso de que alguém não vai produzir açúcar, quando o açúcar estiver mais caro no mercado internacional. Isso se chama profissionalismo, isso se chama compromisso ético, sem os quais nenhum país consegue ir para a frente.



Então, se o Brasil fizer a sua parte, podem ficar certos de que o nosso crescimento de política de exportação e de comércio exterior é irreversível, não tem como o Brasil não continuar crescendo e vamos continuar crescendo cada vez mais, sempre levando em conta que nós temos que procurar novos mercados, sempre levando em conta que é mais fácil falar do que fazer. Vender exige mais sacrifício, mais trabalho, melhorar a qualidade, viajar. É cansativo. As viagens que eu tenho feito – o Furlan é testemunha disso e aqui, muitos empresários – a gente não tem tempo de jantar fora do hotel. Não tem teatro, não tem cinema, não tem museu, não tem nada. São negócios 24 horas por dia. Às vezes são três ou quatro discursos por dia para tentar convencer. E eu acho que isso deu resultado.

Então, eu queria dizer para vocês o seguinte: nós estamos longe de ter a legislação mais adequada, nós temos um problema de infra-estrutura, é verdade. Não pensem que eu fico nervoso quando alguém fala de infra-estrutura. Ainda em... no começo de 2004, Furlan, José Dirceu, Roberto Rodrigues, quem mais? o Ministro dos Transportes, *in loco* um grupo de ministros desceu para visitar os portos. Foram 11 portos. Colocamos dinheiro à disposição para liberar 11 portos, a começar pelo Porto de Santos, fazer dragagem, fazer a drenagem, fazer o que tinha que ser feito. Quando você começa a fazer, tem um problema de meio ambiente, tem um problema do Ministério Público.

E não adianta a gente chorar, porque isso é a legislação existente. Então, ao invés de chorar, nós temos que trabalhar. Criamos uma coisa chamada transversalidade, em que colocamos todo mundo junto para ver se resolve mais rapidamente. Criamos uma sala de situação, lá no meu andar, para ver se a gente consegue resolver, porque quanto mais qualidade a gente tiver nos serviços que a gente for prestar, mais bem tratados nós seremos.

Então eu queria pedir para vocês o seguinte. Eu me lembro que, em 2002, o presidente Fernando Henrique Cardoso, no intuito de acertar e de fazer



as coisas, anunciou à Nação, a transferência de 14 mil quilômetros de estradas federais para os governos estaduais fazerem a recuperação. Vocês estão lembrados, não estão? E eu ainda – já tinha ganho as eleições – eu ainda fui, com o peso de um presidente que está entrando, que tem mais prestígio do que o que está saindo, eu fui pedir para atender logo, porque tinha alguns estados atrasados. Isso aconteceu na verdade, meus companheiros e companheiras. Isso aconteceu na verdade. Muitos governadores pegaram o dinheiro do governo federal, ao invés de fazer estradas, pagaram folhas de pagamento atrasadas, pagaram o 13º salário. E as estradas estão lá, é aquela criança que não tem pai nem mãe, ninguém assume. Você vai nos estados, está a placa lá: “Essa estrada é do governo federal”, vamos devolver, mas não querem devolver o dinheiro junto.

Então eu, agora, pedi para o Ministro dos Transportes fazer um projeto, porque também nós não podemos ficar brigando sobre quem é o pai da criança, e a criança morrendo, lá, de buracos. Nós precisamos resolver esse problema. Mas é crônico, são 14 mil quilômetros de estradas que estão órfãs, não foram adotadas por ninguém e o dinheiro desapareceu.

Então nós, agora, vamos tentar recuperar isso. E nós sabemos que a infra-estrutura é uma condição básica para que a gente possa diminuir os custos dos nossos produtos e fazer com que ele chegue mais barato aos compradores.

Nós tivemos quanto, Furlan? Um ano e meio para resolver o problema da Brasil Ferrovias, um ano e meio. Aquele gargalo do Porto de Santos, que demorava 36 horas, 40 horas para trocar de trilho, ou seja, nós estamos num investimento, lá, financiado, de quase 2 bilhões e 200 milhões de reais, para a gente resolver o problema da Brasil Ferrovias.

Nós, agora, estamos para dar a ordem de serviço, no começo de dezembro, na Transnordestina, ligando o Porto de Suape ao Porto de Pecém e ligando a Eliseu Martins, no Piauí, para ver se a gente retira a soja que está



sendo produzida naquela região, o gesso de Araripina.

A verdade é que nós estamos tentando fazer a nossa parte, mas tem uma parte importante que é de vocês. E qual é a parte de vocês? Não é fazer o que o governo tem que fazer, a parte de vocês é sempre que tiverem uma sugestão não guardarem para si.

Vocês têm relação com o Furlan, uma relação profissional, relação de muitos anos, portanto, não tem segredo. O Estado não é nosso, nós terminamos o nosso mandato e nós vamos embora. O que nós vamos deixar para o Brasil são as coisas boas que nós fizemos.

Então, é preciso que vocês assumam essa responsabilidade, de ser mais ativos para que a gente encontre soluções. Não pensem que a burocracia tem tudo pronto, que não tem. E não pensem que há, da parte do governo, algum ministro, 24 horas por dia preocupado em mudar a legislação, porque a pressão é muito grande.

Aqui, o Furlan entregou um prêmio para um empresário do setor de calçados. O setor de calçados está com problema no Brasil. Ele não está com problema com o mercado interno, ele está com problema porque nós perdemos competitividade. E a gente sabe que quando a gente perde um mercado, é difícil recuperá-lo. É difícil.

Mas eu mesmo já disse ao Furlan: “Furlan, faça quantas reuniões forem necessárias para ver se a gente encontra uma solução, porque é um setor gerador de muitos empregos e eu acho que nós produzimos sapatos de boa qualidade”. Eu estou falando, aí, para ver se alguém me dá um aqui, porque eu estou elogiando muito o setor de calçados.

Mas a verdade é que é um setor em que o Brasil produz 900 milhões de pares de sapatos por ano. Sabe a China, quanto produz? Nove bilhões. Nós somos o segundo. Então, competir com a China não é uma coisa fácil. Não é fácil, lá eles não têm a dificuldade que nós temos aqui, para fazer uma lei. Lá eles não têm o sindicato reivindicando o tanto de aumento de salário que eles



reivindicam aqui. É verdade, tem um certo equilíbrio.

Então, eu queria... Se exportar a CUT para lá, eles vão dar um jeito na CUT. Mas, o que eu quero, apesar das brincadeiras, o que eu quero dizer para vocês é o seguinte: gente, nós estamos vivendo um momento que depende muito de nós. Se vocês analisarem a combinação de crescimento econômico, crescimento das exportações, crescimento das importações, crescimento do nosso superávit, crescimento da nossa balança de conta corrente, crescimento do emprego. Nós estamos vivendo um momento muito importante.

O que nós precisamos é não permitir que haja nenhum retrocesso nessas coisas, porque um retrocesso, hoje, significa a gente perder dois anos, três anos, quatro anos. E todo mundo aqui sabe, quando a gente perde uma fatia de mercado, o tanto de tempo que leva para a gente tentar recuperar. E, às vezes, não recuperamos, porque isso é que nem política: você levantou o pé, num ônibus apertado, quando você vai descer tem um pé no teu lugar, meu caro.

Então, eu acho que o Brasil merece essa chance, e nós temos que dar essa chance ao Brasil. Eu quero pedir para vocês o seguinte: aproveitem que vocês têm o Furlan no Ministério do Desenvolvimento, e vamos tentar modernizar o que nós tivermos que modernizar, para garantir que nós tenhamos mais possibilidades.

Não se preocupem com a crise política, porque a crise política será resolvida na política. Sabe, graças a Deus, com todo o barulho que está por este país afora, a política econômica se mantém equilibrada. E quero dizer para vocês, nós demoramos muito para chegar onde chegamos. Só Deus sabe o sacrifício que nós fizemos no ano de 2003, para poder consolidar o sucesso de 2004. Se a gente tivesse feito a “farra do boi” em 2003, a gente não chegaria a 2004.

Portanto, o sacrifício que nós fizemos é porque achamos que o Brasil precisa de um longo ciclo de políticas estáveis, o Brasil precisa de um longo



ciclo de crescimento. Não precisa crescer 7, 10, 15%, não. Se crescer, durante 20 anos, 4% está extraordinário. Mas é preciso que a gente consolide isso sem fazer nenhuma imbecilidade. E quando eu digo isso é o seguinte: nós estamos entrando em um ano eleitoral. Vocês viram aqui, na porta do hotel, que a campanha já começou. Vocês viram aqui.

Eu quero dizer para vocês, olhando na cara de vocês: da parte do governo, nós não faremos nenhuma medida que possa colocar em risco a estabilidade que nós conquistamos, por causa do processo eleitoral. Não comprometerei o futuro da próxima geração por causa de uma eleição. Não gastarei o que eu não puder gastar. Nós só vamos gastar aquilo que nós pudermos gastar. Não vamos fazer nenhuma aventura daquelas que, quando terminar o mandato, o povo fica com o prejuízo e fica com esqueletos. Vocês não sabem quantos esqueletos eu já paguei. Só da Previdência foi um esqueleto de 12 bilhões de reais que não estavam no orçamento e que eu tive que pagar.

E todo dia aparece um esqueleto no Supremo Tribunal Federal, de Planos e mais Planos que foram feitos, porque está cheio de mágicos no Brasil, que pegam um Ministério e já inventam uma mágica: tal Plano vai ser fantástico. Três meses depois, nós ficamos com os prejuízos. Então, não tem mágica em economia. Me perdoem, se alguém quiser mágica, não coloquem nenhuma esperança em nós. Se alguém quiser seriedade, coloquem toda a esperança porque nós não vamos cometer os erros que os outros já cometeram.

Aprendemos muito. Alguns, quando deixam o governo, desaparecem, você nem sabe onde estão. Tem muitos que passaram pelo governo, e você pensa que até mudaram para o estrangeiro. Aí você vai ver, ele está em um banco, ele está não sei aonde, porque não sai, isso é que nem praga, vai ficando, é que nem marisco, vai incrustando e não sai nunca.

Eu, quando deixar o governo, vou ficar a 600 metros do Sindicato que



me criou para a vida política. E a única coisa que conta na vida pública é o resultado final. E o resultado final, cada um de vocês sabe aferir. E eu não tenho dúvida nenhuma de que o que nós conseguimos fazer nesses três anos vai possibilitar que este país possa ter pelo menos 10 anos de crescimento. Não depende de ninguém a não ser de nós. Somente nós é que poderemos fazer isso. Levanta de manhã, está pessimista, está... dá descarga no pessimismo, vai! Faz alguma coisa, joga no lixo, conta até 10, olha para frente e vamos tocar o barco, senão a gente não anda. Eu não conheço ninguém que vá para frente pessimista. Não conheço. Cidadão que levanta amargo, deita amargo, almoça amargo, reclama de todo mundo, é uma coisa maluca.

Esses dias eu estava dizendo que tem gente que fica nervosa porque eu faço comparação. Eu sou obrigado a fazer comparação com alguma coisa. Eu não posso pegar o governo do Getúlio para fazer comparação, porque já faz tempo. Eu não posso pegar o governo militar, eu tenho que pegar quem eu sucedi. Esses dias disseram “ah, o Marinho está contando lorota porque não cresceu 3 milhões e 600 mil empregos”. E os números do Marinho não são nenhuma pesquisa, não. É o resultado aritmético dos trabalhadores contratados e dos trabalhadores demitidos. Tem saldo positivo ou tem saldo negativo. As empresas comunicam os que são contratados e comunicam os que são demitidos.

Mas, ainda assim, as pessoas falam “ah, mas aí tem coisa, não criou tanto, não”. E a diferença é muito grande. A diferença é que, em oito anos, no governo passado, a média mensal do saldo positivo era de 8 mil empregos e, nos nossos 36 meses, a média mensal é de 108 mil empregos. Apenas 100 mil a mais por mês. Aí, quando as pessoas não acreditam... O Marinho, hoje, me deu um outro dado fantástico: nos oito anos passados, o saldo do Fundo de Garantia foi de 9 bilhões de reais. Nesses 35 meses, o nosso saldo é de 15 bilhões de reais. Ora, é o saldo do Fundo de Garantia. Então isso significa que está crescendo o emprego, significa que está crescendo a renda, significa que



estão crescendo as exportações e, fantástico, é que está crescendo, e não parece que vai parar de crescer.

Os Estados Unidos, depois que o Bush comeu a carne lá do Mato Grosso, lá em casa, e gostou, porque a carne era de primeira qualidade, certamente logo, logo, nós vamos estar vendendo a nossa carne lá. Nós temos que fazer mais churrasco lá, Furlan, convidar mais gente. Se você convida alguém para vir jantar, aqui, no Brasil, almoçar, e você serve uma comida de outro país para ele, uma comidinha francesa, porque “não sei das quantas”... Eu me lembro que quando veio a Princesa da Espanha, junto com o Príncipe de Astúrias, aqui, criamos um frisson no Brasil, porque vamos comer feijoada. Mas o Itamaraty oferecer feijoada, onde já se viu, gente, a princesa comer feijoada!

Olha, a jornalista Tereza Cruvinel fez uma entrevista com ela, e ela falou o seguinte: “é a melhor comida que eu já comi na minha vida”. Repetiu três vezes a feijoada. Obviamente que eu não vou oferecer buchada para ninguém. Mas, gente, o país que tem a culinária que nós temos, a gente não oferecer isso para os estrangeiros, oferecer aquelas porçõeszinhas pequenas de comida...

Olhe, eu acho que o Bush dificilmente comeu uma carne boa como a nossa. Não foi só para o Bush, não. Fizemos para o Fidel, fizemos para o Lagos, fizemos para o Chávez, fizemos para o Hu Jintao. Ou seja, quer uma caninha para experimentar? Está aqui, caninha boa, aguardente de cana, uísque toma em qualquer... Porque essa coisa tem comércio, mas tem muita relação humana. O nosso amigo da Embraer sabe, quer dizer, o esforço que nós fazemos, a Colômbia pode ou não pode comprar, vai, não vai comprar. Está comprando os nossos aviões, certamente tem pressão para não comprar. A Venezuela está comprando aviões, a Índia, só nós é que não podemos comprar o avião. Estamos doidos para comprar o Lex, não podemos comprar, mas um dia nós vamos chegar lá.



Gente, então eu queria que vocês se sentissem co-responsáveis, não coadjuvantes, mas os artistas principais do sucesso que estamos tendo. Esse sucesso não é meu, não é do Furlan, não é individualmente de nenhum de vocês. Esse sucesso, ele só pode acontecer se todos nós acreditarmos que é possível. Por isso, boa sorte, que o Brasil possa ter, no trabalho de vocês, melhores resultados para o ano que vem.

Bom encontro e bom seminário!



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de batismo da Plataforma FPSO P50, da Petrobras**

Niterói-Rio de Janeiro, 23 de novembro de 2005

Meu caro companheiro Silas Rondeau, ministro de Minas e Energia,
Meu caro companheiro Luiz Marinho, ministro do Trabalho e Emprego,
Engenheira Solange Guedes, madrinha da Plataforma P50,
Deputados Carlos Santana e Jorge Bittar,
Senhor Godofredo Pinto, prefeito de Niterói,
Senhora Aparecida Panisset, prefeita de São Gonçalo,
Meu caro Lindberg, prefeito de Nova Iguaçu,
André Siciliano, de Paracambi,
Armando Carneiro, de Quissamã,
Artur Messias, de Mesquita,
Meu caro Carlos Busatto, prefeito de Itaguaí,
Paulo Dames, de Casimiro Abreu,

Meu caro José Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras. Já pensou se ele fosse prefeito da Petrobras? O montante de dinheiro que ele diz que tem para investir...

Meu caro Sérgio Machado, presidente da Transpetro,

Meus caros secretários de estado do Rio de Janeiro, representando a governadora, Rosinha Garotinho,

Meu caro Hélio Seidel, presidente da Federação Única dos Trabalhadores,

José de Oliveira Mascarenhas, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos,

Meu caro Feijóo, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC,



Meu caro Grana, presidente da Federação dos Metalúrgicos,
Deputado estadual Edmilson Valentim e Glauco Lopes,
Senhor João Carlos França de Lucas, presidente da Repsol,
Meus amigos, minhas amigas,
Empresários,
Trabalhadores,
Representantes de empresas de petróleo do mundo inteiro, que estão
aqui,
Representantes de estaleiros,
Meu caro presidente do estaleiro Mauá,
Representantes dos sindicatos de Barra do Piraí, Itaboraí, Niterói, Rio
de Janeiro e Volta Rodonda,
Meus amigos, minhas amigas,

Não tem discurso lido hoje, aqui, vou conversar um pouco com vocês.
Eu já perdi a conta das vezes em que eu vim ao Rio de Janeiro para discutir a
indústria naval. Eu penso que depois desta inauguração da P50, certamente eu
só poderei voltar ao Rio de Janeiro, para a indústria naval, na inauguração do
primeiro navio que a Petrobras está contratando ou, se não tiver nenhum
perigo, ir na plataforma quando ela estiver produzindo petróleo, a cento e
poucos quilômetros, em alto mar. Aí, o meu medo não é da plataforma, o meu
medo é do helicóptero até lá, porque a gente tem a ilusão de que, tendo terra
firme, a gente não corre risco. Mas, de qualquer forma, eu fiquei tentado a subir
naquela parte mais alta da plataforma, ali, não sei se terei coragem, mas
vamos ver se um dia eu sou convidado pela Petrobras.

Mas estou aqui também por motivo de orgulho pessoal. Orgulho
enquanto cidadão brasileiro, orgulho enquanto brasileiro, orgulho enquanto
presidente da República, orgulho enquanto metalúrgico, de ver que um país só
pode conquistar definitivamente a sua soberania se nesse país estiver



funcionando todas as melhores qualidades que ele possui, para que isso seja vantagem comparativa nas relações com o restante do mundo, nesse mundo globalizado.

E um país que chegou a construir uma indústria naval como nós já tínhamos construído, que tinha uma Marinha Mercante como a que nós tínhamos, que tinha a mão-de-obra qualificada como nós tínhamos, se quisesse ser um país com inserção soberana no mundo, jamais poderíamos ter deixado que essa indústria tivesse ido à bancarrota como foi, no final dos anos 80, no começo dos anos 80 e na década de 90, jamais.

Uma nação não é medida apenas pela sua extensão territorial, não é medida apenas pela quantidade de habitantes que existem naquela nação, não é medida apenas pelas riquezas naturais que possui. O maior valor de uma nação é a qualidade do seu povo, é a formação intelectual e profissional do seu povo. E eu duvido que algum país do mundo, um Estado que tivesse construído a indústria naval que nós chegamos a construir, com a mão-de-obra qualificada que nós tínhamos, eu duvido que algum governo sério, em qualquer país do mundo, pudesse permitir que essa indústria quebrasse, como quebrou a nossa indústria naval. A pretexto de quê? A pretexto de que o Brasil precisava entrar na globalização e ser moderno. Não era produzir navios e ter cargas brasileiras transportadas por navios brasileiros e ter, dentro dos navios, trabalhadores brasileiros e, mais ainda, ter num navio a bandeira brasileira hasteada, carregando o orgulho para todos nós.

Em nome da modernidade, preferiu-se ter navio de bandeira estrangeira, com trabalhadores, normalmente, de países mais pobres trabalhando quase que como escravos, sem direitos trabalhistas. Nós, em nome da dignidade deste país, em nome da dignidade do povo brasileiro, em nome da dignidade dos operários brasileiros e dos empresários brasileiros, resolvemos recuperar, num desafio que todos vocês conhecem a história, não precisamos mais falar.



Aliás, no Brasil, quando a criança é bonita, está cheio de pai, quando a criança é feia, não tem nem quem queira adotar. Eu não me importo com quantos ou quais são os responsáveis. Uma coisa eu posso dizer para vocês: se não fosse a disposição dos empresários, se não fosse a existência dessa mão-de-obra qualificada perdida pelas ruas do Rio de Janeiro, certamente, nenhum de nós estaria aqui. Quando o governo apostou é porque o governo sabia que tinha empresários e trabalhadores qualificados e a junção de trabalhadores com empresários, trabalhando em torno de um mesmo objetivo, só poderia resultar nessa extraordinária “P” que nós estamos vendo aí, que ainda é uma das que tem uma menor participação brasileira, porque ela já tinha sido contratada em 2002, em Cingapura.

Não temos nada contra fazer coisas em Cingapura, nada. Aliás, não temos absolutamente nada, mas acontece que nós somos um país de 186 milhões de brasileiros, dos quais metade em condições de trabalhar, e da mesma forma que o governo de Cingapura se preocupa em gerar empregos para o povo de Cingapura, nós temos que nos preocupar em gerar um pouco de emprego no Brasil e, certamente, os empresários estrangeiros que estão aqui sabem, sem nenhuma falta de modéstia, que tem poucos lugares no mundo em que os trabalhadores têm a criatividade e a capacidade que têm os trabalhadores brasileiros.

Então, José Sérgio Gabrielli, companheiro ministro Silas, Sérgio Machado, empresários, eu penso que a missão de provar que nós temos competência de fazer as coisas aqui está consagrada. Na verdade, eu gostaria de ter vindo aqui quando ela fosse zarpar, andar pelo menos uns 30 metros aí e, depois, pular lá de cima num mergulho e sair a nado para fazer inveja para a imprensa, mas não foi possível porque acharam que era perigoso, acharam que eu podia não chegar vivo na água. Não tem problema.

Acho que este ato de hoje é mais do que a inauguração da P-50, eu acho que é o cumprimento de uma missão que vocês trabalhadores,



empresários e todos nós assumimos com a nossa consciência e com o nosso Brasil.

Portanto, eu poderia dizer que, no caso da indústria naval, tanto os empresários quanto os trabalhadores têm todo o direito de continuar reivindicando e reclamando coisas mas, pelo amor de Deus, o passo que nós demos foi fantasticamente extraordinário, não apenas produzimos navios e plataformas, como estamos dispostos a disputar concorrências internacionais com aqueles que, um dia, pensaram que nós não tínhamos competência para produzir essas coisas lá fora.

Agora, é importante lembrar que um país, para que tenha sustentabilidade no seu crescimento econômico e possa, por um período longo, gerar possibilidades e oportunidades para todo mundo, este país tem que oferecer as coisas que a atividade econômica exige que sejam oferecidas. Esses dias, eu fui com o ministro Silas à cidade de Assis, em São Paulo, inaugurar uma linha de transmissão entre Londrina e Araraquara em São Paulo, uma linha de transmissão capaz de transportar 1.800 megawatts de energia numa região que cresce muito no interior paulista e no interior do estado do Paraná. Lá, o Silas me deu um número que eu achei demasiado, que eu quero citar para vocês, primeiro, porque a energia é base central para que a gente convença alguém a investir num país.

Qualquer um de nós aqui – pode ter os olhos verdes, os olhos castanhos, pode ter a cor que for – não convencerá nenhum empresário brasileiro ou de qualquer lugar do mundo a fazer investimento naquele país se não oferecer para ele três coisas: infra-estrutura, mão-de-obra qualificada e mercado para o consumo daquele produto. Sem esses três quesitos, é só conversa fiada. E a energia dentro da infra-estrutura é a base para que uma máquina comece a funcionar.

Nós fomos inaugurar porque nós não queremos que o Brasil tenha mais apagão, porque os trabalhadores estão lembrados, o apagão foi ingrato



conosco muitas vezes. Ele foi ingrato porque tivemos que fazer uma economia na casa da gente. A gente chegava em casa e a mulher tinha guardado a televisão, guardado o liquidificador, guardado a geladeira, para que a gente não ligasse. Então, nós tivemos alguns meses em que a gente teve a nossa alegria frustrada. Bom, então todo mundo falou: “o trabalhador, o povo brasileiro foi prejudicado porque faltou energia, ele teve que conter o consumo dele”. Agora, quando se tentou resolver o problema, e nós achávamos: “o Brasil vai voltar à normalidade” o que aconteceu? É que jogaram para as costas de quem tinha economizado o pagamento do prejuízo que uma empresa teve por uma energia que ela não nos ofereceu, foi o pior do mundo. Eu não usei, portanto eu deveria processar a empresa que tinha que levar energia lá em casa, não processei, e depois o Estado, de forma muito amigável, com muita condescendência diz para a empresa: “vocês não perderam nada, o povo trabalhador tem mais é que pagar isso mesmo”. E jogaram na nossa conta o pagamento de uma energia que nós não tínhamos consumido. Veja que coisa: a gente já xinga todo mundo quando a gente paga a que a gente consome, imagine pagar a que a gente não consumiu.

Pois bem, então nós fomos inaugurar uma linha de transmissão porque nós estamos interligando todo o sistema elétrico brasileiro, e por que estamos interligando? Porque quando houve o apagão nós tínhamos energia de sobra no Sul do país, estava chovendo demais, tinha muita água. Mas a gente não tinha como transportar a energia de lá para cá. Então, o que nós estamos fazendo? Nós estamos interligando todo o sistema para, quando tiver excesso de água no Nordeste e tiver pouca água no Sul do país, você poder transportar energia do Nordeste para cá. Quando tiver excesso de água no Sul ou no Sudeste e tiver falta no Centro-Oeste, você transfere para lá, tentando fazer uma certa justiça na transmissão de energia para o conjunto do território nacional. Nós estamos fazendo um leilão e, com o leilão que vamos fazer agora, nós vamos contratar até 2007, independentemente de quem seja o



governo que vier depois de mim, as obras já estão contratadas, já estarão funcionando, portanto, elas vão ter que terminar, e o que estará acontecendo? Nós estaremos totalizando praticamente 15 mil quilômetros de linha de transmissão.

O que assustou as pessoas, até o meu amigo Jânio de Freitas escreveu um artigo fazendo críticas sem entender o que eu tinha falado, foi o seguinte: nós estamos, em apenas cinco anos, fazendo 21% das linhas de transmissão de tudo que foi construído em 122 anos, e isso é graças à compreensão dos nossos ministros, do Silas, da Dilma, dos nossos engenheiros, porque uma coisa que eu aprendi a respeitar é que o Estado brasileiro tem profissionais da mais alta qualidade, não é qualquer empresa no mundo que tem os quadros que tem a Petrobras, não é qualquer empresa do mundo que tem os quadros que tem o BNDES, a Eletronorte, a Eletrobrás, não é. Mas, durante um determinado tempo, em nome da modernidade e em nome da globalização, nós aprendemos e os trabalhadores aprenderam, porque éramos emprenhados todo dia, de que eram todos marajás, que nós tínhamos que mandar todo mundo embora e tínhamos que pagar pouco. Por isso, hoje, você tem funcionário da mais alta qualificação na Receita Federal, que é obrigado a arrecadar bilhões e bilhões, ganhando 6 mil reais. E esse cidadão, no dia em que deixar a Receita Federal e for trabalhar na iniciativa privada, vai ganhar 30, 40, 50 mil reais.

Então, nós aprendemos também que a qualificação dos profissionais que restaram na máquina pública brasileira são responsáveis por grande parte das coisas boas que acontecem neste país. Lamentavelmente, no Brasil, toda vez que a gente quer dizer que alguém ganha muito, a gente compara com o salário mínimo. E o salário mínimo é sempre muito pouco, porque no mundo inteiro o mínimo é mínimo. Nós devemos comparar o salário de um profissional é pela sua formação profissional, pela importância do que ele faz e pelo resultado do que ele produz. Vejam se os grandes jornais liberam os seus



grandes jornalistas! Vejam se as grandes empresas liberam os seus profissionais! Mas, muitas vezes, fomos induzidos a achar que os funcionários tinham que ser mal remunerados porque senão eles seriam marajás. Afinal de contas, alguém foi eleito neste país um dia dizendo que ia caçar marajá. Todo mundo sabe o que significa uma frase de efeito neste país.

Então, nós conseguimos fazer essa questão da (inaudível). Vejam, a combinação da indústria naval com a boa combinação na questão da eletrificação deste país e, ao mesmo tempo, com a boa combinação, com a formação profissional – Mascarenhas, fiquei atento à sua reivindicação aqui. Eu não sabia que o Senai, aqui, era pago. Mas, de qualquer forma nós vamos ter que resolver isso, porque se tem uma coisa que o Brasil tem que compreender, de uma vez por todas, é que sem formação profissional e sem educação nós perderemos a competitividade, nós perderemos a disputa e nós não chegaremos a lugar nenhum.

Mas vai ter muita novidade na área da educação. Esperem que vai ter muita novidade na área da educação, porque eu estou convencido que será na nossa formação profissional, e vou contar uma história para vocês. O Brasil, toda vez que tem uma coisa que não funciona, a gente piora em nome da melhora. Quando os professores do ensino fundamental reclamavam das condições de trabalho, ao invés de melhorar as condições de trabalho deles, reduzia-se o tempo de aposentadoria, quando se deveria ter atacado na fonte o problema das condições de trabalho.

Depois apareceu aqui, as crianças começaram a repetir o ano, muita criança repetindo o ano. Então, o que se fez no Brasil? Não vamos dar mais prova, é uma coisa automática, é ensino continuado, ou seja, o professor entra na sala de aula – Godofredo, você é professor não é? – dá uma aula, tagarela, fala, fala. Não tem um momento para perguntar para o aluno: “escuta aqui, você aprendeu o que eu falei?” Porque tem uma história que é o seguinte: se alguém fala uma coisa para você e você não entende, você pode não ser tão



inteligente. Se alguém fala a segunda vez e você não entende, você pode continuar não inteligente. Mas se na terceira vez a pessoa falar e você não entender, quem não é inteligente é quem está falando, porque não é possível não se preocupar se as pessoas estão compreendendo ou não.

E, no Brasil, nós estamos com um problema. Nós, este mês, estamos fazendo provas para cinco milhões de crianças da 4ª e da 8ª séries, porque nós queremos medir a qualidade do ensino que essas crianças estão tendo dentro da sala de aula. Estamos querendo medir. E não tem coisa melhor para medir do que, de vez em quando, você fazer um teste com as crianças para saber se elas aprenderam. Porque quem é que disse que o Godofredo entra na sala de aula – você era professor de quê? Matemática – e fala, e fala. Se ele não parar e falar: “escuta aqui, todo mundo entendeu o que eu falei?” Se ele não parar, no dia seguinte as crianças vão acumulando um desaprendizado, aí chega no final do ano e não passam. Aí você quer medir se ele está qualificado quando chega na universidade, aí é muito mais difícil, não é Lindberg? Muito mais difícil.

Então, nós estamos preparando, o Fundeb já está no Congresso Nacional. Eu estou pedindo a Deus que o Congresso Nacional aprove o Fundeb, o ProUni já teve 112 mil vagas este anos, das quais 38 mil para afrodescendentes. Acho que não tem exemplo na história deste país, em que num único ano 38 mil afrodescendentes entraram na universidade brasileira, agora já teve o Enem, participaram 3 milhões de jovens, nós vamos ver quantas vagas vamos ter porque acho que vão entrar mais uns 100, quem sabe um pouco mais, e nós queremos, em quatro anos, ver se chegamos a 470 mil novos jovens na universidade brasileira.

Estamos fazendo mais quatro universidades novas, fazendo extensões e Nova Iguaçu é a demonstração de que a coisa é para valer. Estamos levando as universidades federais para o interior do país, para tirar da capital e levar um braço...não é tirar a universidade, é tirar cursos para a gente fazer extensão



dela em cidades pequenas. E vamos fazer, Mascarenhas, 32 escolas técnicas espalhadas pelas várias regiões do país para que a gente melhor qualifique.

Tudo isso que estamos fazendo é porque nós temos a convicção de que a Europa ganhou parte do século XIX e ganhou parte do século XX e depois perdeu com a guerra mas, mesmo assim, se recuperou, e que os Estados Unidos se transformaram numa grande Nação no século XX. Ora, se o Brasil era um país colonizado no século XIX, se o Brasil era um país pobre no século XX, por que nós não assumimos o desafio, olhando na cara dos nossos filhos todo santo dia, olhando na cara da nossa mulher, do nosso pai, da nossa mãe, por que não assumimos o compromisso enquanto nação, enquanto nossa geração de dizer para nós mesmos, que o século XXI será o século do Brasil e nós não vamos perder a oportunidade?

Aí, companheiros trabalhadores, entra uma coisa muito séria. Está chegando o ano de campanha, vocês estão vendo que tem gente mais nervosa, menos nervosa, vocês estão percebendo que as coisas já estão na rua. Eu quero dizer para vocês que quando a gente assume a Presidência da República, você é tomado de uma responsabilidade que você nem pensava que tinha, e eu sei que tem muita gente que vende facilidade: “o Brasil poderia estar crescendo 10%”, “o Brasil poderia estar crescendo isso”, “o superávit poderia ser aquilo”, “o juro poderia ser aquilo”, porque na teoria cabe tudo. A diferença básica é que quando você vira governo, você sai da era do “eu acho” para a era do “eu faço”, você vai poder fazer em função das condições que você tem.

Eu desafio os empresários, os estudiosos, a me mostrarem em qual momento histórico o Brasil teve uma conjunção de fatores positivos como tem hoje. Em que momento a gente combinou o crescimento de exportação com o crescimento do mercado interno? Em que momento a gente combinou o crescimento da exportação com o crescimento da importação? Em que momento a gente combinou crescimento econômico com inflação baixa neste



país? Toda vez que o Brasil cresceu, a inflação foi para dois dígitos. Nós estamos crescendo e a inflação está a 5%.

A questão da inflação no Brasil também é uma questão cultural. Tem gente que, na hora que começa a vender um pouco mais, aumenta logo o preço quando deveria baixar. E nós estamos percebendo o quê? Nós estamos percebendo que nós estamos fazendo um jogo em que a combinação está ficando muito boa, que 2006 será um ano muito melhor, que vai ter mais empregos.

Eu vou dar um dado que o Marinho me deu agora, porque tem gente que fica nervosa quando eu digo isso, sabem por quê? Porque quando eu fui eleito eles apostavam no fracasso: “esse metalúrgico ser Presidente da República? O cara, quando muito, tem que ser torneiro e nunca presidente da República”. Pois bem, eles ficam doidos quando eu falo isso, mas eu vou falar o que eles não gostam que eu fale, eu gosto de falar. Nós tivemos um problema de desemprego no Brasil, crônico. Aqui tem vários dirigentes sindicais, do final da década de 90 e do começo do ano 2000. Pois bem, em oito anos – eu já disse isso aqui outra vez, não para os mesmos operários – em oito anos, de 1994 a 2002, a média mensal de geração de empregos, medindo pelo Caged, que é a diferença entre os trabalhadores admitidos e os trabalhadores demitidos, sobra um saldo negativo ou positivo. O saldo positivo, no governo passado, foi de 8 mil por mês, em oito anos. Nos nossos 35 meses, o saldo positivo mensal é de 108 mil novos empregos com carteira profissional assinada.

O setor metalúrgico, que nos últimos 20 anos tinha perdido quase 1 milhão e meio de trabalhadores, nesses 36 meses já recuperamos aproximadamente 300 mil postos de trabalho na indústria metalúrgica brasileira. E vocês são exemplo.

Eu fico olhando na cara de você o orgulho. E não tem nada mais sagrado para um pai de família do que levar para casa o que comer, com o seu salário. A gente não tem preguiça de levantar de manhã, a gente não tem



problema com chuva, a gente não tem problema. É sagrado chegar no final do mês, mesmo que xingando o nosso patrão porque não pagou o tanto que a gente acha que merecia, mesmo xingando o sindicato porque não reivindicou o que devia, mas a gente chegar em casa, pegar a mulher da gente, os filhos e ir no supermercado comprar o que comer, é uma coisa sagrada que nenhum de nós, e somente quem já trabalhou e vive do trabalho sabe o que é o direito sagrado de trabalhar. É por isso que nós apostamos nisso.

Mas aí alguém fala: “não, mas esses números do Marinho estão errados, esse Marinho é da CUT, esse cara está errado.” Isso não tem erro, isso é uma conta aritmética. Você pega o que entrou, o que saiu e você vai ter a diferença, ou negativa ou positiva. Mas aí, porque como tem muita gente que faz promessa fácil, eu vou dar um outro dado para vocês, importante para os trabalhadores. Nos oito anos passados, antes do nosso governo, o saldo do Fundo de Garantia foi um saldo de 9 bilhões de reais. Em oito anos, o saldo positivo do Fundo de Garantia foi de 9 bilhões de reais. A prova maior que o emprego está acontecendo é que, em 34 meses, o nosso saldo do Fundo de Garantia é de apenas 15 bilhões de reais, ou seja, esse é o dado que mostra claramente que a economia brasileira está se recuperando, esse é o dado concreto. Porque eu sou daqueles que entende que nós precisamos, uma vez na vida, construir no Brasil um modelo sólido em que a gente, mesmo que não cresça tudo aquilo que a gente queria crescer, que a gente consiga crescer de forma sistêmica por 10, 15 anos seguidos, para que a gente saia do *rol* dos países em vias de desenvolvimento e se transforme num país definitivamente em desenvolvimento.

Por isso, meus companheiros e companheiras, eu fiz questão de vir aqui com vocês. Ontem, eu tive uma reunião com dois mil trabalhadores rurais. E aqui quem tiver parente no campo, telefone e pergunte o que está acontecendo no campo, no Brasil. Na agricultura familiar, quando nós pegamos o governo, nós tínhamos 2 bilhões e 200 milhões de dólares liberados. No nosso terceiro



ano já liberamos 6 bilhões e 200 milhões. E para este ano, se Deus quiser, em julho, nós vamos chegar a 9 bilhões de reais, fazendo com que o homem encontre no campo condições de sobreviver, ele e sua família.

Por isso, eu quero dizer aos trabalhadores aqui presentes, aos que estão de macacão e aos que não estão de macacão. Quero dizer para vocês que só tem sentido a vida de um homem público, se no dia em que terminar o seu mandato, ele puder medir a sua passagem pelo governo e ele puder ter certeza de que tem mais gente trabalhando, de que tem mais gente ganhando dinheiro, de que tem mais gente consumindo e de que os nossos filhos terão um futuro melhor do que aquele que nós herdamos dos nossos pais.

Estou aqui feliz da vida. Feliz, porque há muito tempo atrás eu vim aqui, em 1979, fazer campanha sindical e já tinha desemprego. Depois, na década de 90 eu fui no estaleiro Verolme, lá em Angra dos Reis e sabia do desemprego, encontrava trabalhador fazendo qualquer coisa. O que se faz na vida? Eu era metalúrgico, eu era do estaleiro. Todo mundo falava: “em Angra dos Reis era assim”. Hoje, quando você vai lá, você vê com orgulho o cidadão voltando a utilizar o macacão. E só sabe o orgulho que dá vestir o macacão da gente, quem sabe o que é o valor do trabalho.

Eu quero dizer a vocês, metalúrgicos, a vocês trabalhadores da Petrobras, à Direção da Petrobras, todos vocês: olhem, um país que se respeita, um país que se preza e um país que tem projeto de futuro, não pode, em hipótese alguma, deixar de acreditar que são vocês a razão maior pela qual um país precisa e deve ter governo. Não se preocupem com as coisas que saem, os denunciamentos, as brigas, não se preocupem, isso atormenta, perturba todo mundo. Agora, de uma coisa estejam certos... quero falar para vocês como falaria para o meu filho: não haverá nenhum momento em que a eleição me faça mudar a trajetória que nós traçamos para este país.

Eu demorei muito para ganhar as eleições e quando eu ganhei as eleições eu não pensei no meu mandato, eu estou pensando é na geração dos



meus filhos e dos meus netos. E, portanto, se alguém quiser não ser sério, que não seja, nós vamos continuar fazendo as coisas que estamos fazendo, porque estamos convencidos de que estamos no caminho certo.

Muito obrigado, boa sorte e que Deus abençoe a todos vocês.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de Protocolo de Intenções do Projeto Nova Transnordestina, de convênio relativo à viabilização de recursos para o Metrô de Fortaleza e de contrato de empréstimo do Programa Crediamigo do Banco do Nordeste do Brasil - BNB

Fortaleza - CE, 25 de novembro de 2005

Se vocês tiverem um pouco de paciência, não vou falar tanto quanto o ministro Ciro Gomes mas, toda vez que eu vejo gente tão alegre, com a cara boa como vocês, eu fico pensando por que eu tenho que ler um discurso. E eu quero contar algumas coisas que, eu penso, vocês precisam saber.

Em 1993 e 1994, eu fiz, 92 e 94, praticamente, 91 mil quilômetros de caravana por este país, andando de barco. Fiz uma caravana no São Francisco, saí de Minas Gerais e fui chegar a Juazeiro e Petrolina. Fiz uma caravana pela Amazônia. Fiz mais duas caravanas pelo Nordeste brasileiro e depois eu me dei conta de que o Nordeste brasileiro e, sobretudo, a parte mais pobre do Nordeste brasileiro não comportava mais soluções paliativas, que era preciso pensar de forma estruturante, pensar o Nordeste para os próximos 20 anos, para os próximos 30 anos porque, em Brasília, e não é culpa de nenhum governo, toda vez que vai se pensar no Nordeste, aparece um especialista para dizer que não tem viabilidade econômica, porque há uma cultura de se fazer investimento em regiões que já estão prontas, em que as pessoas colocam o dinheiro e têm um retorno imediato. Essa visão, pode ser extraordinária para os investimentos privados. É normal que o empresário, ao querer colocar o seu dinheiro em algum empreendimento, discuta antes o



retorno do capital investido.

Mas esse não é o papel do Estado. O papel do Estado é pensar nacionalmente, globalmente, o seu território, regionalmente e, também, as microrregiões. Em algumas áreas, o Estado tem que se dispor a fazer financiamentos ou investimentos do Orçamento Geral da União, mesmo que saiba que o retorno pode ser de longo prazo porque, para alguns estados, você precisa fazer uma estrada porque já estão se desenvolvendo; para outros estados, se não tiver estrada, não vem o desenvolvimento.

E eu decidi, fazendo as caravanas, que era preciso fazer alguma coisa para o Nordeste, não apenas porque eu sou nordestino, mas porque o Brasil tem um território muito grande. Ao longo da história do Brasil, algumas regiões foram mais privilegiadas do que outras. O poder político, às vezes, determina os investimentos para determinadas regiões e não se pensa nos estados menores, nos estados mais pobres.

Quando eu assumi a Presidência, logo no começo, nós fizemos a prorrogação do tempo da Zona Franca de Manaus, que vencia em 2003, para 2023. Os empresários do Sul do país ficaram nervosos, os políticos ficaram nervosos e eu digo sempre: só é contra a Zona Franca de Manaus quem não conhece a Zona Franca de Manaus e só é contra quem não sabe, definitivamente, a importância estratégica de desenvolver um estado como aquele que, se não tiver a oportunidade de desenvolvimento, adeus floresta amazônica.

Eu resolvi então, lendo a biografia do presidente Roosevelt, dos Estados Unidos, que era preciso fazer no Nordeste brasileiro o que ele fez no Vale do Tennessee, nos Estados Unidos, que era uma das regiões mais pobres dos Estados Unidos, muito semelhante à pobreza do Nordeste e ele, enquanto Presidente da República, tomou a decisão de que era preciso priorizar o desenvolvimento daquela região, que hoje é uma das regiões mais ricas dos Estados Unidos.



E por que não dar essa mesma oportunidade ao Nordeste brasileiro? Por que ficar assistindo na televisão, a cada ano que tem uma seca, a criação da frente de trabalho, onde os trabalhadores, num ano, pegam uma pedra na margem direita e colocam na margem esquerda; no ano seguinte, pegam da margem esquerda e devolvem para a margem direita? Ou seja, é a produção do nada para o nada, a troco de 30 reais ou 40 reais por mês.

Por que não permitir que os estados mais ricos da Federação andem mais pelas suas próprias pernas e os estados mais pobres recebam mais ajuda da União, mais financiamentos e mais incentivos a novos empreendimentos?

Parte dessas coisas não acontecem no Brasil, e quero pedir desculpas se alguém se sentiu ofendido, pela mediocridade política do Brasil, pela mediocridade de uma classe política onde uma boa parte não consegue pensar o país nem um minuto depois do seu mandato, só pensa nos seus quatro anos, pensando numa reeleição. Nenhuma Nação, lugar nenhum do mundo consegue se projetar enquanto Nação, se cada um que foi eleito só pensar no seu mandato, e não pensar estrategicamente no desenvolvimento do seu país.

Quando a gente planta uma árvore, necessariamente nós não temos que chupar o fruto daquela árvore, outros que virão depois de nós poderão ser os beneficiários. Mas nós tivemos a coragem de plantar, mesmo sabendo que não íamos chupar o fruto daquela árvore. O Brasil tem que ser pensado assim.

Quem assume a presidência de um país importante como o Brasil não pode ser pequeno e pensar na próxima eleição, não pode ser pequeno e apenas estabelecer a política do imediatismo: aquela obra que eu tenho que ver acontecer, aquela obra que tem que ter o meu nome. Por isso, o Brasil não conseguiu, ao longo do tempo, se desenvolver como deveria, e olhe que o Brasil já teve muitas e muitas chances.

Durante 30 anos, este foi o país que mais cresceu no mundo, a ponto de o crescimento chegar a taxas de 10% ao ano e nós não resolvemos o problema da desigualdade social e da miséria neste país. Nós pensamos algumas obras



importantes e, aqui no Ceará, é importante dizer o seguinte: quando eu tomei posse, tinha nove estados do Nordeste, cada um querendo uma refinaria, mais o estado do Espírito Santo e mais o estado do Rio de Janeiro. Cada governador que ia conversar comigo dizia: “a refinaria tem que ser no meu estado”. Chegou um momento em que eu disse o seguinte: a refinaria vai para o estado que arrumar o parceiro para construir a refinaria.

Cheguei a jantar com o senador Tasso Jereissati, com o Príncipe da Arábia Saudita, para tentar convencê-lo a fazer a refinaria no Ceará. Tentei conversar com empresários japoneses, com governadores, com o governador do estado do Espírito Santo, para saber se ia ter investimento, senão a refinaria seria no estado do Espírito Santo, até que o presidente Chávez ganha as eleições na Venezuela e ele, como admirador de um general brasileiro, que foi parceiro do general Simon Bolívar, na Venezuela, o presidente Chávez disse: “eu quero construir uma refinaria no estado de Pernambuco para dar a ela o nome do general que foi herói junto com Simon Bolívar”. Um personagem que no Brasil é desconhecido, mas que na Venezuela lutou muito tempo junto a Simon Bolívar, que é o general Abreu e Lima.

Então vejam, nós estamos para ir a Pernambuco fazer uma festa para anunciar a refinaria num projeto de alguns bilhões de reais. Aqui, foi anunciado, no dia 15 me parece que vai ter a pedra fundamental da Siderúrgica do Ceará. Aqui foi feito o protocolo e eu quero, nos próximos dias, visitar o trecho, porque esse negócio de assinar só protocolo e não começar a colocar trilho e dormente lá, não vai dar muito certo, tem que acontecer logo, uma ferrovia ligando estados importantes do Nordeste brasileiro e que, certamente, os frutos não darão na semana que vem, nem no ano que vem, darão do ponto de vista da geração de empregos, vai valorizar a terra, vai ter mais incremento de investimentos. Mas isso leva alguns anos.

Depois, foi uma guerra, e a ministra Dilma Rousseff sabe, porque na época era ministra de Minas e Energia, depois o Silas pegou o pessoal da



Petrobras já cansado, portanto, mais fácil de ceder para a gente assumir o compromisso de construir o Gasene que vai poder dar sustentabilidade à produção de energia para a Siderúrgica e outros empreendimentos no Nordeste. É um investimento também de 750 milhões de dólares que, certamente, gerará muito emprego. Será licitado a partir de janeiro e eu penso que três ou quatro meses depois já estaremos com o Gasene se dirigindo para fazer a ligação com os gasodutos existentes no Nordeste.

E depois a obra do São Francisco. Eu acho importante dizer aqui, da obra do São Francisco, e repetir sempre, que eu nunca prometi a obra do São Francisco. Duvido que alguém tenha ouvido, em três campanhas que eu fui derrotado, eu prometer água do rio São Francisco. Eu nunca prometi, governador Jarbas. Nunca, porque eu dizia: é preciso estudar muito para a gente saber se vai fazer ou não. E eu, depois, aqui no estado do Ceará, há uns dez anos atrás, acho que na campanha de 94 ou 98, teve deputado que assinou um manifesto de repúdio à minha pessoa, não sei nem se o Eunício era deputado ou o Pimentel, aqui. Eu sei que assinaram repúdio ao Lula, porque o Lula era contra. Porque tinha candidato que vinha aqui, no Ceará, todo faceiro, porque vocês são favoráveis à transposição e ele dizia: “vamos fazer a transposição”. Mas chegava na Bahia, a Bahia era contra, ele dizia: “não vou fazer”. Chegava na Paraíba dizia: “eu vou fazer”. Chegava em Alagoas: “não vou fazer”. Eu nunca afirmei que ia, nem que não ia.

Quando eu tomei posse, pedi ao meu vice-presidente que começasse a fazer os primeiros contatos para que pudéssemos... já tinha um projeto que tinha sido coordenado pelo hoje senador Fernando Bezerra, ainda no governo Fernando Henrique Cardoso. E esse projeto foi muito debatido, eu mesmo tinha sido convidado para fazer um debate sobre o rio São Francisco. Eu pedi ao José Alencar que reestruturasse o debate sobre o São Francisco, que viajasse o Brasil, que conversasse. O vice-presidente José Alencar fez as primeiras etapas de negociações, conversa com governadores, com



deputados, com prefeitos, com técnicos e, depois, chamei o ministro Ciro Gomes e pedi para o ministro Ciro Gomes tocar o projeto do São Francisco.

É um projeto que o povo cearense precisa se manifestar, mas é um projeto que nós não podemos deixar... eu não acredito que um cidadão baiano, sergipano, alagoano pobre esteja querendo negar um copo de água para um irmão nordestino que mora nos estados que não têm água.

Porque eu vejo, meu querido companheiro Ciro Gomes, hoje eu vejo alguns governadores defensores do rio São Francisco fazendo alguns discursos que eu fico pensando: mas se essas pessoas gostavam tanto do rio São Francisco, por que deixaram, durante tantas décadas queimar todas as matas ciliares para fazer carvão com o cerrado? Por que deixaram, durante tantos anos jogar esgotos das cidades dentro do rio São Francisco? Essas pessoas gostavam mesmo do rio ou essas pessoas, agora querem tentar tirar proveito político sem conhecer?

Eu dizia para o Ciro que um dia eu estava na Universidade Federal de São Paulo fazendo um ato, tinha lá uns meninos com uma faixa contra o São Francisco e eu fiquei pensando: este aí deve ter água "Perrier" na sua geladeira. Porque se ele souber o que é carregar um pote de água por 6, 7 quilômetros na cabeça, se ele soubesse o que é ficar esperando a humilhação de um carro-pipa, que nunca vem e quando vem às vezes chega tão atrasado que não valeu mais a pena, não seria contra e o Ciro fez esse projeto com a maior responsabilidade. Esse projeto vai tirar apenas 1% da água do rio São Francisco, esse projeto vai fazer uma interligação com muitos açudes, para que ele fique totalmente perene a vida inteira.

Este projeto, já estão desapropriados dois quilômetros e meio à margem direita e esquerda do canal, para que a gente possa fazer projetos de assentamento. Esse canal está pensado do ponto de vista social e humanitário. Social, porque nós queremos desenvolver alguma coisa ao lado do canal, e humanitário porque não é possível um país que tenha a quantidade de água



que tem o Brasil, deixar aproximadamente 12 milhões de pessoas... e quando eu falo isso eu falo porque sei e vivi na pele.

Quando eu tinha sete anos de idade, Ciro, eu morava numa coisa mais ou menos assim, um terreno... eu me lembro que quando começava a trovejar a minha mãe fazia a gente fazer uma mureta de areia para catar água da chuva para a gente beber. Agora, se as pessoas do país não compreenderem que esse é um projeto que vai transformar o Nordeste brasileiro, não numa coisa melhor, mas numa coisa igual ao restante do país, dar cidadania aos nossos irmãos que não tiveram oportunidade, é a chance que nós temos.

Esses três projetos que eu falei, quatro na verdade, Gasene, Siderúrgica, São Francisco e a Transnordestina, e mais um que eu acho que daqui a 10 ou 15 anos será o mais importante... eu quero aproveitar, eu estou para prestar uma homenagem a ele, mas ainda não foi possível, ao professor Expedito Parente, que foi o idealizador do biodiesel, e nós resolvemos transformar o biodiesel em combustível e, a partir daí, pensamos Nordeste brasileiro, criamos uma política especial para o Nordeste brasileiro, fazendo isenção de impostos para as empresas de biodiesel que contratarem trabalhadores da agricultura familiar para plantar mamona.

A Petrobras participou do leilão esta semana, três empresas vão produzir 70 milhões de litros de biodiesel e nós vamos ter, então, a garantia de que o Brasil será – como é do etanol – daqui a 15 anos, um país líder na produção de biodiesel no mundo, certamente, será uma matriz energética muito mais geradora de empregos, muito menos poluente e, portanto, muito mais distribuidora de riquezas. E o mundo, depois do Protocolo de Quioto, vai precisar muito de um programa como esse.

E aqui, no Nordeste, já estamos fazendo uma pequena revolução. Às vezes, uma pequena revolução começa com um gesto, com um ato, com uma pessoa. E as pessoas só vão se dar conta de que elas estão existindo quando fizer muito barulho.



Eu fui visitar a fábrica de biodiesel lá em Floriano, no Piauí. E em uma fábrica que tem 40 trabalhadores, cada trabalhador gera mil empregos no campo, na produção de mamona, numa demonstração de que nós poderemos viabilizar mais dignamente o povo nordestino e, sobretudo, a parte mais pobre do país. Esse é um projeto que eu tenho por ele uma predileção importante porque é um projeto que vai tornar o nosso querido Brasil com três fontes energéticas excepcionais: o petróleo, eu fui ao Rio de Janeiro anteontem lançar a plataforma P50, uma plataforma que tem tamanho de três estádios do Maracanã, uma plataforma que tem capacidade de armazenar em alto-mar 1 milhão e 600 mil barris/dia de petróleo. A produção de um dia da Petrobras cabe dentro dessa P50. Nós atingimos a auto-suficiência quando essa P50 começar a produzir. Vamos produzir mais de 1 milhão e 850 mil barris/dia, que é a nossa auto-suficiência. Mas nós queremos mais.

Hoje, o Brasil, produz aproximadamente, 16 bilhões de litros de etanol, estamos exportando como nunca exportamos e queremos fazer mais acordos com outros países para que eles possam colocar etanol na gasolina e para que a gente possa produzir mais, gerar mais emprego, gerar mais riqueza e para que a gente possa ajudar que a agricultura brasileira seja muito maior e muito melhor do que ela é hoje.

E agora, o biodiesel. Está começando. Eu disse para a Dilma Rousseff que foi, no começo, quem coordenou esse projeto, que a gente vai superar todas as etapas, estão previstos, até 2008, 2% de biodiesel no óleo diesel; depois, estão previstos, em 2013, 5%. Pode escrever no teu caderninho, Dilma, que nós vamos passar por cima disso, Silas, porque eu me lembro que dois anos atrás a gente discutiu com a indústria automobilística a necessidade de voltar a utilizar o álcool e, hoje, o Brasil não só produz carro a álcool como o *flex fuel*, o carro que usa álcool e gasolina. Sessenta e cinco por cento dos carros vendidos no mercado interno, este ano, são *flex fuel*. Nenhum país do mundo tem essas condições. E nós temos essas condições.



Então, a Petrobras é um motivo de orgulho para nós. Todo mundo conhece, a Petrobras é a empresa mais extraordinária que o Brasil poderia ter. Ela é tão importante que eu acho que o presidente da Petrobras deveria ser eleito diretamente pelo voto, porque vá ter dinheiro para gastar em outro lugar. Eu fui ao Rio de Janeiro agora, ele anunciou, até 2010, 86 bilhões de reais de investimento, quando o governo brasileiro não tem como anunciar uma quantia dessas.

Então, a Petrobras que é essa empresa poderosa, certamente, vai nos ajudar. Mas eu acho que a Petrobras pode exportar muito petróleo e a gente utilizar aqui o nosso combustível porque essa vai ser a redenção do Brasil. E o Brasil tem soja, o Brasil tem mamona, o Brasil tem semente de girassol, o Brasil tem o pinhão manso, o Brasil tem babaçu, o Brasil tem dendê, ou seja, nós temos dezenas de possibilidades de produzir biodiesel e eu acho que nós logo, logo, estaremos sendo olhados pelo mundo como um grande produtor de biodiesel. Só para ter idéia, governador Lúcio Alcântara e Jarbas Vasconcelos, no almoço que fiz como presidente Bush na minha casa, 90% da conversa era sobre o biodiesel, porque os americanos também estão preocupados com o petróleo e estão querendo produzir biodiesel. Eu disse: “nós temos terra, sol, água, gente boa para trabalhar, não temos furacão, não temos neve, não temos maremoto, terremoto, aqui é paz e amor, neste país. Pode investir aqui, que não tem problema”.

Esse projeto é... veja, a Petrobras está fazendo poço, agora, a 2 mil metros, 1.850 metros de lâmina d'água, depois que ela desce 1.800 metros de lâmina d'água, ela perfura 2 mil metros ou 3 de terra, veja, são quase 5 quilômetros de profundidade. Eu estou dizendo para o Presidente da Petrobras: “rapaz, não fique fazendo birra contra o nosso biodiesel não”, porque a Petrobras acha que tudo compete com ela. Ela teve demora para aturar o Pró-Álcool e, agora, o biodiesel. “Ciúmes, vai nascer um irmãozinho ali e eu não quero porque está bem aqui, filho único”. Então, eu falei para o José Sérgio



Gabrielli: “veja a diferença, José Sérgio Gabrielli, para furar um poço de 2 mil metros, você gasta uma fortuna; agora, veja a nossa vantagem no biodiesel: o cidadão, com a mão mesmo, cava uma covinha ali, joga uma sementezinha ali, poucos meses depois ele vai lá, um metro e meio de altura, vai lá e colhe a mamona, vai moer aquela mamona, vai para a usina e nós vamos ter o biodiesel”.

Nós vamos gerar milhares e milhares de empregos neste país e eu só quero que vocês se lembrem do dia de hoje e, daqui a dez anos, vamos voltar a conversar sobre o que significou o biodiesel para o Nordeste brasileiro, para o Brasil, e esses projetos que aqui hoje foram anunciados. Mas não é apenas isso. Eu sempre achei que o Brasil padecia de desvios de país colonizado. Embora tenhamos conquistado a nossa independência no dia 7 de setembro de 1822, a verdade é que a cabeça de uma parcela do Brasil ainda estava colonizada. Se vocês pegarem o mapa do Brasil, vocês vão perceber que durante quatro séculos e meio o Brasil cresceu só à beira-mar, era tudo voltado para a Europa, sobretudo porque o transporte era feito de navio. A partir de Juscelino, começou-se a pensar, a se desenvolver para dentro e, agora, nós demos um passo a mais, demos um passo a mais na integração da América do Sul e em tentar construir as coisas que faltam para que a gente possa se integrar enquanto continente e poder vender e comprar os nossos produtos com os países com os quais somos vizinhos, porque o Brasil tem fronteira com todos os países, menos com o Equador e com o Chile.

Portanto, nós não podemos ver um carro, vizinho do Brasil, vindo do Japão, quando nós podemos vender carro nosso com qualidade e tão importante quanto os outros. Mas o Brasil era quase como um país que não poderia pensar na América do Sul, na América Latina, na África; nós estávamos com a cabeça muito subordinada aos nossos colonizadores, ao continente europeu, então, era tudo para lá. Hoje a nossa relação comercial com a América do Sul já é maior do que com a União Européia e já é maior do



que com os Estados Unidos.

Tudo isso está possibilitando, não vender um otimismo exagerado para vocês de que está tudo pronto, não está. A história de uma Nação não se constrói em uma década e, às vezes, nem em um século. E resolver as mazelas que foram feitas ao longo de séculos neste país e pagar as dívidas sociais que foram contraídas com o povo brasileiro, isso não será resolvido em um mandato, em dois mandatos, em três mandatos, em quatro mandatos. É preciso que haja um compromisso da Nação.

Eu acho que, um dia, governador Lúcio, nós vamos aprovar no Senado e na Câmara, quem sabe, a idéia de uma mini-Constituinte para fazer um projeto para o Brasil, e fazer um projeto para o Brasil, que todo presidente que entrar não tem que inventar nada, ele tem que cumprir aquele projeto Constituinte até a gente resolver o problema do Brasil, porque, senão, não tem jeito.

O Brasil está vivendo um momento bom, na minha opinião. Todo mundo pode querer um pouco mais, e é normal que se queira um pouco mais, mas o Brasil está vivendo uma combinação boa de crescimento econômico, de crescimento da exportação, de crescimento do emprego, está vivendo um momento bom. Eu quero muito mais e vou trabalhar para que a gente tenha muito mais. Mas também nós temos aqueles que não querem que as coisas dêem certo.

O Brasil é fantasticamente engraçado. Eu não sei se é o Brasil, governador Jarbas, ou se é no mundo inteiro. Aquele que perde uma eleição, ele fica torcendo, torcendo para que quem seja eleito não faça nada, não dê certo, erre o máximo possível, porque é a chance. Mas vocês já foram eleitos, já perderam, já ganharam eleição, é assim no Brasil. Todo mundo fica torcendo pelo fracasso.

Um dia, Patrícia, você vai ser eleita num cargo majoritário, num cargo executivo, e você vai ver, as pessoas ficam torcendo: tomara que não dê certo. Isso é que nem uma ave de mau agouro. Então, se a gente tiver um projeto



para o país, um projeto em que o sucessor do Lúcio, o sucessor do Lula, o sucessor da Luizianne tenha compromisso, quem sabe a gente possa fazer muito mais pelo país. Nós estamos começando e não é fácil.

Eu vou dar um exemplo, aqui, Jarbas, Wellington e Lúcio, só no Nordeste brasileiro, o Bolsa Família está atendendo, até o dia de hoje, 3 milhões e 910 mil famílias. Estamos já com uma cobertura, no Nordeste, de 74% das pessoas que estão abaixo da linha da pobreza. E estamos gastando, nesse Programa, no Nordeste, 3 bilhões, 179 milhões, 702 mil e alguns centavos. E, por mês, significa vir, para combater a pobreza no Nordeste, 265 milhões de reais/mês, para combater a pobreza no Nordeste.

No estado do Ceará, só no estado do Ceará, nós estamos atendendo 678 mil famílias com o Bolsa Família. Já atingimos a cobertura de 82% das pessoas que, segundo o IBGE, estão abaixo da linha da pobreza. Estamos gastando 550 milhões de reais/ano, com um total de 46 milhões/mês de combate à pobreza.

É pouco, mas se juntarmos isso à compra de leite dos pequenos produtores, se juntarmos isso com o seguro agrícola, se juntarmos isso com a compra de alimentos, se juntarmos isso com o Pronaf, se juntarmos isso com o CrediAmigo, se juntarmos isso com as políticas sociais dos estados e das cidades, nós vamos perceber que em nenhum momento da história do Brasil os pobres tiveram tanta atenção como estão tendo agora. Nunca.

A verdade é que houve várias tentativas. Mas pobre conseguia entrar num banco? Mesmo no BNB era difícil. O Banco do Brasil, meu caro Schmidt, tinha perdido o hábito de emprestar dinheiro para pequeno, era melhor emprestar tudo para um grandão do que emprestar para milhares de pequenos, emprestar dois contos ali, dois contos e meio ali, mil reais, três mil, dá trabalho, é muita gente. E ainda tem gente que vai de sandália lá, para pegar dinheiro, não fica bem com o banco.

Nós mudamos essa cultura. E eu penso que é por isso que os números



são muito bons. Vocês sabem quanto nós fizemos de empréstimo consignado em 20 meses, aquele dinheiro que o cidadão toma emprestado e desconta na folha de pagamento? Por isso é que a economia brasileira não pára: foram 29 bilhões de reais emprestados, 11 milhões e meio de tomadores, dos quais 5 milhões de aposentados. Aonde que o aposentado conseguia tomar dinheiro emprestado neste país? Hoje ele pode ir ao banco e tomar dinheiro emprestado, dar o seu holerite de pagamento, o seu contracheque de pagamento em garantia, e só pode descontar o máximo de 30% do que vai receber de salário, para não comprometer todo o salário.

E aí, o país vai andando. O país está começando a andar. Vários setores das indústrias estão crescendo; pela primeira vez, em 23 anos, as empresas ganharam mais dinheiro do que os bancos, o que já é um bom sinal. A gente percebe que as coisas estão... O Congresso Nacional tem nos ajudado. Por mais que você veja, na imprensa, briga entre o Senado e o Poder Executivo, Câmara e Poder Executivo, a verdade é que na essência o Senado e a Câmara têm votado as coisas de interesse deste país. De vez em quando, tem uma disputa política mais aguerrida, um xinga aqui, outro xinga ali, mas uma boa conversa resolve e fica tudo acertado, vota-se, coloca-se uma emenda a mais, isso é parte da democracia. Quando vocês virem essa briga, não se assustem. É melhor assim do que no tempo do regime militar, em que a gente não tinha essas coisas. É melhor isso. Isso é um aprendizado.

Outro dia, eu disse no Roda Viva: “proveitem que eu estou no governo e denunciem tudo o que vocês souberem de corrupção, tudo, porque vocês terão a certeza de que será apurado”. Denunciem. Quem souber, não guarde para si, não. Agora, por favor, não mintam, porque, se ao invés de denunciar uma coisa com indício de prova, você ficar levantando calúnia contra as pessoas, não poderemos prejudicar gente inocente, condenar gente inocente e absolver gente culpada. Então, é preciso que a gente faça as coisas corretamente.



O Brasil, quero dizer para vocês, não vai jogar fora essa chance. Não vai jogar fora. Nós demoramos muito para chegar aqui. Os senadores sabem, os deputados sabem, os ministros sabem, vocês sabem o sacrifício que nós fizemos no primeiro ano de governo. Foi quase como cortar uma veia para poder garantir que este país não fosse quebrar. Eu disse para a Dilma hoje, eu fazia reunião com alguns economistas amigos meus, dos mais importantes do Brasil, quando terminava a análise econômica, eu falava: “espera aí, se o Brasil está assim por que vocês querem que eu seja candidato a Presidente? Se o país vai quebrar, por que eu vou pegar esse abacaxi?” Agora, como eu gosto de abacaxi, é a minha fruta predileta, eu falei “vou pegar esse abacaxi e vou provar que a gente pode consertar esse abacaxi, fazê-lo ser uma coisa bastante digerível.”

E podem ter certeza de uma coisa: com a conclusão desses projetos, o Nordeste brasileiro dará um salto de qualidade e, daqui a 20 ou 30 anos, os nossos filhos e os nossos netos vão se lembrar deste dia de hoje. Eu considero o dia de hoje um passo importante para que o Nordeste brasileiro deixe de ser exportador de pessoas procurando emprego nos centros mais ricos da União, para o Nordeste brasileiro voltar a ser um lugar gerador de emprego, gerador de oportunidades, porque uma coisa de que eu me orgulho é quando eu vejo um aposentado metalúrgico voltar para o Nordeste: ele saiu daqui com uma mão nas costas e a outra na frente, atrás de emprego. Trabalhou 35 anos lá e, quando ele se aposenta, ele volta para cá cidadão, ele volta para cá com poder de compra, ele volta para cá consumidor, e vocês devem conhecer muitos espalhados por este Nordeste afora.

De forma, companheiros e companheiras, que eu quero dizer para vocês, como nordestino, como Presidente da República, que eu, no dia de hoje, estou duplamente orgulhoso. Voltarei aqui no dia 15 para a pedra fundamental da nossa Siderúrgica e virei dar o primeiro ponto de solda no gasoduto do Gasene, vou fazer uma viagem de metrô quando ele estiver



pronto porque é uma obra... e eu quero fazer justiça aqui: o governador Lúcio, eu já não podia vê-lo marcar uma audiência que eu já sabia que vinha o metrô na frente. E nós, depois de muita dificuldade, muita engenharia, conseguimos liberar o dinheiro para o metrô de Belo Horizonte, para o metrô de Salvador, para o metrô de Fortaleza, e estamos aqui acordando com o governador Jarbas para a gente ver se conclui a questão do metrô de Recife, porque cada cidade, agora, quer um metrô, virou um negócio impressionante. O Wellington quer um metrô também, e eu tenho dito o seguinte: “só vamos fazer metrô, agora, quando a gente terminar esses quatro”. Porque que digo sempre: cachorro de muito dono morre de fome porque todo mundo pensa que pôs comida e não pôs. Se você colocar 10 obras, você termina não fazendo. Então, vamos terminar esses quatro, depois vamos ver quais as outras cidades que precisam de metrô para a gente fazer novos projetos. O dado concreto é que eu, ainda este ano, quero dar uma volta no metrô de Fortaleza e de Salvador.

E queria dizer a vocês que o governador Lúcio tem sido um parceiro. Não esperem que essa parceria acabe com as divergências políticas, porque nós somos de partidos diferentes, e é bom não acabar. Divergência, é bom ter, porque nós precisamos aprender a conviver com isso.

E eu queria, aqui, fazer justiça a um companheiro. Eu sei que quando estou com muitos ministros, elogiar um só fica muito ruim, mas eu quero fazer justiça, aqui, ao nosso ministro Ciro Gomes. Primeiro, porque é o único paulista nordestino, já é um valor extraordinário na cabeça de um ser humano, sem que tenha conseguido passaporte do Ceará, ou seja, ele é por conta própria. Segundo, porque o Ciro é um companheiro que tem dado uma contribuição inestimável ao meu governo e ao nosso país. Eu, poucas vezes, conheci um ser humano com a dedicação, com a honradez e com a lealdade que o Ciro Gomes tem, nas coisas que nós fazemos, no governo.

E essa visão que eu tenho do Ciro Gomes, hoje, é a demonstração de que nós, seres humanos, não somos estáticos, nós somos uma “metamorfose



ambulante”, nós estamos mudando todo dia, aprendendo, ensinando. E o Ciro Gomes, tem sido um quadro excepcional, esse projeto do São Francisco, ele e o Brito têm trabalhado que nem dois heróis, enfrentando provocações, e não desistem nunca, porque eles são brasileiros e sabem que não podem desistir nunca.

Essa Transnordestina foi uma engenharia. Olhe, eu quero dizer para vocês, que, muitas vezes, eu pensei em desistir, porque quando eu chamava Ciro Gomes, Palocci, Guido Mantega e mais não sei quem, ao invés de solução, senador Sérgio Guerra, era só problema, só problema. Chegou uma hora em que eu falei: “Sabe de uma coisa? Eu vou desistir, porque não dá certo”. E o Ciro Gomes: “Não, vamos encontrar uma solução, vamos encontrar uma solução”. E encontramos uma solução e vamos fazer um investimento de 4 bilhões e meio de reais, o que pode nos ajudar.

E eu acho que se o Ciro não estivesse participando... obviamente que todos os ministros tiveram... Eu dei a Transnordestina e o São Francisco para o Ciro, numa homenagem de um companheiro que disputou as eleições comigo e eu disse ao Ciro uma vez: “você vai saber o que é a elite política brasileira quando você virar oposição. Você vai saber como é que ela trata os adversários”.

E, numa homenagem ao fato de o Ciro Gomes ter sido meu concorrente, eu tê-lo chamado para participar do governo, ele ter aceito, eu dei duas obras que são duas paixões da minha vida, a Transnordestina e o Canal do São Francisco para o Ciro Gomes fazer. Mesmo o nosso ministro dos Transportes, Alfredo, que eu pensei que era amazonense, é do Rio Grande do Norte, ou seja, que era para ser do ministro dos Transportes. Aí foi uma homenagem, uma homenagem à humildade, à lealdade, às coisas transparentes que ele faz. Então, eu não podia fazer elogios ao Ciro num lugar melhor do que na cidade de Fortaleza, no seu estado do Ceará.

E o que eu estou dizendo aqui, para vocês, posso garantir, é o



pensamento unânime de cada ministro, o pensamento unânime de cada ministro do que o Ciro tem nos ajudado lá.

Portanto, eu quero dizer ao governador Lúcio, ao governador Wellington, ao governador Jarbas Vasconcelos, aos nossos deputados, senadores, ao povo do Ceará, empresários, trabalhadores, ao BNB, aos senadores, eu quero dizer a vocês o seguinte: tenho certeza de que hoje nós marcamos um novo começo de vida para o povo nordestino. Um novo começo de vida. E eu tenho certeza de que todos nós vamos nos orgulhar amanhã de ter participado deste dia porque, afinal de contas, nós estamos dando um passo importante, outros antes de nós já fizeram coisas, nós não começamos, não inventamos o mundo e nem a roda, mas eu acho que o passo de hoje foi extremamente importante.

Portanto, que Deus nos abençoe, que Deus abençoe todos vocês, que a nossa prefeita Luizianne tenha toda a sorte do mundo na sua administração, que o governador Lúcio tenha toda a sorte do mundo porque eu, depois dos 60 anos de idade, eu cheguei à seguinte conclusão: nossa vida é tão curta que não vale a pena a gente ter ódio, não vale a pena a gente ter rancor, não vale a pena a gente não pensar de forma otimista todo o dia e toda hora.

Portanto, eu sou um brasileiro otimista, eu sou um brasileiro que acredita e, por acreditar, eu sou um brasileiro que posso dizer para vocês: estejam certos de que o Brasil nunca mais voltará a ser o mesmo.

Obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do Açude Arneiroz II**

Arneiroz-CE, 25 de novembro de 2005

Boa tarde. Eu, na verdade... Acho que todo mundo, aqui, gostaria que antes de terminar esse ato, aqui, chovesse para encher logo o Açude, para a gente saber se a obra do Ciro está realmente forte, aí, e vai agüentar a água que nós precisamos.

Eu quero cumprimentar o governador Lúcio Alcântara,

Quero cumprimentar o meu companheiro Ciro Gomes, ministro da Integração,

Quero cumprimentar a senadora Patrícia Sabóia,

Quero cumprimentar os deputados federais Eunício Oliveira, Inácio Arruda e José Pimentel,

Quero cumprimentar o deputado estadual Marcos Cals, presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Ceará,

Quero cumprimentar o Ednardo Rodrigues, secretário de estado dos Recursos Hídricos,

Quero cumprimentar o senhor John Briscoe, representante do Banco Mundial,

Quero cumprimentar as deputadas e os deputados estaduais Domingos Filho, Idemar Cito, Sávio Pontes, Sineval Roque e Zemaria Pimenta, o deputado Guimarães,

Quero cumprimentar os prefeitos, aqui, prefeitos e prefeitas – eu estou com duas folhas de prefeitos, aqui, vou ver se eu falo o nome de todo mundo, para que ninguém saia daqui dizendo: “o Presidente esqueceu de mim”.



Antônio Almeida Neto, de Acopiara,
Francisco Carlos Macedo Tavares, de Aurora,
Francisco Valdecy Soares Coelho, de Novo Oriente,
Francisco Vieira Costa, de Quiterianópolis,
Gabriel de Mesquita Facundo, de Jucás,
Genecias Mateus Noronha, de Parambu,
José Ilário Gonçalves Marques, de Quixadá,
Jefferson Paes de Andrade Rodrigues, de Catarina,
Só você que não trouxe gente aqui – cadê o Ilário?
José Almir Claudino Sales, de Crateús,
José Jeová Souto Mota, de Tamboril,
José Ney Leal Petrola, de Arneiroz,
José Valdi Coutinho, de Independência,
Patrícia Gomes de Aguiar, de Tauá,
Pedro Leandro Neto, de Cariús,
e Ramilson Araújo Moraes, de Aiuaba,
Senhor Cid Gomes, ex-prefeito de Sobral, presidente do PSB,
Senhor Leonardo Alves de Araújo, presidente da Câmara Municipal de
Arneiroz,

Senhor Francisco de Assis Diniz, presidente da Central Única dos
Trabalhadores – e quero aproveitar, aqui, porque morreu, no dia 24 de abril, o
ex-prefeito Antônio de Tônico, sogro do nosso presidente da CUT,

Quero cumprimentar o Dario de Queiroz Galvão Filho, que é o homem
responsável pela engenharia dessa obra,

Quero cumprimentar os vereadores,

Quero cumprimentar as mulheres e os homens do Nordeste brasileiro,

Bem, vocês não tiveram tempo de ver televisão, não sei se viram, hoje
de manhã, alguma entrevista do Ciro, porque ele veio ontem para cumprir essa



tarefa. Mas eu acho que, hoje, o Ceará está dando um passo extremamente importante para garantir ao povo do Ceará mais justiça social, mais desenvolvimento, mais emprego e melhoria das condições de vida do povo deste estado.

Hoje, lá na sede do BNB, nós fizemos os acordos e os protocolos para, finalmente, construir a Ferrovia Transnordestina que vai ligar o Porto de Pecém ao Porto de Suape, que vai até o estado do Piauí e, quem sabe, logo, logo, com ramais para a Paraíba e outros estados, para que a gente possa desenvolver o Nordeste brasileiro, dando condições de desenvolvimento.

Também foi assinado o Protocolo entre o governo do estado e a Petrobras e empresários de empresas multinacionais, para que a gente possa construir, finalmente, o Pólo Siderúrgico do estado do Ceará, que vai gerar muito desenvolvimento para o estado. E, também, em janeiro, a Petrobras vai começar a construir o Gasene, que liga do Espírito Santo a todo o Nordeste brasileiro, para que o gás produza a energia que precisa para que a Siderúrgica possa funcionar corretamente.

E, agora, estamos aqui, na beira de um açude, ainda não tão cheio. E nós achamos que Deus quis que ele primeiro ficasse pronto para que chovesse uma chuva torrencial, para que encha logo.

Estamos aqui, olhando na cara de cada homem, de cada mulher e imaginando como poderá ser a vida de vocês a partir de agora, porque esse açude, ele vai, daqui para a frente, tornar o Rio Jaguaribe perene até Tauá. Significa que a gente vai ter... (falha no áudio) ...problema com água. Significa que a gente, agora, tem a certeza de que, embora o Ciro Gomes tenha saído daqui para ir trabalhar em Brasília, ele não esqueceu a sua gente, não esqueceu o seu estado e muito menos esqueceu o Nordeste brasileiro.

Eu, que sou nordestino, que fui para São Paulo muito cedo, eu sei quantas vezes nós somos vítimas de preconceito por este Brasil afora. Eu sei, muitas vezes, como as pessoas não reconhecem aquilo que nós sabemos



fazer, aquilo que nós temos competência. E por isso nós tomamos a decisão, também, de fazer com que a água do rio São Francisco possa contribuir para perenizar o rio Jaguaribe, para perenizar os açudes, e para resolver, definitivamente, o problema de água no semi-árido nordestino.

Vocês estão sabendo que o ministro Ciro Gomes tem sido às vezes atacado na defesa do projeto da Transposição do rio São Francisco, e é importante que o povo do Ceará, onde estiver, diga claramente que nós estamos apenas tirando 1% da água do rio São Francisco para atender 12 milhões de nordestinos que têm o direito de sobreviver dignamente. E estamos fazendo isso, porque sabemos o sacrifício da seca, porque sabemos o sacrifício das pessoas que têm que andar léguas e léguas com um pote d'água na cabeça; sabemos o sacrifício de pessoas que têm que, às vezes, tomar água barrenta, com caramujo e com tudo, pegando doenças e mais doenças, crianças morrendo antes de se tornarem adolescentes porque a fome, a doença e a falta de trato não permitem, e eu acho que nós temos que olhar para essa parte do Brasil.

Tem uma parte do Brasil que sabe se cuidar sozinha. O Ciro conhece bem. O povo da avenida Copacabana sabe se cuidar, o povo da avenida Paulista sabe se cuidar, o povo da rua da Praia, em Fortaleza, sabe se cuidar, no Rio Grande do Sul... Está cheio de lugares em que o povo não precisa mais do governo. Agora, onde o povo precisa do governo é que, muitas vezes, o governo não aparece, porque é longe. Se todo governante brasileiro, antes de tomar posse – porque na campanha não vale, viu Lúcio? Na campanha um candidato não vê nada porque ele desce no aeroporto, entra no carro, vai para o palanque, sai do palanque, volta para o aeroporto, ele não vê nada – mas, se todo governante, antes de tomar posse, desse uma andada pelo Brasil, tivesse contato com a realidade brasileira e viesse, sobretudo, ao Nordeste e ao semi-árido...



Porque tem muita gente que é contra a transposição do São Francisco porque tem água encanada na sua casa, porque tem água na geladeira, porque não tem sacrifício para nada. É muito cômodo ser contra. Agora, se essa gente viesse aqui para saber como é que vive o povo do semi-árido, certamente essa gente deixaria de ser contra.

Eu estou convencido de que o Nordeste brasileiro entrou em um ciclo de desenvolvimento que não vai ter mais parada. Eu estou muito otimista com o Programa do Biodiesel, que vai produzir biodiesel para misturar no óleo diesel, e será produzido da mamona, sobretudo para ajudar a parte mais pobre do país. E eu não tenho dúvida de que nós vamos gerar milhares e milhares de empregos para ajudar as pessoas mais necessitadas. Estou sabendo, inclusive, que a Petrobras, depois do leilão agora, vai fazer uma usina de biodiesel na cidade de Quixadá, e nós queremos fazer – em Tauá também vai ter uma – e nós queremos fazer em muitas cidades, porque para cada trabalhador de uma usina, Patrícia, para cada trabalhador da usina vai precisar de homens no campo, plantando mamona.

Então, vai possibilitar a geração de empregos. Nós, na Lei, obrigamos que o empresário que contratar o trabalho do agricultor familiar vai ter um desconto, um subsídio nos impostos que ele tem que pagar, para que a gente possa fazer do Programa, não apenas um programa para encher o tanque de um carro de biodiesel, mas para encher a casa do povo brasileiro de comida, para encher a casa do povo brasileiro daquilo que ele mais necessita.

Por isso o dia de hoje é especial para mim. Especial por voltar ao meu Nordeste, voltar a uma região em um momento de seca, porque esta paisagem eu conheço muito bem, e acho que todo mundo deveria passar por aqui, porque normalmente as pessoas querem viajar, vão para Miami, vão para Paris, vão para Londres... Eu acho que tudo bem, mas poderiam passar um pouquinho aqui para ver como é que as pessoas vivem nesta região.



Então eu acho que, se a gente tivesse que ficar escolhendo heróis no Brasil, eu acho que a gente deveria escolher o povo do semi-árido nordestino como herói, porque uma mulher e um homem que resolvem... nascem, crescem, casam, constroem família aqui, uma parte do tempo choram por causa da seca, outra parte choram quando chove demais.

Mas uma coisa é importante: no nosso governo, nós sabemos que aquelas famosas frentes de trabalho em que o trabalhador fingia que colocava uma coisa no lugar, depois tinha que tirar, acabou, porque nós estamos comprando os produtos dos pequenos produtores, porque estamos comprando leite, porque temos o Bolsa Família, porque temos o Pronaf que, finalmente, chegou ao Nordeste.

Noventa por cento do Pronaf era para o Sul do país, para Rio Grande do Sul, não chegava nem ao Paraná, Ciro. Era Rio Grande do Sul e Santa Catarina, ficavam com 90% do dinheiro do Pronaf. Este ano o dinheiro do Pronaf saiu de 2 bilhões e 400, em 2003, para 6 bilhões e 200, em 2005, e para 9 bilhões no próximo ano.

Então, nós estamos fazendo com que o dinheiro chegue ao pequeno produtor, que ele possa ser tratado com decência, produzir e, no Programa, a gente incluiu também a mulher, porque a mulher pode, agora, fazer o seu empréstimo, fazer a sua lavoura, independentemente do seu marido.

Vocês sabem que, no programa Bolsa Família, uma coisa importante, Lúcio, é garantir que a mulher receba o cartão. Porque a mulher – eu sou casado há 31 anos – por mais responsável que nós sejamos, a mulher sempre é um pouquinho mais responsável do que nós. Às vezes o cidadão pega o dinheirinho, ele tem vontade de tomar uma cerveja, mas a mulher, eu duvido que deixe de levar comida para os seus filhos, eu duvido que ela deixe de levar as coisas para casa.

Este Brasil, nós vamos construí-lo como nós estamos aqui, em parcerias: governo federal, governo estadual, prefeitos, tendo o apoio de



deputados, independentemente do partido que sejam. Tem hora em que a gente briga, tem hora em que a gente disputa eleição, tem hora em que a gente xinga um ao outro, mas tem hora em que o Brasil e o povo merecem o nosso respeito e têm que estar acima de qualquer divergência que a gente possa ter.

Então, prestem atenção, a transposição das águas do rio São Francisco, a Siderúrgica do estado do Ceará, a Transnordestina, o Programa Biodiesel, este açude agora, e o açude Várzea da Raposa, que foi recuperado, parece que teve problemas também, parece que o Incra recuperou, essas são obras que vão mudando a cara da cidade em que vocês moram, mudando a cara do estado e mudando a cara do Brasil.

Eu tenho fé em Deus que, antes de morrer, eu ainda quero ver o Nordeste brasileiro tão desenvolvido quanto qualquer outra região do nosso país. Ainda quero ver, porque não é possível que o Nordeste não tenha a sua vez. E eu acho que nós estamos construindo isso. Vocês, porque acreditam, porque batalham, porque reivindicam.

Os prefeitos sabem que aumentou a transferência de renda do governo federal para os prefeitos, temos tratado todo mundo em igualdade de condições. A mim não interessa saber qual é o partido de que o prefeito é, que o deputado é, não interessa. O Lúcio é do PSDB e sabe da relação honesta que nós temos, da relação leal, e é assim que a gente constrói o Brasil. Hora da disputa é a hora da eleição. Isso é que nem jogo de futebol, vale empurrar, vale falta, vale tudo. Acabou o jogo, a gente volta a ser amigo e vamos pensar no país. Este momento é o momento de pensar no Brasil.

Hoje, na hora que eu, o Ciro e outros companheiros sairmos daqui, pegarmos esse helicóptero, pegarmos o avião em Juazeiro e formos para Brasília, a gente sai daqui com uma convicção: daqui a alguns anos nós voltaremos e terá mudado muito, e muito, a cara do nosso Nordeste brasileiro.

Quero, por fim, dizer a vocês que eu sou agradecido ao estado do Ceará por ter me dado um ministro da qualidade do Ciro Gomes, que tem ajudado, de



forma extraordinária. Nos momentos mais difíceis, nos momentos mais complicados, o Ciro tem sido um companheiro de primeira hora, que não mede sacrifício, não enjeita debate, não enjeita nenhuma tarefa que seja dada para ele. E ele sabe que uma das obrigações dele, como ministro do nosso governo, é utilizar tudo o que a gente puder utilizar, enquanto governo federal, para que a gente possa melhorar, cada vez mais, o Nordeste brasileiro.

Muito obrigado, gente. Que Deus abençoe todos vocês. E eu espero que este açude encha logo, e espero que vocês possam tirar proveito. Porque, Prefeito, certamente a gente vai ter que, um dia, utilizar essa água para plantar coisas para o povo pobre aí, na região. Viu?

O Ciro está dizendo que já tem água para um ano. Mas nós não queremos só para um ano, nós queremos para uns 10 anos, pelo menos, aqui, para não ter problema de água.

Gente, muito obrigado. E, se Deus quiser, podem ter certeza de que o Nordeste brasileiro deixou de ser esquecido pelo governo federal. Pela primeira vez, a gente consegue ter um Presidente da República, não apenas pelo fato de ser nordestino, é porque é um Presidente da República que conhece na carne o que passa a parte mais pobre do Nordeste brasileiro. E eu não acho isso justo, portanto, nós vamos mudar.

Eu quero que os prefeitos saibam, quem tiver as suas reivindicações, não tenham vergonha de colocar no papel e entregar para o governador, entregar para o deputado, entregar para o Ciro que, na medida do possível, nós vamos atendendo, porque nós queremos ser parceiros nesta empreitada.

Adeus.



Declaração à Imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após assinatura de Atos, por ocasião da vista de Estado à Argentina

Puerto Iguazú/Argentina, 30 de novembro de 2005

Querido presidente Kirchner, presidente da Nação Argentina,
Querido doutor Raúl Alfonsín, ex-presidente da Argentina,
Querido companheiro senador José Sarney, ex-presidente do Brasil,
Governadores presentes a este Ato,
Ministros no Brasil,
Ministros da Argentina,
Agora Ministra, também, da Argentina,
Senhores embaixadores,
Todos os assessores integrantes da comitiva,

Certamente, cada um de vocês tem uma contribuição inestimável para o que nós estamos realizando hoje. Antes de falar, eu queria prestar uma homenagem a um companheiro que preferiu a política à diplomacia, o nosso querido Rafael Bielsa, e que possivelmente seja, como ministro das Relações Exteriores, a última reunião de que participa conosco. Eu, pelo menos, só vou participar da próxima em Montevideu e ele já será deputado, companheiro Celso Amorim.

Eu penso que Kirchner e eu seremos sempre muito agradecidos à dedicação que vocês dois tiveram nesse episódio. Se não fosse a garra, se não fosse o entusiasmo, se não fosse a crença com que vocês dois, cumprindo a vontade dos Presidentes das Repúblicas, executaram isso com carinho, certamente nós não teríamos obtido o sucesso que estamos obtendo nas



nossas relações. O Bielsa sai, entra o nosso querido Jorge Taiena, que deve fazer o mesmo – e Kirchner e eu estaremos torcendo que faça muito mais – Celso Amorim continua, se não te acompanhar também. Mas a história é que o sucesso de tudo isso se dá exatamente porque nós temos homens e mulheres trabalhando pela integração Argentina-Brasil, pessoas que acreditam, pessoas que venceram preconceitos, dogmas, paradigmas equivocados e que podem fazer com que hoje estejamos aqui celebrando esta quantidade enorme de acordos que fizemos, e outros que ainda faremos.

Portanto, eu só posso agradecer ao presidente Kirchner mais esta oportunidade de estarmos aqui reunidos em Puerto Iguazú, e podermos comemorar o dia extraordinário quando, aqui nesta cidade, o presidente Alfonsín e o presidente Sarney tiveram um comportamento de visionários. É importante lembrar que hoje é muito fácil fazermos o que estamos fazendo mas, em 1985, os dois países tinham saído de um regime autoritário, os dois estavam recém-empossados na Presidência da República, e tiveram a coragem de dar sinais a gerações futuras de que era preciso quebrar todas as barreiras possíveis entre Argentina e Brasil.

O rio Prata, por mais largo que seja, por mais profundo que seja, depois da vontade dos dois Presidentes, em 1985, ficou pequeno pelas braçadas de brasileiros e argentinos na vontade de conquistar uma integração maior, mais sólida e muito mais vigorosa. Por isso, eu quero dizer ao presidente Alfonsín e ao presidente Sarney, que não apenas o Kirchner e eu, mas outros presidentes que virão depois de nós, daqui a algumas décadas ou daqui a não sei quantos anos, irão ser sempre agradecidos ao gesto que vocês dois tiveram, um gesto de grandeza, um gesto de visão, de estadistas, um gesto que possibilitou que a grandeza da ação política do ser humano superasse a pequenez que tantas vezes norteou as decisões políticas em nosso país. Meus parabéns a vocês dois.



O Compromisso de Puerto Iguazú, que acabamos de assinar, comemora este momento singular da nossa história. Em 1985 adotamos um acordo tão ambicioso e inédito quanto as potencialidades de nossa associação. Ao abrir de forma recíproca nossos programas nucleares, sedimentamos uma relação de amizade e confiança que é um exemplo para o mundo e que hoje estamos celebrando.

Mas este compromisso também nos remete para o futuro. Os entendimentos que estamos adotando, hoje, aprofundam, atualizam e aceleram nossa agenda bilateral em toda sua vitalidade e abrangência. Os acordos que estamos assinando potencializam os resultados práticos que alcançamos na geração de crescimento, empregos e bem-estar para os nossos povos. A declaração conjunta sobre política nuclear que o presidente Kirchner e eu acabamos de subscrever aprofunda o empenho de nossos países em um projeto partilhado do desenvolvimento, assentado na cooperação pacífica e no diálogo transparente.

Mais do que nunca, estamos convencidos de que não há saída individual para nossos países, apenas soluções coletivas. Por meio de dois protocolos decidimos avançar na pesquisa, produção na regulamentação nuclear, sempre como os olhos postos na independência energética e na autonomia tecnológica. A mesma busca de sinergia está na origem dos demais instrumentos que estamos adotando agora.

Vamos desenvolver um satélite brasileiro e argentino para monitorar nosso patrimônio ambiental. Criaremos centros de pesquisas para promover o intercâmbio de conhecimento em setores fundamentais, como nanotecnologia e os medicamentos genéricos. Exploraremos nossas complementaridades também na esfera militar. Vamos realizar exercícios conjuntos e coordenar nossa participação em operações de paz, como estamos fazendo no Haiti.

Estamos empenhados em consolidar a infra-estrutura de transporte e de energia, que aproxima nossos países e une nossas regiões. Temos de



encontrar respostas conjuntas para facilitar o nosso comércio. Por isso, o Brasil está considerando participar da implementação do gasoduto do nordeste argentino e avança os estudos conjuntos para a construção da hidrelétrica de Garabi.

Dentro de poucos dias estaremos reunidos em Montevideu para dar seguimento ao nosso projeto prioritário de fortalecer o Mercosul e consolidar a Comunidade Sul-Americana de Nações. O presidente Kirchner e eu concordamos que a Argentina e o Brasil são o eixo central desse processo. Estamos na origem do Mercosul e temos especial responsabilidade pela construção de um espaço continental de paz, estabilidade e prosperidade. A integração é muito mais do que o aumento do comércio. Adotamos uma política de exportação que fortalece o mercado interno, gerando emprego e renda e combate à exclusão social.

Estamos articulando políticas agrícolas e industriais que reduzem os custos de fazer negócios entre nossos dois países e com terceiros sócios, eliminando entraves burocráticos e padronizando os procedimentos. Exemplo disso é o programa de trabalho que Argentina e Brasil estão concluindo para uniformizar seus sistemas nacionais de controle fito-sanitário. Essa iniciativa vai no sentido de minha proposta de que todos os países da América do Sul coordenem ações de combate a endemias que afetam a todos, como a febre aftosa. Argentina e Brasil formam uma parceria entre iguais, mas que respeitam as especificidades e necessidades de cada um.

O Brasil quer como sócia uma Argentina forte e confiante, guiada pela criatividade de sua gente e pela reconhecida vocação manufatureira e capacidade técnica de sua indústria. Por meio de cadeias produtivas binacionais estamos forjando laços de integração centrados na inovação tecnológica e nos ganhos de competitividade. Queremos a parceria da Argentina na abertura de novas fronteiras de comércio exterior, atraindo investimentos e internacionalizando nossas empresas.



Por isso, apoiamos o governo argentino nas negociações com o Fundo Monetário Internacional, para garantir a reindustrialização de sua economia e preservar os importantes avanços na geração de crescimento e de emprego nos últimos dois anos. Sabemos que a verdadeira integração começa com o nosso cidadão. O espaço econômico que estamos criando vai além do fluxo de bens, serviços e investimentos. É um espaço de união que se completará quando estiver plenamente assegurada a livre circulação de pessoas. Por isso, estamos aumentando as facilidades de residência de brasileiros e argentinos, reciprocamente.

Estamos garantindo a igualdade de direitos civis, inclusive com respeito ao trabalho. Nossas fronteiras são a vanguarda desse processo de construção de uma verdadeira cidadania regional. Vamos criar localidades fronteiriças vinculadas, ou seja, espaços onde argentinos e brasileiros tenham todos os direitos de seus vizinhos, inclusive o acesso à educação, ao trabalho e à saúde. Os projetos conjuntos que estamos avançando em matéria de educação, cultura e esportes são o microcosmo do que temos de melhor e do que poderemos realizar juntos.

Mas o aprofundamento de nossa relação bilateral não pára em nossas fronteiras. Está no cerne dos grandes projetos de política externa dos dois países. Da integração bilateral passamos ao Mercosul, de nosso bloco sub-regional avançamos para a Comunidade Sul-Americana de Nações. Como região, desejamos ter uma inserção competitiva na economia mundial. Na ONU e OMC somamos nossas vozes para ajudar a modificar as regras e procedimentos dos principais foros multilaterais que não respondem aos nossos interesses e aos de nossa região.

Em 1910, Roque Sáenz Peña disse, sobre o Brasil e a Argentina: “Tudo nos une e nada nos separa”. Foi considerado um idealista. Hoje nossos países estão cada vez mais unidos pela coincidência de valores e interesses essenciais, como a busca do desenvolvimento e do bem-estar de nossos



concidadãos e dos demais povos da América do Sul. Por isso, confio que os vínculos de cooperação, integração e amizade que unem o Brasil e a Argentina são parte de nossos objetivos nacionais permanentes e irrenunciáveis.

Meu querido amigo, presidente Kirchner,

Eu penso que o que estamos fazendo aqui hoje, possivelmente, seja mais do que tudo o que nós pensamos em fazer nesse pouco tempo em que você é presidente da Argentina e que eu sou presidente do Brasil. Afinal de contas, três anos parece tanto para quem está na oposição, mas é tão pouco para quem está na situação, que há uma contradição. Entretanto, eu quero fazer justiça ao comportamento do presidente Kirchner que, em nenhum momento, mesmo nos momentos em que Brasil e Argentina tiveram divergências setoriais, mesmo nos momentos em que setores empresariais de um ou de outro país achavam que estavam sendo prejudicados, mesmo muitas vezes tendo necessidade de discordar, em nenhum momento o presidente Kirchner, em nenhuma reunião de que participamos, em nenhuma conversa que tivemos, deixou de acreditar, um milímetro sequer, que nós poderíamos avançar na integração Brasil-Argentina, fortalecer o Mercosul, criar a Comunidade Sul-Americana de Nações, se expandir pela América Latina e fazer com que a força da Argentina e a força do Brasil, trabalhando conjuntamente, pudessem nos dar força para melhor negociar, sobretudo na Organização Mundial do Comércio. Todas as vezes que alguém se queixa que tem problemas da Argentina com o Brasil eu fico sempre dizendo aos meus ministros, à imprensa, que nós, mais do que ninguém, precisamos compreender que a Argentina precisa fortalecer a sua indústria; mais do que ninguém a Argentina precisa recuperar a capacidade produtiva que já teve no nosso Continente e, quanto mais forte for a Argentina, mais forte será o Brasil; quanto mais forte for o Brasil, mais forte será a Argentina; e quanto mais forte for a Argentina e o Brasil, mais forte será o Uruguai, mais forte será o Paraguai, mais forte será a Bolívia e mais forte será toda a América do Sul.



Eu tenho a certeza de que o presidente Kirchner acredita, tanto quanto eu e outros presidentes, que nós apenas estamos colhendo aquilo que outros plantaram. Começou com Alfonsín, com o presidente Sarney, outros presidentes fizeram mais ou fizeram menos, os nossos diplomatas fizeram mais ou fizeram menos, mas alguém sempre deu uma contribuição, mesmo na divergência, para que a gente descobrisse a necessidade de avançar um milímetro a mais. Nós estamos colhendo o que a nossa gente plantou, nós estamos colhendo o que a nossa gente trabalhou, e não foram poucos anos, não foram poucas gentes. Portanto, aquilo que aos olhos dos pessimistas parecia impossível, está acontecendo hoje. Aqueles que muitas vezes venderam a idéia de que a Argentina e o Brasil não têm jeito, que são inimigos mortais e, portanto, não podem dar certo... a Argentina tem que ter uma relação privilegiada com outros países e o Brasil, também, com outros países. E nós teimamos em dizer, nós queremos, Argentina e Brasil, ter relações com todo mundo, não fazemos veto a nenhum país, mas não abrimos mão de que tudo começa pela grande relação entre Argentina e Brasil.

E quero dizer a vocês, agora, já que o clima está muito tenso do discurso, que a vida humana é uma coisa fantástica porque, de vez em quando, aparece o inesperado. Eu torço para um time no Brasil chamado Corinthians, que tem a maior torcida, eu acho, do futebol brasileiro, mas os cariocas acham que é o Flamengo que tem, mas, de qualquer forma, a maior torcida é de São Paulo. Era impossível, alguns meses atrás, alguém imaginar que pudesse ver um corintiano vestido com uma camisa do Boca Júnior, era inimaginável. De repente, o Corinthians contrata alguns jogadores argentinos e, dentre eles, o Carlitos Tevez. Olhe, o cidadão, obviamente que não é estilo Maradona, nem estilo Ronaldinho, mas o povo também não quer muito estilo, o povo quer muita garra. O dado concreto, Kirchner, é que se o Corinthians for campeão, eu vou te presentear com uma camisa do Corinthians, se for possível, quem sabe, com a camisa 10, se o Tevez não te der antes que eu.



Porque aquilo que parecia impossível, hoje virou uma coisa normal, ou seja, os brasileiros vendo nos jogadores argentinos um irmão, um parceiro. E veja, o Tevez virou a figura mais importante da torcida corintiana, que é a torcida do pobre, o Corinthians é um time pobre, é um time acusado pelos adversários de ser muito pobre. Entretanto, um dos espetáculos da humanidade é ver um jogo do Corinthians com o estádio lotado, pelo espetáculo que a torcida dá.

Então, eu fico imaginando, tudo começou com Alfonsín, com Sarney, depois vieram outros presidentes. Aí chega você, que não estava previsto ser presidente da Argentina, chego eu, que não estava previsto ser presidente do Brasil, e a gente começa a perceber o que está acontecendo na América do Sul. Olhem o retrato das eleições na América do Sul nesses últimos três anos e nós vamos perceber que, em nenhum momento histórico da América do Sul, a gente teve tanta possibilidade de ter uma América do Sul realmente voltada para a sua gente. Eu dizia a Kirchner, agora há pouco, “imagine o que significou a eleição do Chávez na Venezuela; imagine o que significa se o Evo Morales ganhar as eleições na Bolívia”. São mudanças tão extraordinárias que nem mesmo nossos melhores cientistas políticos poderiam escrever porque não tinha livros antecedentes mostrando que isso seria possível.

E eu tenho certeza, Kirchner, que o que você está fazendo na Argentina vai possibilitar que, em outros países, a gente possa colher mais gente progressista, mais gente comprometida com o povo e, quem sabe daqui a alguns anos, você e eu, já na idade do Sarney e do Alfonsín, poderemos ser convidados a participar de um ato e a gente poderá ver que os indicadores sociais da América do Sul são comparados aos indicadores sociais dos países mais ricos do mundo.

Muito obrigado pelo carinho e boa sorte a brasileiros e argentinos.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de encerramento do “Fórum Futuro 10 Paraná”**

Curitiba-PR, 30 de novembro de 2005

Permita-me tratá-lo de Sua Excelência o governador do estado, Roberto
Requião,

Meu caro Paulo Bernardo, ministro do Planejamento,

Meu caro senador Flávio Arns,

Deputado Irineu Colombo,

Senhor Luciano Ducci, prefeito em exercício de Curitiba,

Senhores prefeitos,

Secretários estaduais,

Secretários municipais,

Vereadores e demais lideranças políticas,

Senhor Mariano Lemanski, vice-presidente da Rede Paranaense de
Comunicação,

Senhor João Paulo Koslovski, presidente da Ocepar,

Darci Piana, presidente da Federação do Comércio,

Rodrigo Rocha Loures, presidente da FIEP em nome do qual
cumprimento todos os representantes das instituições que promoveram o
Fórum Futuro 10 Paraná,

Meus amigos, minhas amigas,

Não se impressionem com a quantidade de papel porque muito mais do
que um discurso que está por escrito, quero ter uma conversa com vocês.

Em primeiro lugar, queria dizer aos promotores deste Fórum que o



exemplo que vocês estão dando é extremamente promissor, na medida em que muito mais do que produzir um documento vocês despertaram, numa parcela da sociedade, no estado do Paraná, o desejo de participação e, muito mais do que o desejo de participação, despertaram nessas pessoas a confirmação de que se as pessoas são convidadas, se as pessoas são provocadas, as pessoas sempre têm uma contribuição a dar. Não importa que a qualidade não seja aquela que nós gostaríamos que fosse. O que é importante é que estejamos sempre permitindo que a sociedade se manifeste.

Eu não tenho dúvida nenhuma de que esse documento que vocês apresentaram, que o Requião me disse que a partir de agora será a bíblia de muitos governantes e de muitos candidatos a governantes, é isso mesmo, certamente, as pessoas estarão obrigadas a ler esse documento, até para poder discordar do documento ou fazer a disputa, demonstrando que têm conhecimento daquilo que foi a vocação dos participantes do Fórum, na elaboração das suas teses.

A segunda coisa é que nós estabelecemos, desde que tomei posse, um processo de participação sem precedentes na história do Brasil. Primeiro, com a constituição do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social que fizemos, com representações de empresários, de trabalhadores e de movimentos sociais, que têm se reunido e têm prestado inestimável colaboração ao Estado brasileiro.

Segundo, nunca nenhuma federação de empresários deste país, nenhuma confederação de empresários deste país, em qualquer momento da história do Brasil, teve a oportunidade de participar de eventos, às vezes convidados pelo Presidente da República, e de participar na elaboração de propostas, muitas das quais foram votadas, transformadas em projeto de lei, votadas no Congresso Nacional e que estão hoje prestando inestimáveis ganhos aos setores da sociedade brasileira.

Um exemplo mais típico é a Medida 255, aprovada no Congresso



Nacional, que era a 252, foi aprovada trazendo muito mais possibilidade de competitividade ao empresariado brasileiro.

Foi assim quando constituímos o Fórum Nacional do Trabalho, em que trabalhadores, empresários e governo aprovaram uma proposta a ser enviada ao Congresso Nacional, de mudança na estrutura sindical brasileira, que está lá para que os deputados e senadores possam votar. E assim, outras dezenas de medidas que tomamos para a participação popular, a criação da Secretaria de Comércio, envolvendo todas as federações estaduais que trabalham no comércio junto com a Confederação, por uma razão muito simples: nós estamos querendo passar a idéia, para a sociedade brasileira, de que o mandato de um presidente da República, de um governador, de um prefeito, é muito passageiro e o que vai ficar de sólido, ao terminar o seu mandato, é a relação que o Estado estabeleceu com a sociedade, a relação que o governo estabeleceu com a sociedade. Se essa relação foi produtiva, se essa relação foi democrática, se essa relação foi construtiva, certamente, qualquer governo que vier depois terá muita dificuldade de mudar porque trará desgastes políticos, apesar de que no Brasil as pessoas não se preocupam muito com isso.

De qualquer forma, as bases de participação da sociedade estão consolidadas no governo federal. Quando fizemos o PPA, em 2003, tivemos a participação de 2.700 entidades nacionais, nos 27 estados da Federação, na maioria dos municípios brasileiros, das capitais, para que a gente pudesse ter algum projeto que retratasse, senão a totalidade dos interesses do Brasil, pelo menos uma grande parte da cara do povo brasileiro e dos desejos brasileiros.

Agora, temos que ter em conta que nós cometemos erros e acertos que nós, muitas vezes, cobramos demasiadamente de um segmento da sociedade, nós temos muita facilidade de transferir responsabilidade de coisas que nós mesmos teríamos que fazer. O Brasil é mais ou menos assim.



Eu viajei 91 mil quilômetros de caravana, entre 1991 e 1993 e, na maioria das cidades em que eu chegava, quando procurava o prefeito da cidade ou procurava a Câmara de Vereadores, ou mesmo associações comerciais da cidade, eu tinha para cada uma dessas instituições uma única pergunta: “você, em algum momento, se juntaram para discutir a solução dos problemas de vocês?”. Nunca, não encontrei uma Câmara de Vereadores que tivesse feito sessões específicas para discutir as soluções dos problemas da sua cidade, porque é muito mais fácil ficar de um lado, pedindo, ou de outro lado, criticando o prefeito.

Segundo, nenhuma entidade, nesse período em que eu fiz a caravana, visitando 600 cidades, tinha feito qualquer discussão sobre um modelo de desenvolvimento, a saída para a sua cidade, porque no Brasil nós nos habituamos a transferir responsabilidade. É o prefeito que transfere para o governador, é o governador que transfere para o presidente da República, é o presidente da República... Antes, transferia para o FMI, como nós não temos mais acordo com o FMI, então não tem mais transferência. Fica conosco mesmo a responsabilidade das coisas que fazemos ou que não fazemos.

Acho extremamente importante, sem conhecer, mas só pela alegria de saber que 5 ou 6 mil pessoas participaram, em algum momento, na sua cidade, dizendo: “eu quero isso para a minha região, eu quero isso para a minha cidade, eu quero isso para o meu estado”. Sem conhecer o documento, eu quero dizer para vocês: já valeu a pena. E, certamente, toda vez que colocamos o povo para participar, nós erramos menos do que quando contratamos uma consultoria para meia dúzia de pessoas elaborarem a solução definitiva para os problemas da humanidade.

O documento é denso e, certamente, o documento é de qualidade. Pode ter defeitos mas, certamente, serão menores do que se tivéssemos encomendado a uma pessoa para produzir o documento.



A segunda coisa que eu acho importante dizer aqui é que eu já me habituei às críticas, às cobranças porque, na minha vida, eu cobrei tanto, eu critiquei tanto, que eu ouço as críticas com a mesma *finesse* com que ouço os elogios, porque faz parte do jogo democrático.

Agora, é importante que toda vez que façamos uma crítica... Eu aprendi uma coisa importante: toda vez que eu tiver que criticar alguém eu preciso, pelo menos, encontrar uma qualidade naquela pessoa para poder dar vazão à crítica que eu vou fazer depois. Pois bem, eu acho que, do presidente da República ao ministro da Fazenda, ao presidente do Banco Central, ao cidadão que está como ascensorista em um elevador deste prédio, todos nós estamos convencidos de que o Brasil precisa ter uma taxa de juros mais realista. Todos nós. Como todos nós gostaríamos que a dívida interna brasileira, que a dívida pública fosse um terço do que ela é hoje.

Entretanto, falar de política de juros hoje, apenas criticando, sem reconhecer que a média de juros, nesses três anos, é metade da média dos juros nos oito anos passados, é não permitir que as pessoas possam formular um melhor juízo de valor, até para fazer a crítica. Criticar a política econômica é uma coisa saudável, alentadora e, eu diria, reflexiva, para que todos nós pensemos o que fazer, é como colocar o guizo no pescoço do gato, é mais difícil do que teorizar. Entretanto, o que aconteceu com a economia brasileira nesses três anos? Logo que nós corremos o risco de perder novas décadas, nós estamos vindo de duas décadas perdidas, de 1980 ao ano 2000, tendo o começo de uma pequena recuperação no ano de 2002. Vocês devem ter acompanhado os dados da PNAD, que foi publicada nesta semana, devem ter acompanhado os estudos da Fundação Getúlio Vargas, ou seja, não é nenhuma coisa exuberante, mas há muito tempo nós não tínhamos três milhões e 800 mil empregos criados neste país em apenas 36 meses. Há muito tempo nós não tínhamos uma poupança interna... quando eu fui candidato a



presidente da República a poupança interna era 17% do PIB e hoje está 24% do PIB.

Meus companheiros do comércio, há quanto tempo não tinha tanto crédito para o consumo neste país? Somente o crédito consignado jogou no mercado, em 17 meses, 29 bilhões de reais. E essas pessoas que vão aos bancos pegar 2 mil, 1 mil, 2.500, não pegam para comprar dólar, muito menos para comprar alguma coisa, a não ser para comprar eletrodoméstico, uma roupa ou alguma coisa de interesse imediato de sua família.

Há quanto tempo a agricultura familiar não recebia a quantidade de dinheiro que recebeu nesses últimos 36 meses. Saímos de 2 bilhões e 400 milhões na safra que terminou em julho de 2003, para 9 bilhões de reais para a safra que vai terminar em julho de 2006. É pouco, mas é quase quatro vezes mais aquilo que era liberado, e não apenas pela quantidade de dinheiro, mas pela quantidade de contratos. Quem é agricultor, aqui neste estado, de cooperativa, sabe que 80% do dinheiro do Pronaf ficava no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, uma pequena parte vinha para o Paraná, pouco chegava a São Paulo e nada, praticamente nada, no Norte e no Nordeste. E, hoje, eu queria apenas lembrar, porque eu acho que as pessoas, se não têm as informações adequadas, não podem fazer juízo de valor para saber o que aconteceu.

Nós saímos de 900 mil contratos que existiam na agricultura familiar brasileira para 1 milhão e 700 mil contratos. E vamos chegar a 2 milhões de contratos na safra. Estados como no Nordeste, os contratos cresceram 182%, 381% e até 400%, porque nós descobrimos que era preciso nacionalizar.

Aqui no Paraná deve fazer três anos que vocês não lêem uma matéria no jornal dizendo que foram criadas frentes de trabalho no Nordeste por causa da seca. Não deixou de existir seca no Nordeste, o que existe é política pública, o que existe é política de compra do alimento do pequeno agricultor, o que existe é compra do leite até o produtor que produz cem litros, o que existe



é seguro agrícola que, numa semana, cuidou da seca do sul do país como há muitas décadas não era cuidada.

Eu não tenho culpa porque só peguei o governo há três anos, ainda não faz três anos, falta um mês para fazer três anos. Mas o seguro agrícola poderia ter sido criado dez anos atrás, 15 anos atrás, e aí todos os agricultores brasileiros poderiam dormir sem medo das intempéries. Chova ou faça sol, se tiver prejuízo, nós vamos ter como bancar a nossa agricultura. Nós criamos o seguro agrícola. E vai precisar de um tempo para que esse fundo tenha recursos para que a gente possa cumprir aquilo que nós temos que cumprir.

Muita gente fala assim para mim... eu estou desde janeiro, até um pouco antes, ouvindo as pessoas dizerem: “o câmbio está matando as exportações. É preciso mudar a política de câmbio.” E todo mês nós batemos recorde de exportação. Aquilo que era impensável pelo mais otimista empresário do Paraná, pelo mais produtivo empresário do Paraná, pelo mais economista empresário do Paraná, aquilo que era imprevisível três anos atrás, que ninguém previa, aconteceu. O Brasil está perto de chegar a 120 bilhões de dólares na sua política de comércio exterior. Por favor, não se esqueçam que quando nós ganhamos as eleições nós exportávamos 60, e que nós dobramos isso. E não dobramos porque ficamos esperando alguém vir comprar aqui, não. Nós dobramos porque nós resolvemos fazer aquilo todo dia na campanha, transformar o Ministério da Indústria e Comércio, o Itamaraty e o Ministério da Agricultura em verdadeiros mascates ambulantes com os produtos brasileiros embaixo do braço, vendendo pelo mundo.

Eu me lembro, como se fosse hoje, quando eu disse que nós íamos priorizar a política de integração para a América do Sul. Aqueles que têm uma mente colonizada e que achavam que o Brasil só tinha que manter relações com os Estados Unidos e com a União Européia escreveram vastos editoriais, de que nós íamos fazer, mais uma vez, a política tupiniquim, voltar as costas para os ricos e dar atenção aos pobres.



A nossa política de comércio exterior com a América do Sul cresceu 86%. Hoje, a América do Sul, o conjunto da América do Sul, é maior do que as exportações que nós temos para muitos países ricos. E vamos continuar fazendo muito sem permitir que, às vezes, um problema localizado num setor faça com que um governo mude a totalidade da sua política para atender a um segmento. Primeiro, precisamos saber o que está acontecendo naquele segmento para que a gente possa, juntos, encontrar a solução.

Em setores industriais no Brasil, há quantas décadas que a indústria brasileira não tinha mais lucro que os bancos? Pela primeira vez, em 23 anos, um conjunto de empresas brasileiras teve mais lucro que os bancos. Não que os bancos não estejam ganhando dinheiro, estão, eu prefiro os bancos ganhando dinheiro do que dando prejuízo porque nós sabemos o que foi o Proer para os cofres públicos brasileiros, quantos bancos estão quebrados. Nós sabemos quanto custa. Então, é apenas a gente fazer um balizamento, saber o estado em que o paciente entrou no hospital, o estado em que ele está, para a gente saber o estado em que ele pode sair. E aí é que entra a responsabilidade do governante, que tem que tomar as medidas no momento certo, de forma adequada.

Eu brinco sempre com os empresários. Eu digo: as pessoas são fantasticamente ricas em criatividade, porque eu passei dez anos da minha vida fazendo debate e ouvindo que o câmbio tinha que ser flutuante. Mas se o câmbio é flutuante, ele flutua, não tem jeito. Ele não pode é flutuar apenas por interesse de uns, ele tem que flutuar de acordo com a tendência.

Outra coisa que, às vezes, me machuca muito é citar a China como exemplo. Não faça isso, porque a China é um país fantasticamente grande, de uma produção extraordinária, de um crescimento extraordinário mas, certamente, nenhum de vocês gostaria que as condições do Brasil fossem as da China. Não vamos olhar apenas para o crescimento, vamos olhar para o conjunto dos problemas e das soluções que encontrou a China. Eu acho que



nós poderíamos olhar países iguais ao Brasil e perceber também a situação de cada um, para que a gente possa encontrar as soluções em função da realidade de cada país. Que nós precisamos melhorar, precisamos, e muito; que nós precisamos crescer, precisamos, e muito; que nós precisamos aumentar as exportações, precisamos, e muito; que nós precisamos gerar empregos, precisamos, e muito. Agora, não tem mágica. Se eu pudesse fazer tudo isso por Medida Provisória, eu já teria feito. Eu tenho que fazer de acordo com as possibilidades e, o passo, de acordo com o tamanho de minha perna porque senão eu vou ter uma distensão e vou ficar fora de campo muito tempo.

O que nós poderíamos nos perguntar é como um país ainda continua crescendo, e não me assusta porque teve um decréscimo do PIB no terceiro trimestre. Para mim foi ruim, eu gostaria que tivéssemos crescido um monte por cento, mas não crescemos. Mas nós temos que nos perguntar: que país resistiria em função da crise política que estamos vivendo, que país resistiria? Que sociedade extraordinária é esta que está vendo todos os dias na televisão, de manhã, de tarde, de noite, nos jornais: sicrano acusa fulano, que acusa beltrano, e depois ninguém vai provando, alguns são provados, os que são provados e estão no governo, nós exoneramos ou abrimos processo. Mas tudo isso tem um tempo, até porque nós defendemos que todo mundo seja julgado decentemente, porque isso faz parte do processo de direito num país.

Eu continuo, meus senhores, com muito otimismo, tanto ou mais do que quando eu entrei no governo, porque eu passei três anos esperando a pesquisa do IBGE para mostrar a PNAD, e a PNAD mostra que nós tivemos uma evolução em todos os quesitos analisados, crescimento da massa salarial... Sabe quantos anos fazia, Governador, que o movimento sindical brasileiro não fazia acordo com ganho real de salário? Muitos anos. Eu fui um bom dirigente sindical no Brasil, fiz as greves mais importantes deste país e me contentava em voltar a trabalhar se não perdesse os dias. Este ano, 85% dos acordos salariais foram acima da inflação. Aliás, estou vendo uma pessoa com



a camisa da CUT, ali, que pode dizer isso, 80. Isso demonstra que alguma está andando, e está andando firmemente, porque uma coisa de que nós temos que ter clareza é que nós criamos as condições para ter um ciclo de longo prazo de crescimento. Não precisa crescer a dez num ano e zero no outro ano, não. Se crescer dez anos 4% ou 5%, nós vamos recuperar aquilo que nós perdemos durante 20 anos de estagnação ou crescimento muito medíocre. E eu penso que nós estamos próximos disso.

Eu quero dizer para vocês que, independentemente do processo eleitoral do próximo ano, eu estou muito otimista com 2006. Tem gente mais nervosa, tem gente mais irritada, porque tem gente que acha que: “pelo amor de Deus, esse negócio de democracia é muito ruim, permite até que um metalúrgico ganhe as eleições, isso não é bom.” E aí ficam nervosos. Sabem, nós não temos que nos preocupar com isso porque a democracia brasileira está consolidada e as instituições estão se consolidando. Por isso, a gente não tem que ter a preocupação se vai investigar A, B ou C.

Neste país todo mundo pode ser investigado, todo mundo pode ser processado e todo mundo pode ser julgado. O que nós achamos que a sociedade brasileira não aceita é alguém querer truncar o funcionamento das instituições democráticas. E quero dizer para vocês: tem muita gente no Brasil torcendo para o “quanto pior, melhor”.

Eu sempre faço comparação com time de futebol. Certamente, domingo, a torcida do Internacional estava pedindo a Deus para o Grêmio não ganhar do Náutico. Certamente, aqui no Paraná, deve ter torcida de outros times, que não do Curitiba, que estão torcendo para o Internacional ganhar do Curitiba, para ele cair, ou seja, é pura maldade. É a gente torcer para a desgraça dos outros, na verdade, esse é um dos males da política brasileira. Aquele que perde, faz uma corrente negativa contra o que ganha. Eu não sei qual é a corrente negativa aqui contra você, Requião, mas pode ficar certo porque ao invés de as pessoas exigirem, cobrarem para que as coisas melhorem, as pessoas ficam



torcendo para não dar certo.

Então, eu quero dizer para vocês, e vocês devem estar percebendo, pela quantidade de tempo que eu falei, que eu sou um homem consciente do papel que o Brasil joga no mundo, hoje. Eu sou um homem consciente da importância que o Brasil tem na América do Sul, sou um homem consciente do papel que o Brasil joga na Organização Mundial do Comércio, sou um homem consciente da importância do crescimento, da participação da sociedade brasileira e, sobretudo, dos mais pobres. E eu acho que não tem retorno, eu acho que o Brasil está se consolidando como uma Nação (a água chegou um pouco tarde, agora que eu vou parar de falar...) Mas eu acho que o Brasil está numa situação extremamente importante. Há um ciclo virtuoso no Brasil, não tanto quanto nós gostaríamos mas, vejam, em que momento da história do Brasil nós crescemos sem inflação alta? Em que momento da história do Brasil nós exportamos sem asfixiar o mercado interno? Em que momento do Brasil a gente combinou crescimento econômico, mesmo não sendo aquilo que a gente gostaria que fosse?

Eu vivi no Brasil no tempo do crescimento, no tempo pior da política, que foi nos anos 70 do governo Médici, com um crescimento de 10% na economia, era pleno emprego. Tinha dólar sobrando no mercado. E nós, até hoje, estamos pagando a conta do desajuste feito naquele momento. Eu trabalho para que a gente possa crescer o dobro do que estamos crescendo, trabalho para que o juro possa reduzir o máximo possível, trabalho para que a gente possa gerar o máximo de emprego que puder gerar, sobretudo com carteira profissional assinada. Pretendo voltar ao Paraná, não sei se uma ou duas vezes no ano que vem, sendo candidato ou não, uma para apresentar algumas propostas que precisamos fazer para melhorar as cooperativas brasileiras e a outra, talvez, mais rápido, para que a Petrobras anuncie aqui um investimento de 1 bilhão de dólares para fazer a Repar funcionar muito melhor.

No mais, eu queria terminar dizendo para vocês: eu estava cansado,



depois de uma reunião muito proveitosa com o presidente Kirchner, uma reunião que produziu extraordinários acordos com a Argentina, parece que a nossa unidade vai de vento em popa. E eu não queria vir aqui porque estava cansado, mas eu quero terminar dizendo para vocês: valeu a pena ter vindo no fechamento deste Seminário.

Muito obrigado.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na reunião do Consea

Palácio do Planalto, 29 de novembro de 2005

Primeiro, eu queria cumprimentar os companheiros e companheiras do Consea, que têm se dedicado esse tempo todo, não apenas em avaliar, mas em tentar construir propostas para que tenhamos, no Brasil, definitivamente, uma política de segurança alimentar com muita sustentabilidade e que seja uma coisa definitiva.

Quero também dizer a vocês que não é qualquer país do mundo que consegue produzir um conjunto de pessoas movidas apenas pela sua ideologia, pelos seus compromissos, que se dispõem a dedicar tanto tempo do seu ano para que a gente possa fazer as coisas serem discutidas como devem ser.

E, certamente, o governo deve ter mais para fazer do que já fez. Afinal de contas, nós ainda nem completamos 36 meses de governo e muita gente gostaria que nós já fizéssemos coisas como se nós tivéssemos há 36 anos no governo. São apenas 36 meses.

Uma vez eu vinha viajando com a ministra Nilcéa, do Rio de Janeiro para cá. Já faz tempo, logo no começo do governo. E tinha dado uma enchente não sei em que cidade, acho que no próprio Rio de Janeiro, e eu tinha visto muitas manifestações culpando o prefeito, culpando a governadora do estado. Quando se trata de enchente, não culpam o governo federal, só os entes federativos abaixo às vezes culpam. Eu dizia para a Nilcéa, é estranho porque eu vi um dos furacões que teve nos Estados Unidos, foram entrevistar um cidadão, a casa dele estava caída, ele, na frente da casa caída, e foram perguntar para ele: “quem é o culpado?” Ele falou: “olha, eu acho que Deus e a mãe natureza devem estar com algum problema conosco, porque eu não



posso culpar o governo, não posso culpar o prefeito municipal, porque o furacão foi de tamanha violência que, se até ele estivesse aqui na frente, seriam levados juntos”.

Então, eu acho que alguma coisa está acontecendo no planeta, porque está acontecendo muita coisa que a gente não consegue controlar. E eu digo que Freud sempre dizia: “as intempéries do ser humano, por mais que se prepare, quando tem uma reviravolta, ninguém consegue controlar”. E muitas vezes nós ficamos nervosos e culpamos alguém. E me lembro que a Nilcéa falou assim para mim: “Lula, você não reclame, porque você tem muita responsabilidade nesse negócio da gente culpar o que está mais próximo. Isso é uma cultura política que veio do movimento sindical, da igreja, do movimento social, ou seja, a gente está sempre descarregando em cima de quem está mais próximo, a culpa por aquilo que aconteceu. Então, se tem alguém no Brasil que não pode reclamar, é você.”

A partir daí eu me conformei, eu comecei a lembrar dos discursos que fiz a vida inteira por este país. Eu falei: bom, eu não posso reclamar quando as pessoas fizerem qualquer culpa, porque em algum momento eu e outros já tínhamos dito isso.

Mas eu penso que aqui, no Consea, cada um de vocês, preparados do jeito que foram para essa tarefa, que vocês livremente se puseram a participar, nós precisamos ser irradiadores de insatisfações para que o governo possa aprimorar as suas políticas, mas também irradiadores das coisas boas que vocês mesmos fizeram com que nós acertássemos.

E eu penso que muitas vezes nós trabalhamos com uma quantidade de desinformação de tal ordem que nós muitas vezes esquecemos das conquistas que nós já tivemos. Possivelmente porque não seja publicado de forma correta, possivelmente porque a gente não saiba informar corretamente. Mas alguma coisa nós precisaríamos saber, ou está faltando entre nós uma interatividade que possa permitir que a gente saiba das coisas como elas são



Eu quero começar com o texto e vocês, quem sabe, se estivessem num país, viajando pelo mundo, e chegassem num país, pegassem o jornal e lessem na primeira página a seguinte matéria: a concentração de renda naquele país que vocês estavam visitando, caiu em 2004 e atingiu o melhor resultado desde 1981. Houve uma forte redução da desigualdade porque a renda dos mais pobres cresceu. É o que mostra o instituto de pesquisa que revelou que este país melhorou também em itens como o número de trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria da condição de vida.

Um estudo de uma grande universidade deste país imaginário que eu estou falando, divulgado no dia 28, confirmou que a miséria nesse país imaginário caiu em 2004 e atingiu o nível mais baixo desde 1992. o número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população em 2003, para 25,08% em 2004. Em 1992 esse percentual era de 35,87%, considerado abaixo da linha da pobreza, que vocês já sabem.

Segundo o estudo, essa queda substantiva da pobreza foi movida por crescimento, em particular por distribuição de renda em 2004. O resultado deste fato se deve, principalmente, ao fato de que a participação na renda pelos 50% mais pobres, cresceu 3,2% entre 2002 e 2004, passando de 14,4 para 15,2 da renda total. Ao mesmo tempo em que os 5% mais ricos da população tiveram uma redução de 1,6%, passando de 33,8 para 32,5%.

Ainda nesse país imaginário, vocês iriam ler na primeira página do jornal: “ o rendimento médio manteve-se estável, a desigualdade de renda do trabalho reduziu com índice de Gini passando de 0,56 para 0,54. Aumentou o número de trabalhadores em 3,8 milhões, atingindo o maior nível de ocupação desde 1996. O nível de ocupação das mulheres foi o mais alto desde 1992; quase 2,5 milhões de trabalhadores com carteira assinada, aumentando a contribuição da previdência social; a taxa de desocupação caiu de 9,2 para 9,0; houve queda em todas as regiões do país; acréscimo de 1 milhão de novos



estudantes nas escolas, a taxa de analfabetismo caiu e melhora as condições de vida das pessoas.

Esse país imaginário que nós estamos vivendo é o Brasil, e é o Brasil que vocês ajudaram a construir, é o Brasil em que vocês ajudaram a produzir parte das políticas públicas que estão sendo implementadas agora e que, muitas vezes, nós por não termos informações, não falamos as coisas que nós mesmos ajudamos a fazer.

Qual é o milagre do Pronaf para a agricultura familiar neste país? O milagre do Pronaf não é apenas ter aumentado a quantia em dinheiro liberado, de 2,4 bilhões em 2003 para 6,2 bilhões em 2005, não é apenas isso. É que não apenas aumentamos em 4 bilhões o dinheiro do Pronaf na safra de 2004/2005, como pela primeira vez nacionalizamos o Pronaf. Eu vou dar um número para vocês aqui, porque muitas vezes nós nos esquecemos de falar. Na safra 2002/2003, a safra começa em junho e termina em julho, portanto, na safra 2002/2003, nós entramos em junho, entramos em janeiro de 2003 já estava pronto o dinheiro da safra. Com isso, no Sul do país, tinha 435 mil contratos, na safra do ano passado que, terminou em julho deste ano, nós fomos para 678 mil contratos.

Na região Sudeste, nós tínhamos 118 mil contratos, depois nós fomos para 236 mil contratos. No Centro-Oeste, que é a parte onde o Pronaf, ou pelo menos as pessoas precisam menos do Pronaf, porque tem mais concentração de terra, nós saímos de 30 mil para 57 mil na safra 2004/2005. No Nordeste, nós saímos de 285 mil para 568 mil contratos. No Norte, nós saímos de 35 mil para 98 mil contratos, ou seja, nós saímos de 904 mil contratos para 1 milhão 639 mil contratos. E queremos chegar na safra 2005/2006 com 9 bilhões, a 2 milhões de contratos. Mas se a gente for analisar a quantidade em dinheiro, é que a gente vai se dar conta de que houve uma evolução. Eu vou pegar sempre a safra 2002/2003, que foi quando nós entramos aqui.

No Sul do país, foi contratado, na safra 2002/2003, 1 bilhão, 206 milhões



de reais. Na safra do ano passado, que terminou em julho agora, foram contratados 2 bilhões, 887 milhões, um aumento de 145%. Na região Sudeste, nós tínhamos liberado, na safra 2002/2003, 390 milhões de reais. Na safra 2004/2005, nós liberamos 1 bilhão e 47 milhões, com um acréscimo de 179%. Na região Centro-Oeste, nós tivemos de 187 milhões, 2002/2003, para 381 milhões, um aumento de 82%. No Nordeste, nós saímos de 393 milhões, prestem atenção, 393 milhões para 1 bilhão, 266 milhões de reais na safra 2004/2005, tendo um aumento de 288%. Na região Norte do país, nós saímos de 201 milhões para 592 milhões, um aumento de 491%.

Esses dados aqui, que cada um de vocês precisará trabalhar, porque é uma arma que vocês ajudaram a construir neste governo, demonstra porque os nossos adversário do mundo político ficaram tão surpresos com os dados do Pnad. E os dados do Pnad não foram melhor porque nós tivemos 2003 muito apertado. E era o primeiro ano do nosso governo. Muita gente ficou surpresa. Mas o dado concreto é que não tem um único dado no Pnad que não seja um dado positivo da conquista do nosso governo e da sociedade brasileira. Isso significa melhoria da qualidade de vida, isso significa melhoria da segurança alimentar, significa que as pessoas estão comendo mais.

Vocês sabem qual é a coisa que o povo mais grita na rua, quando eu desço num aeroporto? É me agradecer por causa do quilo do arroz, porque estavam pagando 11 reais quando eu tomei posse e estão pagando, hoje, 4,90 reais. Isso não faz parte da segurança alimentar? Você fazer com que a comida chegue mais barata na casa das pessoas? E essa é uma conquista que vocês ajudaram a construir. Vocês ajudaram a construir, concordando ou discordando. Vocês ajudaram a construir e são testemunhas de que eu nunca vim numa reunião Consea, e nunca mandei para o Chico, nem para o Patrus, ou para qualquer ministro: diga para o Consea que o Consea tem que reconhecer o que o governo está fazendo. Não fiz e não vou fazer.

Agora, eu acho que vocês precisam reconhecer as conquistas que



tiveram. Vocês sabem quantos anos fazia que o movimento sindical brasileiro não conseguia aumento acima da inflação? Este ano, 85% dos acordos coletivos foram feitos acima da inflação, 85%.

A quantidade de empregos que nós geramos nesses 36 meses é mais do que foi gerado nos últimos dez anos no país. Lógico que nós precisamos mais, é lógico. Mas nós temos só 36 meses de governo. Nós não podemos ser responsabilizados por 25 anos, 22 anos, 10 anos da década perdida e, depois, mais dez anos de estagnação. Quem é que não lembra que o Brasil passou 20 anos estagnado?

Então, eu acho, meus companheiros, meu caro Chico, que nessa avaliação, vocês vão ficar dois dias discutindo, aqui, é importante que o pessoal saia preparado e armado com as informações para que as pessoas sintam orgulho do que estão fazendo. Porque senão as pessoas não vêem resultado do que ajudaram a produzir.

Nós, agora, estamos fazendo um estudo, que eu estou cobrando do Incra, pelo menos há um ano e meio, porque a gente trabalha com números muito fictícios. Neste país, habitualmente se cita números sem nenhum critério. E queria saber como é que anda a agricultura familiar no Brasil, hoje, porque a vida inteira eu cansei de fazer discurso: não adianta assentar 200 milhões, 200 mil, se 800 mil deixam o campo. Eu quero saber se com o Pronaf, se com o programa da assistência técnica, se com o programa da compra de alimentos, se com o programa Luz para Todos, se as pessoas estão saindo do campo. Eu quero saber, porque nós não temos esses dados.

Eu, às vezes, participando de palestras, não agora que eu sou Presidente, mas quando eu não era, a pessoas citavam as maiores barbaridades de números sem citar fontes. Eu me lembro de uma vez em que uma pessoa citou o número de abortos no Brasil. Era tão grande que era maior do que o número total de mortes que tinha no país. Então, é preciso que a gente tenha cuidado para a gente trabalhar com esses números com precisão.



E eu estou particularmente feliz.

Quando eu fiz o meu discurso de posse eu dizia que, se ao terminar o meu mandato, as pessoas estivessem almoçando, jantando e tomando café, eu já me daria por realizado. Possivelmente muito humilde, porque pode ser feito muito mais do que isso. Mas nós assumimos o compromisso de que neste ano nós iríamos chegar a 8 milhões e 700 mil famílias, e vamos chegar a 8 milhões e 700 mil famílias. E não chegamos mais rápido porque tem um problema de cadastro, porque trabalhamos com um cadastro muitas vezes difícil de ser organizado, depende de acordos com as prefeituras. Umas com muita boa vontade, outras com menos vontade. Mas o dado concreto é que o resultado está para quem quiser ver e nós precisamos utilizar isso como satisfação do trabalho que nós fizemos nesses três anos.

As conquistas, vocês sabem o que eu penso? Vocês sabem que eu fui um grande dirigente sindical. Modéstia à parte, eu fui um grande dirigente, porque não tinha outro, acho que era eu sozinho. Então, fui um grande dirigente sindical. Eu passei 20 anos da minha vida, 20 anos, nos melhores anos de 78 – o Marinho não veio, não é? De 1978 a 1982, depois entrou o Meneguelli em 1983, depois entrou o Vicentinho, depois entrou o Guido, depois entrou o Marinho. Vocês sabem como era parte da minha vida? Ser chamado a uma hora da manhã, duas horas da manhã, meio-dia, cinco horas da manhã, para ir na porta da fábrica conversar com os milhares de trabalhadores que eram mandados embora, era aos milhares. Teve um tempo em que a Volkswagen mandou, de uma vez só, 15 mil trabalhadores e não tinha o que fazer. A gente ficava lá chorando com os trabalhadores porque não tinha o que fazer, as empresas não iam readmitir e eu andava pelo Brasil inteiro, cada lugar em que eu chegava, eu dizia que o pessoal me achava “levanta moral”, o pessoal estava desempregado na porta de fábrica, era o Vicentinho entrando em greve de fome, eu ia.

Então, vejam, nesses 36 meses, nós já criamos mais empregos do que



nos últimos dez anos no Brasil, lógico que as pessoas falam: “mas poderia estar mais”. Poderia, poderia estar mais, mas não está. Ou seja, está naquilo que foi possível construir, porque muita gente faz o discurso mais fácil porque é melhor fazer o discurso mais fácil, é melhor. Eu não vou entrar em debate de política econômica aqui, porque tem muita coisa para ser discutida e aqui não é fórum para discutir política econômica.

Nós já tivemos dezenas de políticas econômicas no país, e vocês do Consea, que são quadros importantes na política nacional, precisam saber de algumas coisas, eu sei que tem economista aqui, até gostaria que vocês estudassem em que momento da economia do país, em que momento, podem pegar de 30 a 40 anos para trás. Nós tivemos um conjunto de fatores positivos combinantes entre si como nós temos agora? Em que momento histórico? Podem escolher o momento em que nós tivemos um conjunto de fatores funcionando ao mesmo tempo. Você tem crescimento econômico, crescimento das exportações, crescimento das importações, crescimento do emprego, crescimento da nossa balança comercial, crescimento do superávit de conta corrente. O que você tem reduzindo?

Agora começou a taxa de juros e você tem reduzindo a inflação, porque a inflação é um ganho para o trabalhador. Quem recebia o salário e não tinha conta em banco, porque na conta em banco você depositava numa conta remunerada, você nunca teve uma inflação de 40% ao mês. Mas quando o trabalhador recebia, naquela época 100 reais, e ele tinha que pagar suas contas, ele não tinha conta em banco remunerada, aqueles 100 reais desapareciam, ou seja, então (inaudível) é uma conquista dos trabalhadores brasileiros.

Qual é o valor da cesta básica hoje Chico? Qual é o valor da cesta básica hoje comparada a qualquer outro momento? Pode melhorar? É lógico que pode melhorar, pode melhorar, mas nós precisamos de mais tempo, nós ainda não terminamos os cálculos de 2005, não entramos em 2006 ainda, nem



terminamos 2006. Vamos pegar o que já foi feito para os Quilombolas no Brasil. Em algum momento histórico foi feito o que nós estamos fazendo? A Matilde pode conversar com vocês.

Em algum momento deste país tivemos tantas meninas e meninos negros na universidade? Só no ProUni foram 38 mil afrodescendentes. Em que momento histórico deste país teve 38 mil jovens negros entrando na universidade? Precisa mais? Precisa. Este ano tem mais ProUni, vai ter mais.

Então, eu penso que numa reunião de Consea, de final de ano, em algum momento, meu caro Patrus, é preciso fazer um balanço, um balanço correto que coloque as coisas que faltam ser feitas, mas que a gente não diminua as nossas conquistas, porque senão fica muito difícil a gente não valorizar o que nós conquistamos. E como nós, eu acho que em política, por mais que você faça, sempre estará faltando alguma coisa, e por mais que as pessoas conquistem sempre vai precisar mais um pouco. Não existe na história da humanidade, momento em que você está contente. Aumento de salário, você fica contente só no primeiro mês, no segundo mês você já está querendo 10% a mais, 5% a mais, 20% a mais.

Então, eu penso que essas coisas, em algum momento, Patrus, é preciso que os companheiros tenham as informações corretas porque o que foi feito, sobretudo na parte da agricultura familiar, eu penso que merece de vocês um orgulho muito grande, porque vocês participaram dessas discussões e sabem o que isso significa. Agora também tem que ter dimensão de tempo, e nós não tivemos todo tempo do mundo e, portanto, temos o tempo exíguo para fazer o que nós já fizemos.

Quero dizer para vocês que quero dizer para vocês que, para mim, a política econômica nunca foi empecilho para a política social. Vamos deixar claro que nós resolvemos um problema aqui, que os teóricos nunca tinham colocado para resolver, e nós colocamos, em 17 meses, 29 bilhões de reais no mercado para o consumo, independente da taxa selic, via crédito consignado.



Essa foi uma revolução no crédito brasileiro. Nós saímos de uma poupança interna de 17% durante a campanha de 2002, para uma poupança interna de 24%.

Então, eu penso que isso tem que ser discutido com os companheiros, porque senão nós ficamos discutindo sempre a comida que falta na mesa e não valorizamos aquela que enchemos o “bucha”.

No mais eu quero agradecer a vocês, porque vocês são parte dos meus acertos e podem ficar certos de que serão parte dos meus erros.

Muito obrigado.